



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS



FRANCYMARY DA SILVA SANTANA

A VIOLÊNCIA DE GÊNERO EM *O OLHO MAIS AZUL*, DE TONI MORRISON.

Francymary da Silva Santana

Teresina – PI

2024

FRANCYMARY DA SILVA SANTANA

VIOLÊNCIA DE GÊNERO EM *O OLHO MAIS AZUL*, DE TONI MORRISON.

Esta dissertação foi apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras, da Universidade Estadual do Piauí, como exigência para efetivar o grau de mestra.

Orientadora Prof^a. Dr^a. Margareth Torres de Alencar Costa

Teresina – PI

2024

S231v Santana, Francymary da Silva.

Violência de gênero em *O olho mais azul*, de Toni Morrison /
Francymary da Silva Santana. – 2024.
97 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Piauí – UESPI,
Programa de Pós-Graduação em Letras - PPGL, Mestrado Acadêmico
em Letras, *Campus* Poeta Torquato Neto, Teresina-PI, 2024.

“Orientadora: Prof.^a Dra. Margareth Torres de Alencar Costa.”

“Área de Concentração: Literatura e Cultura.”

1. Violência de gênero. 2. Racismo. 3. Literatura estadunidense.
4. Feminismo. I. Título.

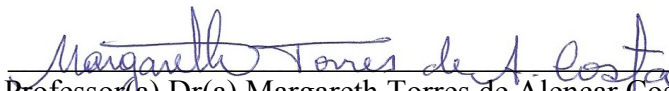
CDD: 810.95

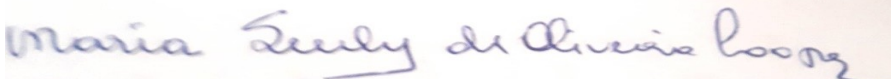


TERMO DE APROVAÇÃO

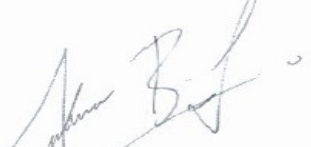
FRANCYMARY DA SILVA SANTANA

Esta dissertação foi defendida às 14:00h, do dia 26 de Março de 2024, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Piauí. A candidata apresentou o trabalho para a Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após a deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho APROVADO.


Professor(a) Dr(a). Margareth Torres de Alencar Costa – UESPI
Orientador(a)




Professor(a) Dr(a). Maria Suely de Oliveira Lopes – UESPI
Membro Interno



Professor(a) Dr(a). Anderson Claytom Ferreira Brettas – ISTM
Membro Interno

Professor(a) Dr(a). Luizir de Oliveira – UFPI
Suplente

Visto da Coordenação:



Dr. Franklin Oliveira Silva (Matrícula: 286.154-2)
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras da UESPI

TERESINA
2024

Dedico este trabalho a Deus, minha mãe, minha orientadora, meus irmãos, demais familiares e amigos que estiveram comigo, apoiando e incentivando, eles merecem toda dedicação,

consideração e respeito, por serem um pilar extraordinário em minha vida.

AGRADECIMENTOS

O sentimento de gratidão toma conta do meu ser, ele é nobre, transcende o reconhecimento e a certeza de conquistar aprendizados múltiplos, com passos ajustados e o pensamento na próxima etapa, o doutorado, pois o aprendizado nunca cessa.

A gratidão não pode sair de moda, mas ofertada aos que cruzam o nosso caminho. Ao longo desta trajetória, conheci pessoas únicas e tive experiências memoráveis através de autores que propiciaram a mudança na forma de me posicionar diante da vida.

Agradecer a Deus é o mínimo, Ele tem a legítima decisão de todas as coisas, o homem pode dar o primeiro passo, mas precisará de sua permissão, portanto, obrigada Deus por decidir e concretizar, a realização deste feito tão nobre.

Não poderia de deixar de mencionar uma das pessoas que muito me apoia e incentiva, sempre com uma palavra de ânimo, obrigada a minha mãe por me ensinar a ser firme, a não me acovardar diante das intempéries da vida e buscar ser uma pessoa melhor.

Gratidão a minha orientadora, Margareth Torres, pela orientação segura desde o início até agora, fomentando a concretização desta defesa da dissertação.

Agradeço ao PPGL pela oportunidade de cursar o mestrado, CAPES pelo apoio e incentivo à pesquisa, ao professor Dr. Franklin Oliveira pela generosidade, ao criar possibilidades múltiplas atendendo diversas demandas, aos professores do programa, pois foram impecáveis em suas atuações, sobretudo, o professor Elio Ferreira de Souza.

Valorizar a oportunidade da presença, convivência e parceria com os amigos mestrandos, cada um com a sua singularidade, anseios, dúvidas e companheirismo, um apoiando o outro, foi um privilégio conviver com vocês, em especial, o Sérgio Machado.

Agradecer aos meus familiares pelo apoio e incentivo, meus afilhados “*Vitim*” que nunca mediu esforços para ajudar-me durante a burocracia do processo online

e a *Ellen* que sempre teve um carinho especial e uma palavra genuína.

Reconhecer a magnitude dos professores que estiveram presentes na minha banca, Prof. Dr. Anderson Brettas e Prof^a. Dr^a. Maria Suely Lopes pela impecável contribuição.

Agradecer àqueles que soltaram minha mão quando mais precisei, vocês me fizeram compreender o tamanho da minha coragem e determinação de seguir em frente e a não desistir do meu propósito.

Enfim, agradecer a Toni Morrison pelo belo presente, o romance “*O olho mais azul*”(1970) que ressignificou a minha visão diante da vida, da violência de gênero e fez ecoar cada vez mais o desejo de contribuir de alguma forma com esta luta tão desigual.

Conforme ela mesma nos esclarece ao mencionar que “*Escrever é realmente uma forma de pensar – e não apenas sobre sentimentos, mas também sobre coisas que são díspares, não resolvidas, misteriosas, problemáticas, ou apenas doces.*”, referenciando a importância da escrita, e a reflexão de cada ser. Obrigada a todos!

“Eu não desejo que as mulheres tenham poder sobre os homens; mas sobre si mesmas.” (Mary Wollstonecraft, 1792)

“Nós morremos. Esse pode ser o sentido da vida. Mas nós fazemos a

linguagem. Essa pode ser a medida de nossas vidas.” (Toni Morrison, 1975)

RESUMO

Esta dissertação é bibliográfica e descritiva, descreve a representação da figura feminina negra dentro da obra *O olho mais azul* (1970), sendo o romance de Toni Morrison, resistente à violência de gênero e qualitativa, por avaliar de modo subjetivo as performances femininas em consonância ou não com os discursos patriarcalista vigentes, que tem como objetivo, promover uma discussão a respeito da obra, além de analisar a teoria da escrita sobre a violência de gênero, em sua amplitude, que será base para tal enfoque, assim como, a discussão sobre subjetividade e memória. Toni Morrison, foi a primeira e única escritora negra, a ganhar o prêmio Nobel de literatura. Sua obra é composta por 11 romances, textos infantis e ensaios. Ela ficou marcada por retratar em suas obras os negros do seu país, com foco, em dar voz e visibilidade a personagens femininas negras, rompendo barreiras excludentes impostas ao negro. Assim, têm-se como questões norteadoras os seguintes questionamentos: Como a obra *O olho mais azul*, de Toni Morrison, pode ser analisada no que concerne à violência de gênero? Como a violência de gênero, como teoria mais ampla, é composta pelas discussões sobre subjetividade? Quais características da obra *O olho mais azul* comprova a presença da violência de gênero, mais especificamente? Em tempos contemporâneos, a violência de gênero e seus desdobramentos ganham voz, demandando análises no campo das ciências da linguagem, portanto, a nossa análise sobre a violência de gênero nesta obra literária tem relevância perceptível, posto que as relações entre personagens, os espaços citados, a forma como o narrador disserta sobre os fatos podem ser associados ao contexto de vida da escritora. E para fundamentar nossa leitura usamos teóricas baseadas na teoria da violência de gênero, como sugere Patrícia Hill Collins (1990) Grada Kilomba (2019), bell hooks (2000), Audre Lorde (1984) e Djamila Ribeiro (2019). Bem como temáticas relativas à representação do gênero feminino na literatura como os estudos realizados por Sueli Carneiro (2018), Angela Davis (2016), Hall (2003). Quanto à questão de gênero, Perrot (2007), Beauvoir (1980), Butler (2003) e Toni Morrison (1970). Outra perspectiva, será identificar a memória traumática da personagem Pecola, através do rastreamento da violência de gênero em “*O olho mais azul*” (1970), sem deixar de discutir a relação entre os elementos ficcionais da obra como os fatos de vida do próprio leitor, uma vez que esta realidade perpassa gerações e em certas ocasiões, deixa o ineditismo de lado e passa a ser vista como uma situação corriqueira, sem grande importância para o meio, invalidando aspectos básicos como a não aceitação da perpetuação da violência de gênero e o silenciamento forçado.

Palavras-chave: Violência de gênero; Resistência; Racismo; Literatura estadunidense; Feminismo.

ABSTRACT

Cette thèse est bibliographique et descriptive, elle décrit la représentation de la figure féminine noire dans l'œuvre "L'œil le plus bleu" (1970), étant le roman de Toni Morrison, résistant à la violence de genre et qualitative, pour évaluer subjectivement les performances féminines en ligne ou pas avec les discours patriarcaux actuels, qui visent à promouvoir une discussion sur l'œuvre, en plus d'analyser la théorie de l'écriture sur la violence de genre, dans son ampleur, qui sera la base d'une telle approche, ainsi que la discussion sur la subjectivité et la mémoire. Toni Morrison a été le premier et le seul écrivain noir à remporter le prix Nobel de littérature. Son œuvre comprend 11 romans, textes pour enfants et essais. Elle était connue pour représenter les Noirs de son pays dans ses œuvres, en mettant l'accent sur la voix et la visibilité des personnages féminins noirs, brisant les barrières imposées aux Noirs. Ainsi, les questions suivantes sont considérées comme des questions directrices: Comment l'œuvre de Toni Morrison "The Bluest Eye" peut-elle être analysée en termes de violence de genre ? Comment la violence de genre, en tant que théorie plus large, est-elle aggravée par des discussions sur la subjectivité? Quelles caractéristiques de l'œuvre "The Bluest Eye" prouvent plus spécifiquement la présence de violences de genre ? À l'époque contemporaine, la violence de genre et ses conséquences gagnent en voix, exigeant des analyses dans le domaine des sciences du langage. C'est pourquoi notre analyse de la violence de genre dans cette œuvre littéraire a une pertinence perceptible, puisque les relations entre les personnages, les espaces évoqués, la manière dont le narrateur les discussions sur les faits peuvent être associées au contexte de vie de l'écrivain. Et pour étayer notre lecture, nous avons utilisé des théories basées sur la théorie de la violence de genre, comme le suggèrent Patrícia Hill Collins (1990), Grada Kilomba (2019), bell hooks (2000), Audre Lorde (1984) et Djamila Ribeiro (2019). Ainsi que des thèmes liés à la représentation du genre féminin dans la littérature, comme les études réalisées par Sueli Carneiro (2018), Angela Davis (2016), Hall (2003). Quant à la question du genre, Perrot (2007), Beauvoir (1980), Butler (2003) et Toni Morrison (1970). Une autre perspective sera d'identifier la mémoire traumatisante du personnage de Pecola, à travers la projection de la violence de genre dans "O Olho Mais Azul" (1970), sans oublier de discuter de la relation entre les éléments fictionnels de l'œuvre et les faits de la vie du lecteur lui-même, une fois que cette réalité imprègne les générations et, à certaines occasions, laisse de côté la nouveauté et est considérée comme une situation banale, sans grande importance pour l'environnement, invalidant des aspects fondamentaux tels que la non-acceptation de la perpétuation de la violence de genre et des silence forcés.

Mots clés: Violence de genre; Résistance; Racisme; Littérature américaine; Féminisme.

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	11
2 CAPÍTULO 1: VIOLÊNCIA DE GÊNERO E SEUS DESDOBRAMENTOS ...	22
2.1 Revisão da literatura ou estado da arte	28
3 CAPÍTULO 2: TONI MORRISON SOB O OLHAR DA CRÍTICA	37
3.1 A década de 1940 nos Estados Unidos: histórico da situação dos negros e da mulher negra neste contexto.....	41
4 CAPÍTULO 3: O OLHO MAIS AZUL: MERGULHANDO MAIS A FUNDO. .	44
4.1 A maternagem segundo a ótica de Toni Morrison.....	46
4.2 O patriarcalismo	55
5 CAPÍTULO 4: A ANÁLISE DE O OLHO MAIS AZUL	59
5.1 Análise das personagens de O olho mais azul	75
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
7 REFERÊNCIAS.....	93

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Esta dissertação de mestrado consiste em investigar a respeito da violência de gênero e mais especificamente o trauma e memória presentes na obra “*O olho mais azul*” (1970), da escritora norte-americana Toni Morrison, a qual se debruça em apresentar, uma narrativa memorialística, a trajetória de Pecola Breedlove, personagem principal de “O olho mais azul”, trata-se de uma criança retinta, que rezava para ter olhos azuis, pois como era zombada pelas outras crianças por ter uma pele negra e cabelo crespo, a menina ansiava por se encaixar no padrão de beleza da sociedade americana dos anos 1940: ela queria ser branca e loira, assim como a atriz mirim Shirley Temple, na tentativa de ser aceita e bem quista na sociedade, porém, à medida que crescia seu delirante e inconsciente desejo de aceitação, Pecola se via presa a uma realidade cada vez mais violenta, deixando-a cada vez mais à margem da sociedade excludente.

Toni Morrison transporta para a personagem principal da obra, Pecola, uma espécie de alter ego, em torno de suas particularidades de luta e resistência feminina, bem como nuances mais específicas, que podem ser associadas a sua vida com o intuito de externar aspectos vivenciados por ela mesma, através da própria personagem como a discriminação racial e consequente exclusão por ter uma pele retinta, possuir cabelo crespo, viver em um ambiente inóspito, quando criança, ser mulher e não pertencer a uma família abastada, denunciando de forma explícita, a realidade da condição de vida das mulheres negras, independentemente da faixa etária.

Morrison ressalta em sua obra a negritude em desfavor dos personagens brancos, assim serão avaliadas as consequências de negar a supremacia do olhar branco. O romance ressalta o esforço empregado pela personagem Pecola Breedlove para ser aceita socialmente, pois a maioria das pessoas a rejeitam em virtude de sua aparência e tom de pele, alimentando a ideia de que a única maneira de ser bem quista e respeitada pela sociedade, seria ter os olhos azuis. Além disso,

personagens como Claudia, Frieda, Pauline e Geraldine enfrentam os conflitos do dia a dia através do embate contra os ideais de serem vistas que as aprisionam, ferem-nas, tornando-as socialmente invisíveis.

A escolha do romance *O olho mais azul* (1970) se deu pela percepção de que ela é analisada com mais ênfase em teorias das relações de gênero e questões de pós-colonialidade, por conter discussões sobre resistência feminina e sobre racismo. Assim, nossa proposta é romper com esses limites, perceber a relação do próprio enredo da obra com as experiências da autora, e como essas experiências puderam ser ficcionalizadas desafiando o lugar de protagonista da mulher negra, ao dar ênfase em sua própria história.

Enquanto pesquisadora, foi possível ter o olhar voltado para a escolha deste objeto de estudo alicerçado ao fato e/ou experiência pessoal, o qual compõe o cenário em que lembra a destreza de Pecola, enquanto esta desvenda a importância da resistência para manter-se viva em meio a um cenário desprivilegiado, embora de forma inconsciente. Em uma realidade que a violência de gênero reverbera, como tantas vivenciadas por ela. Assim como tantas mulheres, tive o desconforto de partilhar uma vivência pouco favorável no âmbito laboral, o qual a mulher, independentemente da sua cor de pele, faixa etária ou classe econômica é por vezes inferiorizada, pois segundo o sistema patriarcalista, ela é vista como “menor, incapaz” e até mesmo subalternizada, segundo os moldes da visão antropocêntrica.

Durante minha trajetória trabalhista no âmbito privado, pude sentir de perto as inquietações do universo masculino frente a esta caminhada acadêmica, a qual versava o mestrado. Logo de início, fui condicionada a compreender que não haveria espaço para dois feitos: estudar e trabalhar, pois tal dedicação exigiria sacrifícios e renúncias os quais não seriam tolerados naquele espaço.

Dias depois, sem ao menos poder escolher, fui surpreendida com a opressão pulsante e forte, rompendo minha trajetória trabalhista tendo uma pausa inoportuna, sendo cravada e assinada pela figura masculina, deveras incomodado com a aprovação do mestrado, o qual não se preocupava em disfarçar e nem ao menos viabilizar uma opção ou estratégia para conciliar trabalho e estudo. Ali ficava estampado e perceptível a violência de gênero sendo exercida com altivez, pois aquele universo misógino, pouco qualificado, não suportaria a ideia de ver uma mulher avançando um degrau pouco procurado pelos componentes daquele grupo composto em sua maioria por homens, mas que segundo suas concepções, de fato e de direito

deveria ser destinado e ocupado por eles sem ressalva.

Não importa o feito da mulher ou a que esta se dedique, dentro do espaço patriarcalista, dificilmente haverá honrarias para ela, sua aparição será limitada ou quase nula, porque a resistência masculina em suportar a mulher ocupando um lugar reverberando poder, ainda é uma realidade pouco defendida e aceita no universo masculino, pois esse viés foi ensinado e condicionado aos homens desde sua tenra idade a acreditar que a mulher não pode e nem deve sobrepor-se ao homem.

Desde então, o apreço pela escrita desta dissertação acerca da violência de gênero passou a ser indubitável, porque esta causa precisava ser dissipada, conscientizada e defendida com mais afinco, assim, fechar portas para mulheres que buscam avançar no âmbito acadêmico certamente não será a melhor solução para a preservação da misoginia e sistema patriarcal.

Nesse sentido, principalmente em tempos contemporâneos, a violência de gênero ganha voz, demanda análises no campo das ciências da linguagem, portanto, a nossa análise sobre a violência de gênero em uma obra literária tem relevância perceptível, posto que as relações entre personagens, os espaços citados, a forma como o narrador disserta sobre os fatos podem ser associados ao contexto de vida da escritora.

Desse modo, a proposta deste estudo em questão tem muito a contribuir com as pesquisas sobre a teoria dos Estudos culturais e sobre a violência de gênero, bem como com as discussões sobre a referida obra, a um tempo em que as abordagens mesclam enredos com as vivências pessoais de forma relevante. Assim, por meio do narrador, personagem e demais elementos narrativos, da obra "*O olho mais azul*" (1970) discute questões amplamente analisáveis, de modo a ser uma obra relevante com teorias que fundamentem a abordagem.

A obra além de visibilizar a resistência feminina, bem como a escrita da mulher excluída socialmente, uma vez que esta precisou passar por inúmeras situações dolorosas, embaraçosas, conflitantes e até humilhantes, para tentar alcançar reconhecimento como ser humano, e, sobretudo como mulher digna de respeito. Inúmeros esforços foram feitos, para a mulher negra ser reconhecida, principalmente no ambiente em que prevalece o sexismo, o qual fica visível a opressão de classe. É notório que a negação do diferente é uma estratégia da colonização, com o intuito de subjugar e silenciar as vozes femininas negras, além de reafirmar que as mulheres negras são posicionadas nas estruturas de poder de maneira diferente em

relação às mulheres brancas.

Ao fomentar o discurso sobre a identidade, Djamila Ribeiro (2017), ressalta sobre a posição de favorecimento dos seres brancos, se considerem como totalidade e todos os outros como especificidade. Logo afirma:

“Essa insistência em não se perceberem como marcados, em discutir como as identidades foram forjadas no seio de sociedades coloniais, faz com que pessoas brancas, por exemplo, ainda insistam no argumento de que somente elas pensam na coletividade.” (Ribeiro, 2017, p. 31).

Seria este um dos subterfúgios utilizados pela branquitude com o intuito de silenciar, excluir o dilema dos negros inclusive suas invenções literárias, pelo fato de sentirem-se privilegiados.

As pessoas que pretendem conhecer os movimentos pautados nos direitos da mulher negra perceberão uma lacuna relacionada aos modelos negros, nos quais fica inviável espelhar-se, não por falta de pessoas atuantes, mas pela pouca visibilidade dada às feministas e escritoras negras. É preciso que haja a iniciativa no tocante a busca por figuras inspiradoras, caso contrário, os nomes mais exaltados como: Toni Morrison, Angela Davis, bell hooks, Kimberlé Williams Crenshaw, Patricia Hill Collins, Audre Lorde, Sueli Carneiro, Nilma Lino Gomes, Jurema Werneck, Lélia Gonzalez, Luiza Bairros, Nilza Iraci, Beatriz Nascimento e Djamila Ribeiro ficarão adormecidos.

Este trabalho versa sobre a análise da obra *O olho mais azul* (1970) sob a ótica dos Estudos culturais que primam por reverberar um discurso crítico e autorreflexivo de modo a contribuir com a descrição e conclusões finais a partir dos textos construídos, segundo a cultura e ideologias vigente e mais especificamente, com enfoque a abordagem da violência de gênero, uma vez que será possível identificar e compreender a discussão sobre os estudos culturais que aliam a análise cultural por meio de investigações e preocupações cívicas às inquietações acerca da violência de gênero.

Neste contexto, além de investigar as marcas desta violência presentes no objeto de estudo, bem como com as discussões abordadas neste trabalho, em um tempo, no qual as abordagens que mesclam enredos com as vivências pessoais são tão relevantes, assim como por meio do narrador, personagem e demais elementos narrativos da obra, que discute questões amplamente analisáveis, de modo que seja relevante com teorias nas quais fundamentem a abordagem. Outra questão

importante a ser analisada, será a maternidade nas obras de Morrison e a relação das personagens/mães, as quais servirão de suporte para engrandecer esta dissertação.

Ao falar sobre gênero, é importante ressaltar, que existe um viés ligado diretamente ao patriarcado, que por sua vez deixa transparecer uma relação de dominância sobre o ser considerado inferiorizado, este independe de sua condição biológica, classe social, etnia ou orientação sexual, segundo explica Machado (2000, p.4) “Trata-se de um sistema ou forma de dominação que, ao ser (re)conhecido já (tudo) explica: a desigualdade de gêneros.”

A sociedade foi moldada desde o início da civilização a estabelecer, que a mulher deveria ter uma posição de destaque inferior em relação ao homem, uma vez que ele é considerado mais forte fisicamente, logo, deveria ficar responsável por ser o provedor da família e a mulher por sua vez, deveria desenvolver tarefas consideradas mais leves, como cuidar do lar e dos afazeres domésticos, bem como garantir a educação e bons costumes aos seus, dentro e fora do lar.

Sob este viés, partindo da perspectiva de que as mulheres poderiam ocupar lugares semelhantes aos dele, como em setores trabalhistas e ter direitos iguais, foi considerado uma afronta à honra masculina e logo, trataram de encontrar maneiras diversas para distanciar cada vez mais as mulheres das ruas, como o ambiente trabalhista, escolas, centros acadêmicos dentre outros espaços sociais, limitando-as e condicionando-as a ficarem conformadas em serem consideradas as donas do lar, o qual só valeria no nome, pois, na prática, muitas mulheres sequer, tinham o direito de decisão no espaço que habitava e considerava como lar.

Ao empoderar mulheres em situação de subalternidade, Morrison enfraquece as condições de poder e revigora novos locais de resistência na sua escrita, sendo predominantemente negra e feminina, o qual servirá de suporte para defendermos essa dissertação.

Nesse sentido, este estudo é norteado pela ideia de que a escrita memorialística é capaz de promover uma representação das vivências das personagens e a escrita posta em determinado enredo pode empreender fatos, que se associam a vida da própria autora da obra. Dessa forma, o relato memorialístico tende a trazer a retomada da vida do indivíduo, e se o enredo traz consigo relações diretas ou indiretas com o autor da obra, essas reminiscências relacionam-se com as discussões a respeito da escrita de si e da autoficção.

Dessa maneira, a intenção desta dissertação de mestrado é discutir a respeito

da obra *O olho mais azul* (1970), de modo a perceber as abordagens que ressaltam uma escrita pautada, até certo ponto, a autora Toni Morrison. É nesse sentido que a teoria da Escrita sobre a violência de gênero, em sua amplitude, será base para tal dissertação, assim como, especificamente, a discussão sobre subjetividade e memória.

Este estudo se faz pertinente a partir da possibilidade e da necessidade de uma obra literária possuir elementos fictícios, que possam ser associados à própria vida do autor. Nesse sentido, principalmente em tempos contemporâneos, a violência de gênero e seus desdobramentos ganham voz, demandando análises no campo das ciências da linguagem, portanto, a nossa análise sobre violência de gênero em uma obra literária tem relevância perceptível, posto que as relações entre personagens, os espaços citados, a forma como o narrador disserta sobre os fatos podem ser associados ao contexto de vida da escritora.

Nossa proposta em questão aborda fatos da teoria dos estudos Culturais e em seu contexto a respeito da violência de gênero além de ressaltar sobre a subjetividade, bem como com as discussões a respeito da referida obra, num tempo em que as abordagens mesclam enredos com as vivências pessoais e são tão relevantes. Assim, por meio do narrador, personagem e demais elementos narrativos, a obra *O olho mais azul* discute questões amplamente analisáveis, de modo que seja uma obra relevante com teorias que fundamentem a abordagem.

Outra questão importante a ser analisada, será a maternidade, como é vista e exercida nas obras de Morrison e a relação das personagens/mães, no qual irá engrandecer a dissertação desenvolvida.

É de suma importância destacar que analisaremos excertos retirados da obra que serão baseadas na teoria da violência de gênero, como sugere Patrícia Hill Collins (1990) Grada Kilomba (2019), bell hooks (2000), Audre Lorde (1984) e Djamila Ribeiro (2019). Bem como temáticas relativas à representação do gênero feminino na literatura como os estudos realizados por Sueli Carneiro (2018), Angela Davis (2016), Hall (2003). Quanto à questão de gênero, Perrot (2007), Beauvoir (1980), Butler (2003) e Toni Morrison (1970).

Assim como conheceremos algumas teses e dissertações que servirão de norte ou até mesmo de complemento para fomentar a temática abordada neste estudo, o qual defenderá o olhar de Toni Morrison ao retratar questões como a violência de gênero, assunto amplamente abordado e discutido nesta dissertação

com o intuito de reverberar uma pauta a ser revista e não banalizada, no universo em que os desejos e vontades da branquitude impera.

Esta dissertação versa sobre a *A violência de gênero em O olho mais azul* (1970) de Toni Morrison, e na oportunidade, foi feita uma busca no banco de pesquisas da Capes para melhor fundamentar nossa percepção junto ao nosso objeto de estudo, o qual identificamos dois artigos científicos, seis dissertações de mestrado e quatro teses de doutorado, que viabilizaram uma amplitude maior em relação a análise do objeto de estudo em questão, contribuindo com a percepção das nuances desenvolvidas durante esta dissertação.

Após verificar alguns periódicos da Capes, para melhor fomentar o teor desta dissertação conforme é apresentado o breve exposto do artigo de autoria de Rita Laura Segato a qual disserta sobre *O Édipo Brasileiro: A dupla negação de gênero e raça*, uma Série Antropologia e menciona Suely Gomes Costa que fala sobre a ideia de maternidade transferida, assunto também contemplado aqui em um dos capítulos, pois é considerando como um processo constante, desde o período colonial e precisa ser visto como pauta importante.

O artigo retirado do livro de autoria de Luiz Tarlei de Aragão disserta sobre *Mãe preta, tristeza branca: processo de socialização e distância social no Brasil* (1990) tendo-se trechos que evidenciam diversos preconceituosos de quem pode ter emoções ou não, quem pode ser triste ou não. No qual o branco poderá ter o privilégio de sentir emoções, sentimentos e o negro por sua vez, ficará distante desta realidade, pois não terá a mesma empatia por parte dos brancos ao externar suas dores, pois nada disso aparecerá como uma doença, que como o autor descreveu, seria transmitida ou passada por contágio para o branco.

A dissertação de mestrado de autoria de Alicia Dandara Tavares de Sousa Santos disserta sobre *A protagonista negra e a “psicopatologia”: uma leitura do romance O olho mais azul de Toni Morrison* lançado em 1970 nos Estados Unidos, no qual trata das consequências negativas do racismo, que afeta de modo depreciativo a autoimagem das pessoas negras, sobretudo no que diz respeito ao ideal de beleza branca ante a “feiura” do negro.

A dissertação de mestrado de autoria de Raphael de Andrade Lima Amorim disserta sobre *A experiência e o espaço das mulheres afro-americanas nas obras Compaixão e Voltar para casa* ambas de Toni Morrison, e *as representações, ações e motivações das outras mulheres*, ressaltando que a literatura de Toni Morrison nos

mostra uma a realidade do povo negro, por vezes, tendo seu enredo suprimido da história oficial.

A dissertação de mestrado de autoria de Ana Maria Sampaio Luz Farani disserta sobre: *Traduzindo a comunidade afro-americana de Toni Morrison em Sula*, a qual aborda a temática da interligação da comunidade, seus desdobramentos e implicações linguísticas, históricas e interculturais.

A dissertação de mestrado de autoria de Flávia Peres Pregolato disserta sobre: *Um estudo da tradução de marcadores culturais em O olho mais azul e Amada*, fazendo uma análise do ponto de vista descritivo, como foram realizadas as traduções de marcadores culturais presentes nestas duas obras da escritora afro-americana tendo relevância para analisarmos a escrevivência da própria Toni Morrison.

A dissertação de mestrado de autoria de Karla Cristina dos Passos disserta sobre *O triste olhar em frente ao espelho: uma análise sobre a representação da mulher negra em The Bluest Eye (O olho mais azul – 1970)*, de Toni Morrison, sob o recorte temático das afetividades e das mulheres negras narradas no romance, relacionando a obra ao contexto social e histórico do período de sua publicação e dos anos de 1940, período em que se passa a narrativa.

A dissertação de mestrado de autoria de Wellington Neves Vieira disserta sobre *A relação espaço e biodiversidade segundo a visão das comunidades negras dos EUA em Amada* de Toni Morrison. Neste trabalho será possível perceber e identificar a relação dos personagens com os espaços opressivos e a tentativa de fuga desses locais para encontrar os lugares de resistência e ressignificar os personagens de Toni Morrison a uma simbologia de diversos sentimentos, como o amor, raiva, alegria, tristeza, medo, ansiedade, felicidade, fazendo referência de acordo com o lugar em que ocupam, reverberando a condição de opressão vivenciados pelas personagens, fato em comum acordo com a escrita na dissertação desenvolvida, com o intuito de representar fielmente a vida e vivência das personagens.

A dissertação de mestrado de autoria de Laura de Oliveira Santos Alves disserta sobre *Todos os cachorros são azuis* e analisa o estudo sobre as formas de irrupção do discurso da loucura na obra de Rodrigo de Souza Leão. A pesquisa tem como foco as próprias vozes daqueles que são perseguidos por terem um diagnóstico de esquizofrenia ou por apresentarem um comportamento deslocado do

discurso da racionalidade. Trabalha-se com a ideia de escrita “alucinatória”, na qual irá auxiliar na análise do discurso da personagem Pecola Breedlove no romance *O olho mais azul*.

A tese de doutorado de autoria de Danielle de Luna e Silva disserta sobre *Maternagens na diáspora amefricana: resistência e liminaridade em Amada, Compaixão e Um defeito de cor* sendo possível analisar a partir de uma perspectiva transnacional e histórica as práticas de maternagem presentes em *Amada, Compaixão e Um defeito de cor* como atos de resistência à objetificação e apropriação dos corpos femininos negros nos Estados Unidos e no Brasil por meio do processo da escravidão.

A tese de doutorado de autoria de Eliza de Souza Silva Araújo disserta sobre *Morrison, Angelou e Evaristo: Mulheres Negras e Escrita Revolucionária* e tem como objetivo analisar mulheres negras que escrevem narrativas nos importantes momentos históricos se apresentando nos Estados Unidos e Brasil brasileiro e destacar como mulheres negras escrevem literatura trazem novas dimensões e legados ao universo da escrita, do conhecimento em diversas perspectivas, tendo desde sempre lutado por sua participação tanto no campo literário como no político.

A tese de doutorado de autoria de Grazielle Furtado Alves da Costa Devaux disserta sobre *Maternidades Transgressoras em El Cuarto Mundo e Amada* a qual discute sobre o pacto materno moderno, além de propor uma análise da mulher contemporânea.

A tese de doutorado de autoria de Vânia Carolina Alves Paluma disserta sobre *Identidade, memória e autoficção em ‘Une Si Longue Lettre’, de Mariama Bâ* e teve como objetivo, estudar a obra *Une si longue lettre* (1979), da autora senegalesa, sob a perspectiva de um olhar autoral feminino para a sociedade africana.

Após uma breve análise das teses, dissertações e artigos mencionados anteriormente, foi possível apresentar os objetivos específicos traçados nesta dissertação, sendo válido reforçar que esses serão pautados na análise da obra *O olho mais azul* (1970) sob a ótica dos Estudos culturais, sobretudo, a violência de gênero, a qual é uma presença constante ao longo da narrativa em diversas nuances, considerando a discussão sobre os estudos culturais e como esta violência de gênero se apropria desta narrativa. Segundo Hall (1997, p. 5), “a forma como a cultura penetra em cada recanto da vida social contemporânea, fazendo proliferar ambientes secundários, mediando tudo”, pode representar a cultura como sendo um

estudo de grande relevância, capaz de sobrepor-se aos demais, com o intuito de identificar e/ou reconhecer o real significado das ações humanas, bem como o comportamento individual ou em grupo dos seres, privilegiando a especificidade da diversidade dos povos e seus respectivos costumes, uma vez que, a cultura tende a favorecer os anseios e necessidades humanas, além de transmitir a ideia de que a vida deve ser segura e duradoura.

Para tal, a investigação das marcas da violência de gênero presentes na obra, assim como a memória traumática da personagem Pecola é silenciada forçadamente, também será levado em consideração, através do rastreo da violência de gênero e de que modo esses elementos ficcionais podem ter ou exercer uma relação direta com os fatos de vida do leitor.

Nesse sentido, a ideia de que a violência de gênero é capaz de promover uma representação das vivências das personagens podendo representar fatos que se associam à vida do próprio leitor da obra ou de alguém próximo. Dessa forma, o relato memorialístico tende a trazer uma retomada da vida, convidando o indivíduo a fazer uma reflexão acerca da presença da violência de gênero que perpassa gerações e por vezes é invisibilizado ou até mesmo banalizado.

A análise a respeito da obra *O olho mais azul* (1970) foi de fundamental importância para identificar uma escrita pautada na vivência de muitas mulheres. É nesse sentido que o estudo sobre a violência de gênero, será base para tal dissertação, assim como, especificamente, a discussão sobre como se dá a relação da violência de gênero em diversas classes e grupos hierárquicos.

Outro elemento considerado, será a prática do feminismo negro, uma vez que, escrever acerca de facetas diferenciadas sobre o feminismo negro, requer leitura e pesquisas diversificadas sobre a temática, pois este ressalta, o quão as mulheres negras foram condicionadas a viverem à margem, renegadas a um ambiente sexista, no qual o patriarcalismo impera, deixando-as de fora do ambiente social privilegiado, totalmente incapacitadas de ocuparem lugares, que representassem poder e inseridas em um contexto, que potencializa as desigualdades básicas estimuladas pelo racismo e sobretudo, pelo patriarcalismo, fortalecendo o preconceito e as discriminações que as mulheres negras vem enfrentando ao longo dos anos, além do que já está disponível em obras sobre feminismo, nos alertando para esta pauta, de que até hoje prevalecem as ideias de uma elite masculina branca, tentando a todo custo invisibilizar e silenciar mulheres, sobretudo as negras, considerando-as como

seres inferiores e estigmatizando-as, apenas, com um corpo disponível, em detrimento às mulheres brancas, as quais encontram-se em um patamar superior às mulheres negras, porque ainda existe uma resistência quanto a aceitação da contribuição das mulheres negras para a luta feminista. É preciso mensurar o que se entende por um discurso legitimado, pautado em saberes múltiplos, antes de simplesmente concordar, com as práticas disseminadas segundo a ótica estereotipada masculina, reverberando e defendendo a ideia de que o patriarcalismo deve prevalecer, não cedendo espaço para as mulheres terem representatividade em lugares de poder, além de ofuscar a garantia de igualdade de direitos e de oportunidades. Por isso, as mulheres, e em especial as negras, se opõem diariamente a esta realidade e desde meados da década de 1940, organizaram-se em prol da garantia de seus direitos e passaram levantar sua própria bandeira, lutando e defendendo seus ideais com o intuito de minimizar o abismo social entre elas e os demais cidadãos, buscando capacitarem-se cada vez mais, com o intuito e plena convicção de não aceitarem a subordinação histórica imposta, lutando por dias melhores, para ter o devido reconhecimento e a certeza de terem suas vozes ouvidas ao pronunciarem um sonoro não ao racismo estrutural, que a sociedade tende a normalizar.

No capítulo seguinte conheceremos as faces da violência de gênero, na qual, esta pode ser manifestada através da agressão física, psicológica, sexual, simbólica ou de forma mais recorrente, por meio intermédio das relações de poder ou hierarquia, em que o opressor busca a todo custo deixar claro sua força em relação ao seu oponente por estar em uma situação de vulnerabilidade devido a sua identidade de gênero ou orientação sexual.

É importante compreender que a desigualdade social e sobretudo a existente entre homens e mulheres pode ser um dos fatores que potencializam a violência de gênero, por considerarem a mulher como um ser inferior ao homem dando continuidade a este estereótipo criado pelo sistema patriarcalista, o qual normaliza a violência de gênero e inviabiliza a mulher e os seres mais vulneráveis de romper com esse sistema opressor.

2 VIOLÊNCIA DE GÊNERO E SEUS DESDOBRAMENTOS.

Nesta seção, será possível identificar a recorrência da violência de gênero e suas particularidades, assim, as mulheres serão de forma mais específica, as vítimas desse processo opressor e excludente.

É inegável que nos estudos acerca do feminismo, as mulheres foram as protagonistas e se renderam ao sacrifício da resistência, em busca da igualdade de gênero com o intuito de fortalecer a luta a favor de seus direitos, uma vida mais digna e igualitária, independente de classe social ou cor de pele.

É possível perceber a violência de gênero na Literatura norte-americana, na época da escrita de *O olho mais azul* (1970) de Toni Morrison presente?

A violência de gênero exercida na época em que a obra *O olho mais azul* (1970) foi escrita era vista como “aceitável” por fazer parte de um sistema patriarcalista, no qual não havia um olhar reflexivo para compreender a degradação vivenciada por diversas mulheres, sobretudo as negras, por não serem consideradas como um ser digno de respeito, elas eram simplesmente vistas como o “um outro do outro”, no qual suas necessidades primárias eram vistas como secundárias, deixando-as sempre em última instância.

Foi importante nesta época reconhecer que a luta das mulheres por direitos iguais deveria ser vista não só como um direito individualista, mas sobretudo, como uma necessidade política, uma vez que, a violência de gênero perpassava as barreiras do lar e tomava proporção nas esferas sociais, ocupando os espaços de opinião pública, incitando o âmbito judiciário a prontamente combater tal violência de gênero.

O objeto de estudo *O olho mais azul* (1970) aponta uma denúncia em relação à violência de gênero sofrida em especial pelas mulheres negras, uma vez que, a personagem Pecola protagoniza momentos de tamanha dor e sofre na pele a sensação de ser ridicularizada e ainda por cima, considerada por muitos, como culpada de sua própria má sorte.

Por isso, analisar a delicadeza de como a autora Morrison apresenta este enredo com o propósito, propõe uma reflexão sobre o olhar lançado a esta

personagem e reaviva o convite para repensar sobre as práticas violentas disseminadas no sistema patriarcalista que resistem e por vezes, é normalizado ou em última instância, até mesmo romantizado.

Segundo Pierre Bourdieu em seu livro *A dominação masculina* (1998), foi possível abordar a importância do *gênero*, pois inicialmente era considerado como “*costumes sexuais*”, porque de acordo com sua visão as três instituições básicas: “*família, escola e igreja*”, favorecia a dominação de um ser mais frágil, que por vezes desconhecia seus direitos, facilitando tal dominação.

Com o passar do tempo, escritoras como Meyer (2003) incentivado pela descoberta do movimento feminista, sentiu a necessidade de estudar um pouco mais sobre as mulheres, dar ênfase e visibilidade aos desafios enfrentados diariamente por elas, bem como suas necessidades, fraquezas e angústias, uma vez que em uma sociedade sexista, era comum a prática do silenciamento das mulheres, assim como a opressão nas relações de trabalho, social e mais ainda no âmbito educacional.

Temas que outrora eram marginalizados na academia, por estarem ligados diretamente às mulheres, passaram a ganhar notoriedade, vale ressaltar que, para a época em que o movimento feminista surgia em meados do século XIX, dava-se prioridade a temas considerados relevantes como a vida social dos homens, segundo uma ótica masculina, visto que para os dominadores, as mulheres deveriam ocupar e permanecer no seio familiar, cuidando do lar e garantindo que os cuidados com a família fossem sua principal meta de vida a cumprir.

Para fomentar o conceito de gênero, é preciso reconhecer a importância da luta das mulheres feministas, estas sendo vistas como minorias, e apenas os homens usufruindo de plenos direitos, passam a questionar tal desigualdade e a ressignificar o gênero, assim a autora Scott (1976, p. 86) define-o como “um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos, sendo o gênero, uma forma primária de dar poder”, nos reportando a ideia de que a mulher é um ser mais frágil e, portanto, precisa ser submissa ao homem, segundo a visão do dominador.

O gênero também traz pautas relevantes como questões sociais, hierárquicas, a legitimação da dominação masculina dentre outras como, por exemplo, o fato de inúmeras mulheres dedicarem horas do seu dia para realizar tarefas domésticas. Sabe-se que não se trata apenas de uma questão social, mas, sobretudo cultural,

configurando o gênero, neste caso, como uma desigualdade, ao inibir o livre arbítrio de escolha da mulher, restringindo-a ao trabalho doméstico, sob a égide de não transgredir a hierarquia imposta pela dominação masculina.

É possível perceber a presença das desigualdades de gênero, a partir das práticas ainda durante a socialização da primeira infância, no qual elas irão reproduzir o modelo de comportamento dos pais, por ser a referência tida na infância e as meninas irão se divertir brincando de ter um lar, cozinhar, limpar, sendo tenra e boazinha, ao passo que os meninos, aprenderão desde muito pequenos, que eles precisam ser fortes, inteligentes e tomar decisões familiares importantes.

A mulher desde muito jovem era orientada a constituir uma família e dedicar-se a ela e a partir de então, a maternidade seria o seu papel mais importante desempenhado no seio familiar. A partir da segunda metade do século XX, a mulher passa a ter uma função social mais parecida com a do homem, quando é vista como um ser necessário na subsistência, desempenhando a importante missão da continuidade de sua espécie, a exercer um papel econômico ativo e desistir de ser dona de casa, para ter mais proximidade da igualdade entre gêneros.

Com a necessidade da mulher lutar ativamente em prol da igualdade de gêneros, outros problemas ganharam relevância, nos quais passaram a ser discutidos ativamente não só no meio acadêmico como no âmbito judicial, como a violência de gênero, um mal considerado grave, que sempre esteve presente desde o início das primeiras civilizações, na qual está atrelada ativamente à dominação patriarcal direcionada, sobretudo às mulheres, oprimindo-as e silenciando-as com o intuito de fazer valer o poder hierárquico que o homem exerce sobre a figura feminina.

A mulher sempre foi vista como um objeto de desejo do homem, logo este passa a querer estabelecer uma espécie de controle sobre ela, fazendo-a compreender que a posição ocupada por ele é de soberania e esta hierarquia precisa ser respeitada, nem que para isto, ele precise usar a violência física, com o intuito de garantir sua dominação e opressão.

É importante perceber, que enquanto o homem sente a necessidade de manter a mulher sob sua égide, o mesmo não ocorre nas relações entre homens, por ser possível perceber, a existência de uma relação de irmandade e solidariedade entre eles, visto que comungam da ideia de precisarem manter o controle sobre a mulher e subalternizá-la de modo a criar amarras com o intuito de deixá-la menor e

reafirmar o poderio masculino, deixando em evidência a relação de poder e impotência exercida perante a mulher.

Vale ressaltar que, ao falar em violência de gênero, esta não atinge apenas as mulheres, mas todo aquele que está em uma condição inferior, segundo a visão patriarcalista, pois a violência de gênero procura estabelecer uma relação de poder entre as partes, dominadoras e dominadas, não importando se o dominado será uma mulher, uma criança, ou outro homem, uma vez que as relações perpassam o campo racial, ético, classe social e inclusive orientação sexual, pois a relação entre patriarcado e gênero não só nutre, como reforça a violência de gênero.

Segundo Saffioti (1999, p.43), o gênero possui “um conceito geral, a-histórico, apolítico e pretensamente neutro”, nos permitindo compreender que a teoria vai bem além da prática, quando deixa transparecer que este conceito é atemporal, pois o gênero perpassa as gerações mantendo-se presente, uma vez relacionado ao que a sociedade desempenha ou atribui como um papel ou comportamento, ligado diretamente às construções sociais desenvolvidas ao longo dos anos e não somente a uma condição atribuída ao sexo biológico.

É inegável que o gênero está ligado diretamente a relação de poder resignificando-a, baseado nas diferenças entre os sexos conforme Scott (1995) já havia mencionado alertando que o gênero perpassa a construção social direcionada apenas ao sexo biológico.

Com o advento das feministas, que saíram em defesa da igualdade de direitos, as relações estabelecidas no meio social culminaram com a ideia, de que o estudo de gênero deveria ultrapassar as barreiras do comodismo social, quando este aceitava passivamente a subalternização da mulher frente a relação de poder configurada pelo sexo oposto, quando se sentiam ameaçados por acreditarem ser uma hierarquia oriunda do início das civilizações, neste momento é possível perceber a configuração da relação entre poder e a impotência das mulheres diante da normalização da sociedade.

Para compreender a origem da violência de gênero, é importante compreender como ocorre as relações sociais, por exemplo, desde o início da criação do mundo. Era comum, que o homem fosse o provedor de seu lar, além de desempenhar um papel importante, como administrar os bens familiares e sobretudo, tomar todas as decisões em prol do bem-estar da família. Nesta época a mulher era expressamente proibida de trabalhar fora de casa, dedicando-se ao lar e

afazeres que beneficiassem sua família.

A partir de tal premissa, era construído e legitimado, mesmo que de forma involuntária, uma relação de poder e hierarquia, na qual a mulher era moldada a crescer neste regime de aceitação, sem questionar ou sem ao menos, compreender que ela também era um ser pensante, livre para expressar seu direito de questionar algo ou deixar prevalecer sua decisão diante das situações impostas.

Observe que este cenário era ideal e fértil para que a relação de poder pudesse ser estabelecido e favorecesse a figura masculina, uma vez que, a sociedade já crescia condicionada a este modelo de condição social, desfavorecendo as relações afetivas, distanciando a mulher de seus direitos e cercando-a com um viés propício à submissão, logo, o homem estava em uma posição confortável e passou a ocupar os espaços sociais, limitando os poucos lugares que a mulher poderia ter acesso, com isso, a relação de poder passa a ser legítima e o homem concretiza sua superioridade em relação à mulher e começa a cobrar que a hierarquia construída entre eles fosse respeitada.

A mulher nasce e cresce sabendo que deverá ser submissa ao homem, que os poucos lugares disponíveis do ponto de vista social e cultural, a qual melhor se adequaria, era o trabalho relacionado aos afazeres domésticos e o homem desfrutaria da prerrogativa de poder escolher o lugar que gostaria de ocupar, deste modo, a figura masculina sentia-se confortável para oprimir e silenciar mulheres e crianças com o intuito de prevalecer seu suposto poder e exploração, visto que, a classe oprimida não teria a quem recorrer.

Com o advento das guerras, por exemplo, a sociedade precisou se adequar, pois os homens tiveram que se ausentar de seus lares e as mulheres, por sua vez, passaram a assumir a responsabilidade do provedor da casa e a ocupar mais atividades do espaço público, outrora destinados apenas aos homens, entretanto, não sendo estas remuneradas, nem reconhecidas da mesma forma que se homem fossem, deixando claro que, a violência de gênero não ficaria restrita apenas às mazelas físicas, mas sim, toda e qualquer relação em que o dominador exerceria, não só a dominação, como a exploração.

Logo, é importante compreender que a violência de gênero não está restrita apenas a mulher, ela perpassa a condição de sexo biológico e atinge diferentes camadas sociais, faixa etária, nível de escolaridade ou orientação sexual, pois o fator determinante para a caracterização da violência de gênero será justamente o fator

da predominância da hierarquização e dominância de poder diante do dominado por ocupar uma posição inferior, reforçando a condição da supremacia do patriarcalismo.

O ser humano entende que cada um possui um ser adormecido, no qual irá ressurgir de forma mais incisiva e até agressiva, caso esteja em uma condição desfavorável e precise se defender ou prevalecer sua vontade. Para Palma (2008, p.27) “[...] a partir da racionalização, o ser humano passou a controlar, a calcular, a projetar, a planejar, a justificar, e elaborar, até mesmo a própria violência.”, podendo assim determinar quando precisará impor seu poder, recorrendo a sua condição dominante frente a um ser subalternizado.

Compreender que o homem já nasce em uma condição mais confortável em relação à mulher, tendo em vista que a sociedade foi moldada e projetada para acatar os desígnios masculinos e aceitar esta condição de superioridade masculina, foi criada desde o início da criação humana, reforçando a ideia de aceitação ao patriarcalismo deve ser tão comum, quanto a compreensão da mulher ser educada, diante das mais adversas situações que lhe forem impostas.

Para garantir a permanência do poder ou até mesmo quando ele está ameaçado, o dominador faz uso de ações mais enérgicas. Segundo Arendt (2004, p. 35), “a violência pode destruir o poder, mas é incapaz de criá-lo”, uma vez que o ser dominante esquece a razão e impõe sua decisão, mesmo não sendo o melhor a seguir, porque para ele o fato de ser dominador, silenciar e oprimir, por si só já configura uma situação de poder, inviabilizando a possibilidade de pensar em novas práticas de conduzir ou criar situações de ter, ou estabelecer poder.

É notório tamanho impacto no tocante a responsabilidade e visibilidade dado as mulheres no início do século XIX, com a atuação do movimento feminista e intensificado no século XX, com as práticas de defesa dos direitos das mulheres e o convite a rever as práticas desiguais no âmbito relacionado a homem/mulher com o intuito de que deixasse de ser visto como uma questão social e fosse refutado a possibilidade de ser considerado como natural e aceitável, uma vez que as mulheres ganham o direito de falar abertamente a respeito de questões outrora proibidas como a violência contra a mulher e de gênero.

Outro tipo de violência também predominante, além da relação de poder e opressão da figura masculina em relação à mulher, é a violência sexista, na qual o homem sente-se detentor de poder, conforme nos alerta a *Cartilha da Sempreviva Organização Feminista — SOF* (2015, p. 11) conforme afirma que “[...] elas são

tratadas como coisas, objetos ao seu dispor...” e acredita na sua condição de suposta superioridade e poder, lhe confere o direito de agir de forma desrespeitosa com a figura subalternizada e inferiorizada aos seus olhos, como “*hostilizar a mulher na rua*”, “*violência física*”, “*assédio sexual*”, “*estupro*”, “*violência institucional*”, “*violência doméstica*” e a mais recente “*violência virtual*”.

Cada tipo de violência mencionada retrata como a legitimação da imposição do poder masculino até hoje impera, quando estes pretendem impor sua condição de ser superior em relação à mulher e não conseguem lidar com a possibilidade de ter seu suposto poder enfraquecido diante da figura feminina, considerada até então como um ser frágil e que deveria simplesmente acatar a condição de submissão condicionada a ela desde o início da civilização, com o intuito de reforçar a dominação masculina, além de fragilizar o movimento feminista, que tem como princípio básico, conquistar a igualdade de direitos e gênero, encorajando novas mulheres a saírem da condição estática para a atuante de sua própria vida.

Para Morrison, o compromisso com a escrita será seu diferencial, pois por meio dela terá a oportunidade de contribuir enquanto ser pensante com obras que servirão como uma forma de denunciar, causar reflexão e até modificar o olhar do leitor diante das mazelas vivenciadas por seres invisibilizados, protagonistas de sua própria dor e sofrimento. Através de suas personagens, o leitor poderá ter a oportunidade de se reconhecer ou revisitar a situação de violência vivenciada por si mesmo ou por terceiros.

No capítulo seguinte, poderá ser vista a importância de reconhecer e nomear o que será considerado como violência de gênero, pois ela não se restringe apenas a algo físico ou psicológico, mas perpassa as amarras da hierarquia e sobrepõe-se aos diversos ambientes sociais e políticos, tendo como alvo o ser mais fragilizado e menor como, por exemplo, as mulheres e crianças, sobretudo as negras.

2.1 Revisão da literatura

É importante ressaltar que autoras como Djamila Ribeiro (2017), bell hooks (2015), Angela Davis (2016, 2017), Audre Lorde (2007), Grada Kilomba (2012), serão nomes referendados ao longo da dissertação acadêmica, uma vez que tais autoras reforçam e dão visibilidade a escrita de autoria negra, versando com mais acuidade sobre as problemáticas vivenciadas pela sociedade negra. A literatura negra ganha

representatividade, com a escrita de Morrison e reforça a escrevivência definida por Conceição Evaristo (2005) e deixa em evidência a voz do negro frente a do colonizador. As personagens femininas negras em *O olho mais azul* partilham suas histórias, reforçam suas identidades e travam embates consigo mesmas contra o sistema opressor, que deseja eliminá-las. O romance de Morrison desnuda a opressão, torna-se impactante, além de consolidar o lugar de protagonista da mulher negra em sua própria história.

Toni Morrison (1931 – 2019) foi uma escritora, editora e professora norte-americana, vencedora do Prêmio Nobel da Literatura em 1993, tornando-se a primeira e única mulher negra a conquistar esta honraria. Toni Morrison, nome literário de Chloe Ardelia Wofford, nasceu em Lorain, Ohio, Estados Unidos, no dia 18 de fevereiro de 1931. Ela publicou seu primeiro romance, *O olho mais azul*, em 1970. Primeiro um conto, produzido em uma oficina de escrita na Universidade de Howard anos antes, reescrito e reelaborado até se tornar sua primeira publicação.

Ao lançar o livro, não obteve o sucesso esperado, o trabalho alcançou o devido reconhecimento apenas nos anos 2000, quando integrou o clube de leitura da Oprah Winfrey, uma mulher negra, de personalidade forte, em que na infância sofre violência de gênero e sexual por parte dos primos e tio, passa por uma depressão profunda, porém cresce e consegue, através de muito esforço pessoal, estudar se formar, tornar-se jornalista, apresentadora de TV famosa nos Estados Unidos, tendo um alto nível de alcance, tanto na tv como nas redes sociais, o qual a confere visibilidade e um retorno financeiro invejável. Oprah Winfrey percebe que a história de vida da personagem Pecola durante a infância em *O olho mais azul* (1970) foi semelhante a sua, então ela tem um gatilho de memória e decide, apresentar esta obra literária ao maior número de pessoas possíveis, na tentativa não só de denunciar o que muitas crianças e mulheres, em especial as negras, sofrem em casa e na rua, como percebe uma forma não só de encorajar, mas de reforçar a denúncia da violência de gênero no âmbito familiar e social de tantas outras meninas negras. Em determinada oportunidade, Oprah Winfrey torna-se protagonista do filme *Beloved*, uma adaptação de outra obra de Toni Morrison para o cinema com um enredo parecido ao de *O olho mais azul* (1970).

Embora Toni Morrison tenha sido a primeira e única escritora negra norte americana a ter ganho em 1993 o Prêmio Nobel de Literatura, só passou a ter respaldo enquanto escritora, após as fortes investidas de Oprah Winfrey em seus

veículos de comunicação, com o intuito de não só reverenciar essa potência literária, como de reconhecer a riqueza de seu legado, bem como apresentar essa grande escritora ao mundo.

Toni Morrison, baseando-se em uma marcante lembrança de sua juventude, se dedicou a escrever a obra durante o período de cinco anos, em 1970, publicou *O olho mais azul*, até que chegou aos associados da TAG Curadoria em março de 2019 – trata-se de um clube de assinantes no qual todos os meses, há um grande nome da literatura ou do cenário cultural, sendo indicado para o associado conhecer com o intuito de proporcionar leituras envolventes, desde as mais simples às mais complexas, que exigirão reflexão do leitor – pela indicação de Djamilia Ribeiro, a qual prontamente, passou a divulgar essa preciosidade aqui no Brasil e reforçar seu valor cultural.

O romance não foi bem aceito devido à pouca visibilidade da literatura negra e as cenas de violência que a obra expunha. Seu livro só passou a ganhar notoriedade a partir dos anos 2000, quando a apresentadora Oprah Winfrey o indicou em seu popular clube de livros, alcançando mais de 800 mil exemplares vendidos.

Toni Morrison retrata a personagem principal, Pecola Breedlove em sua obra *O olho mais azul* (1970), como uma criança indefesa, negra, excluída socialmente, com a autoestima praticamente inexistente, mas que possuía um sonho inatingível, ter os olhos azuis, um cabelo bonito e sedoso na tentativa de conseguir conquistar o amor e respeito dos pais, sobretudo da sociedade em que estava inserida, pois na escola ela era ridicularizada pelas demais crianças, mesmo tendo a pele escura como a dela, em casa o pai a oprimia e a mãe por sua vez, preferia dedicar seu amor à família branca para a qual trabalhava, inviabilizando a maternagem para com a própria filha.

Pecola Breedlove com o intuito de tentar se auto resgatar daquela condição miserável de vida, rezava todas as noites para ter olhos azuis, assim ela acreditava que teria finalmente seus problemas resolvidos, como mostra este trecho da obra:

“Toda noite, sem falta, ela rezava para ter olhos azuis (...). Lançada dessa maneira na convicção de que só um milagre poderia socorrê-la, ela jamais conheceria a própria beleza. Veria apenas o que havia para ver: os olhos das outras pessoas.” (Morrison, 2019, p. 50)

Outro fator preponderante na obra acerca da personagem Pecola Breedlove é o fato de suscitar no leitor um misto de inquietação, angústia e sentimento de

impotência ao perceber, que mesmo se tratando de uma criança de 11 anos, o preconceito racial é extremamente cruel, fazendo-a sentir-se cada vez mais inferiorizada e com um sentimento de dor constante por não compreender o porquê dela ter sido escolhida para vivenciar tais mazelas, pelo fato de ter uma cor de pele retinta e desprovida da beleza convencional, segundo os moldes exigidos pela sociedade.

“Passava longas horas sentada diante do espelho, tentando descobrir o segredo da feitura, a feiura que a fazia ignorada ou desprezada na escola, tanto pelos professores quanto pelos colegas. Era a única pessoa da classe que sentava sozinha numa carteira dupla.” (Morrison, 2019, p. 49)

Toni Morrison trabalhou em sua obra *O olho mais azul* (1970) temas e questões vivenciadas em nossa sociedade independente do século, mas que por diversas vezes é silenciada ou não, se dão a devida visibilidade para tratar e solucionar tais “problemas” como: abuso infantil, estupro, incesto, racismo e pouca ou nenhuma visibilidade a mulher negra, nas quais questões deste porte, seriam pouco atrativas no universo literário em que o sistema prefere trazer pautas mais sutis e leves, que privilegiem a classe dominante.

Morrison retrata em seu romance a condição subalternizada das mulheres nos Estados Unidos da década de 1940, seu *status* social e familiar, a violência e privação financeira, de direitos e de afeto a que eram subjugadas. Para a nossa dissertação, é de suma importância tal referência, pois nos direcionará para uma percepção e olhar mais cuidadoso em relação aos personagens.

É importante ressaltar, que Toni Morrison é uma autora com o compromisso e objetivo, de criar meios para propiciar a história de vida de personagens negros, com o intuito de demarcar e solidificar uma literatura voltada para a vivência deles, a fim de rememorar e não deixar ser esquecida a existência miserável dos negros, sobretudo, a condição subalternizada da mulher negra, que sempre representou a personificação da resistência, pois ela sempre esteve em penúltima instância no quesito favoritismo dentro de um emaranhado estabelecido pela sociedade, estando a frente apenas das crianças negras, embora muitos ainda hesitem em reconhecer tal fato.

Toni Morrison, por sua vez, não mediu esforços para dar voz e visibilidade as suas personagens negras, na tentativa de mudar e conscientizar o cenário literário, para que personagens fora do padrão hegemônico esperado tivessem seu lugar de

fala, fossem aceitos, respeitados e, sobretudo vistos, pois ela nos mostra através de suas obras, a constante hostil e degradante realidade vivenciada por muitos homens e mulheres negras, que são marginalizados, tendo seus direitos vilipendiados por uma sociedade opressora, considerada detentora de privilégios ímpares.

Vale a pena destacar que a condição inferiorizada das personagens protagonistas das obras de Toni Morrison, além de revisitar o que a autora se propôs a fazer, enquanto escritora, dar voz aos invisibilizados e fomentar a literatura, ampliando as possibilidades de engrandecimento de novas perspectivas críticas acerca das personagens femininas negras, algo incomum na década de 1940, o qual as mulheres negras eram invisibilizadas.

É inegável que Toni Morrison ao escrever obras como *O olho mais azul* (1970), *Sula* (1973), *Canção de Salomão* (1977), *Tar baby* (1981), *Amada* (1987), *Jazz* (1992), *Paraíso* (1997), *Home* (2012), *Deus ajude a criança* (2015), *A origem dos outros* (2017), dentre outras, deixou em evidência uma questão muito significativa e bastante recorrente na trajetória de vida das personagens negras de Toni Morrison, como a resistência, considerada semelhante ao ato de buscar a todo custo possuir características que representassem a resistência, é preciso compreender que essa não é uma tarefa fácil ou uma das melhores escolhas, entretanto, é essencial para não ser silenciado.

A escrita da mulher negra tem como princípio básico, dar voz não só às personagens protagonistas, negras, assim como nos mostra o cuidado de Morrison, que teve o zelo de deixar seu legado, ao dar voz e visibilidade a estas mulheres esquecidas, invisibilizadas, oprimidas e subalternizadas pelo sistema patriarcalista, produzindo uma literatura com potencial extraordinário, no qual as personagens protagonistas serão essencialmente negras, tendo a oportunidade de contar sua própria história e podendo ser ouvidas e acolhidas, desnudando a perspectiva de que só as mulheres brancas deveriam ocupar lugar de destaque.

É possível observar desde o período colonial, o favorecimento da mulher branca em detrimento a negra, por considerarem que aquelas, se autodenominavam como frágeis, ao passo que, as mulheres negras, eram consideradas fortes, entretanto os senhores faziam questão de legitimar o estereótipo da mulher negra, desqualificando-a, com supostas afirmações de que elas tinham um comportamento duvidoso, sendo consideradas levianas e sem caráter. Com o uso de tais argumentos, facilmente convenciam a sociedade e sobretudo elas próprias de que

deveriam permanecer com afazeres domésticos e nunca demonstrar fraqueza, pois suas famílias e comunidades precisavam e ansiavam por seus esforços para sobreviver, uma vez que, elas limpavam cuidavam e educavam na casa das senhoras brancas e ao chegarem em seus lares, já estavam exauridas e não dispunham de energia, nem paciência para dar afeto aos seus, pois a jornada de trabalho ainda persistia em “seu lar”. Logo, era possível ver uma mulher negra visivelmente cansada, irritada e pouco amorosa, afinal, após uma dupla jornada de trabalho, ainda ter que ser massacrada e tentar resistir, não era uma tarefa fácil.

Conforme afirma Angela Davis, “as mulheres negras, pagaram um preço alto pelas forças que adquiriram ao longo dos anos e pela relativa independência de que gozavam” (Davis, p.233), elas representavam o pilar de suas casas e famílias, pois mesmo passando por diversos infortúnios, ainda sim, conseguiam resistir e encontrar forças para defender os seus, vivendo em prol de uma luta pela igualdade de gênero, dizendo não, literalmente, à violência de gênero através da sua resistência, além de vivenciar o ônus imposto pela sociedade como, por exemplo, o reforço a exclusão da mulher negra do seio social, conduzindo-a a lugares ermos, distante de uma vida abastada e sem perspectivas de poder vivenciar plenamente melhores condições de vida, bem como possuir um salário equivalente ao trabalho desempenhado por ela, sendo digna de respeito e reconhecimento na sociedade e sobretudo, nos espaços em que ocupavam.

Uma das formas que a mulher negra encontrou para tentar construir uma realidade fora do seu padrão usual e esquecer um pouco sua trajetória de vida subalternizada, foi desempenhar o processo de maternagem, não para seus filhos biológicos, mas por questões de sobrevivência, para os bebês brancos, pois através de tal função, muitas mulheres negras se realizavam como mães, ao acariciar uma pele clara, macia e perfumada, pentear cabelos dóceis e macios de uma criança com feições delicadas e genuínas, nas quais as ajudavam a desenvolver um lado afetivo e maternal, que em casa era mais difícil, em virtude da personificação do estigma direcionado à aparência das crianças negras e até mesmo pelo desfavor da condição financeira hostil em que viviam.

De certa forma, as mulheres negras sentiam-se realizadas ao carregarem um bebê branco no colo, para elas era uma forma de realização pessoal com a maternagem, pois elas viam naquele bebê branco, uma possibilidade de vivenciar e propiciar a doçura do afeto, do carinho e da proteção, elas os viam como verdadeiros

anjos celestiais, ao passo que seus próprios filhos biológicos, com a pele escura, muitas vezes, não despertavam nestas mães o mesmo sentimento de cuidado ou afeto, pois elas se sentiam reféns do sistema opressor excludente de seus senhores, nos quais era comum a prática constante de rejeição da pele escura, conferindo um tratamento hostil e inferior a quem possuísse tal tom de pele, independentemente do gênero ou faixa etária.

Segundo Patricia Hill Collins (2019) é importante analisar que há algumas imagens de controle para retratar mulheres afro-americanas como estereótipos da “*mammy* ou *mãe preta*”, da matriarca, da mãe dependente do Estado e da mulher sexual (p. 135), por isso, o papel da maternagem é um dos temas do pensamento feminista negro considerado, devido à profundidade e importância exercida no seio familiar, uma vez que, a mulher possui uma representação ímpar na construção, organização e educação dos filhos e com a mulher negra não poderia ser diferente, pois além das demandas exercidas por ela, ainda sim, precisavam ter um cuidado maior com as filhas no intuito de tentar protegê-las de possíveis investidas dos homens brancos, nos quais faziam questão de sentirem-se donos inimizáveis de possíveis violências cometidas contra as mulheres negras, independente da faixa etária delas.

Para Collins é importante mencionar que a figura da maternidade transferida por meio da figura da mãe preta, vem acarretada de significados, sobretudo as diversas questões sociais e opressão sofrida por elas como “racismo, o sexismo, a pobreza e outras formas de injustiça social para que pareçam naturais normais e inevitáveis na vida cotidiana” (2019, p. 136) das mulheres negras com o intuito de normatizar a dor e sofrimento destas, numa possível tentativa de torná-las uma espécie de serviçais fieis, obedientes e conformadas com a exploração sofrida, afinal de contas, as senhoras brancas tentavam convencê-las de que por mais trabalhoso e doloroso que fosse a jornada de trabalho exercida em suas casas, elas faziam-nas acreditar, que se tratava de uma questão social pré-estabelecida pela sociedade e para atenuar toda essa questão, condicionavam-nas a pensar que eram queridas e possuíam um lugar considerável na família, assim, facilitava a subalternização, subordinação e lealdade da mulher negra no seio familiar dos senhores brancos.

Collins teve o cuidado de descortinar uma realidade maquiada pela elite branca no tocante a relação de trabalho e afeto estabelecido entre os senhores brancos e a mulher negra, a qual exercia com muito zelo e afinco a maternagem

transferida. Além de exercerem a função de domésticas e serem “*visivelmente iludidas*” a acreditarem que poderiam ser amadas e ter um lugar especial na casa dos senhores brancos. É importante ressaltar, que elas “provavelmente continuavam pobres, pois tinham seu trabalho de maternagem e afins explorado (2019, p. 143)”, além de não serem aceitas como membro da família, mas sim, como alguém que sempre exercerá uma longa jornada de trabalho, abdicará de sua própria família biológica em prol do alcance e valorização como “funcionária ideal” e em troca, recolheriam algumas migalhas de reconhecimento de que estas poderiam ser consideradas “mulheres negras que exercem a maternagem transferida com zelo e cuidado”, merecendo receber um certo apreço.

É válido mencionar, para que estas mulheres negras assumissem a condição de “mammy ou mãe preta ideal”, ou seja, que exercessem a maternagem transferida de forma satisfatória, elas deveriam doar-se em tempo integral, perpassando longas jornadas de trabalho na casa dos senhores branco, além de despender-se completamente dos cuidados tanto afetivo para com os seus filhos biológicos, marido e sua própria casa, em prol de uma dedicação quase que exclusiva para a casa dos senhores brancos e seus respectivos filhos.

Vale ressaltar ainda que, mesmo uma “mammy ou mãe preta” sendo considerada indispensável na casa dos senhores brancos e recebendo um papel de destaque neste lar, exercendo uma “certa autoridade” e até sendo bem quista por seus feitos, é conveniente mencionar que estas sabiam claramente qual era o seu verdadeiro lugar naquele ambiente, ou seja, elas jamais ultrapassariam a barreira de serviçal obediente e compreenderiam que não poderiam questionar nada, logo, aceitar resiliente a subalternização, seria uma forma de exploração econômica desenvolvida através da prática de escravização doméstica, sobretudo, sofrida pelas mulheres negras.

Em meio a tais ações, é possível perceber a presença do racismo e da apropriação da violência de gênero com o intuito de condicionar a mulher negra a realizar as atividades domésticas impostas a elas, em razão da fragilidade e falta de opção desta mulher negra em encontrar ou ter nova oportunidade de trabalho em meio a sociedade branca. Para Collins “A imagem da mammy ou mãe preta é fundamental em opressões interseccionais de raça, gênero, sexualidade e classe” (Collins, 2019, p. 142), pois é uma forma de ressignificar a opressão em desfavor da mulher negra potencializando a postura sexista e condicionando a maternagem de

transferência da mulher negra, além de condicioná-la a repassar aos seus a “cultura da obediência aos brancos”, ensinando desde muito cedo às crianças negras, que elas deveriam reconhecer seu lugar nas estruturas de poder dos senhores brancos, sem questionar, viabilizando uma espécie de progressão da opressão de raça.

Era comum, principalmente, na época da escravidão, associar a mulher negra a ter uma postura e libido mais estereotipado, ocasionando uma visão deturpada desta, ao passo que propagava a ideia de que elas teriam um corpo disponível na visão dos senhores brancos, nos quais estes, visavam ter uma ampliação de escravos em suas terras, além de transformá-las em amas de leite das crianças brancas, dando a elas uma falsa sensação de proteção, por estarem momentaneamente dentro das casas dos senhores brancos, os quais facilitava ainda as investidas de cunho sexual contra as mulheres negras e estas por sua vez, não tinham como evitar ou defender-se de tal situação.

É possível compreender, sem muito esforço, o quanto a vida da mulher negra, sobretudo na época da escravidão era difícil, pois estas eram frágeis, além de vítimas de todo tipo de violência de gênero, não só apenas por parte dos senhores brancos, como das senhoras brancas e inclusive de seus próprios companheiros de cor, que muitas vezes, viam nela a possibilidade de encontrar a tão sonhada liberdade, através da exploração do suor do trabalho dela e nem por isso, sentiam-se compadecidos por tal sacrifício, muito pelo contrário, obrigavam-nas a trabalhar arduamente em prol da compra de sua liberdade.

O sistema patriarcalista foi perpetuado em forma de herança cultural no qual tem como princípio básico, oprimir as mulheres, não importando a cor da pele, porém é sabido que a mulher branca era polpada em diversos aspectos por ser considerada como mais frágil, ao passo que a negra, era vista como alguém sem caráter, com a sexualização aflorada, daí a condição de corpo disponível e logo eram facilmente indignas de respeito, por não serem consideradas humanas, o qual fortificava a ideia de desigualdade de gênero e raça, fazendo com que as mulheres negras cada vez mais, tivessem a consciência de que elas deveriam lutar incessantemente em prol da igualdade de gênero.

No próximo capítulo, será abordado a perspectiva de o olhar sublimar e crítico da autora Morrison ao evidenciar suas personagens em um papel de destaque, como protagonistas de suas obras, algo incomum na literatura ocidental e Morrison rompe com este paradigma.

3 TONI MORRISON SOB O OLHAR DA CRÍTICA

Toni Morrison, cujo codinome literário é Chloe Ardelia Wofford, nasceu em Lorain, Ohio. Seu pai era um operário George Wofford e sua mãe Ramah, era dona de casa. Toni era a segunda dos quatro filhos do casal e cresceu em uma família pobre, por isso, passou por muitas dificuldades, entretanto, este não se tornou um motivo para ela se acovardar, pelo contrário, ela passou a nutrir um voraz desejo de ser escritora e poder contribuir de alguma forma com a literatura e expor através da vivência de seus personagens a realidade muitas vezes silenciada ou encoberta pelo sistema patriarcalista.

Segundo Toni Morrison, a escrita proporcionava-lhe uma liberdade para pensar sobre os mais diversificados assuntos, sobretudo os mais emblemáticos e melindrosos, os quais eram literalmente considerados como pautas inegociáveis de serem pontuadas em uma obra literária, devido a sua complexidade e grau de impacto que causavam em seus leitores. Por isso, Morrison assume a responsabilidade, leveza e maestria de descortinar tais temas, além de conscientizar a população sobre a importância da abordagem de assuntos recorrentes da vivência de pessoas desprovidas de poder econômico e que por vezes são silenciados.

A escrita veio como um ápice, na tentativa de legitimar a propriedade do seu próprio eu em detrimento a opressão imposta pelo sistema patriarcalista branco, o qual limitava a liberdade da escrita e atuação de Morrison frente à arte da escrita e produção literária, entretanto, ela fez uso de todas as suas habilidades e mostrou para o universo acadêmico o quanto a escrita empodera e desmistifica o engodo do opressor frente a participação da literatura feminina negra, dando protagonismo a personagens mulheres, dizimadas, subalternizadas e cor retinta, buscando libertá-las a todo custo da sua condição miserável em que se encontravam.

Toni Morrison foi muito perspicaz ao evidenciar o protagonismo dedicado à figura da mulher negra em seus romances, pois dessa maneira, criticava com veemência o sistema patriarcalista, mais ainda o branco e a força motriz imposta por ele para sucumbir a identidade negra, sobretudo a da mulher com o intuito de validar a opressão, conforme será apresentado nesta seção, reverberando a literatura e as possíveis críticas destinadas a ela, por ser mulher, de pele escura e escritora que

escancara a realidade dos oprimidos no momento em que os de pele clara são considerados supremacia, dizimando os demais.

A literatura de Toni Morrison é considerada um divisor de águas, uma vez que a referida autora escreve em prol da comunidade negra dos afro-americanos, com o intuito de dar maior realce e visibilidade a escrivência negra.

Dona de linguagem com características próprias e inerentes, que por vezes desafiam a norma padrão inglesa, Toni Morrison passa a conquistar seu espaço enquanto escritora com suas obras traduzidas para diversos países, dentre eles o Brasil, ganhando local de destaque em território brasileiro.

Morrison passou a ser considerada um dos maiores nomes contemporâneos da literatura afro-americana, cujas origens remontam que, apesar de produzir literatura infantil, crítica literária e organização de coletâneas de artigos ganhou mais visibilidade através da publicação de seus romances, os quais deu lugar de fala a escrivência da realidade negra, sobretudo às mulheres, deixando-as serem protagonistas de suas próprias dores.

Toni Morrison é a oitava estadunidense e a primeira mulher negra a ganhar o Prêmio Nobel de Literatura em 1993. Tal reconhecimento confere a Morrison, não só em seu país, como ao redor do mundo a consolidação de sua carreira como escritora, não só através dos diversos prêmios recebidos, como também das inúmeras mensagens a seu respeito divulgadas pela crítica e das traduções de suas obras realizadas para diversas línguas como o alemão, o francês e o português. No Brasil, foram traduzidos até o momento os seguintes romances: *The Bluest Eye* (1970) — *O Olho Mais Azul* (2003); *Song of Solomon* (1977) — *A Canção de Solomon* (1977); *Tar Baby* (1981) — *Pérola Negra* (1987); *Beloved* (1987) — *Amada* (1987/2007); *Jazz* (1992) — *Jazz* (1992/2009); *Paradise* (1998) — *Paraíso* (1998); *Love* (2003) — *Amor* (2005) e *A Mercy* (2008) — *Compaixão* (2009) — entre as quais apenas a de *Sula* (1984) não foi realizada.

A partir da análise da capa, contracapa, orelhas e notas do tradutor, pode-se perceber, que ela é composta pela foto “Menina”, de Bob Wolfenson, em que há duas garotas negras debruçadas em um muro: uma parte da parede está descascada (o que pode remeter a um ambiente de pobreza) e uma das meninas exibe um sorriso (o que sugere um ar de felicidade). Esse último aspecto, somado ao título oferecido à obra em análise, acaba não remetendo à tristeza, que marca a vida da protagonista Pecola Breedlove.

Além da foto, do título, seguido do nome da escritora, está presente a marca da editora Companhia das Letras, com acréscimo de “Prêmio Nobel”. Reforçando a ideia de que este livro conferiu a autora o Prêmio Nobel de Literatura. Esse reforço a Morrison supervalorizado e ampliado na contracapa da obra.

Embora *O olho mais azul* (1970) tenha sido seu “romance de estreia, fica perceptível que Toni Morrison é uma das mais talentosas escritoras norte-americana, além de ser a primeira mulher negra a ganhar o prêmio Nobel de Literatura de 1993”. Tal informação é referendada em um parágrafo que contextualiza o enredo estabelecendo um contraponto entre o comportamento da personagem de Claudia MacTeer, dedicada a “desmembrar bonecas brancas com um ódio instintivo e autoprotetor” e Pecola Breedlove que “reza para ter olhos azuis”. Outro aspecto iluminado nesse âmbito, é o nome do tradutor Manoel Paulo Ferreira, contribuindo, portanto, para a sua visibilidade. Em relação às informações contidas nas orelhas do livro, constam mais informações referentes aos personagens, bem como referências à estrutura textual: sobretudo “a jovem Claudia MacTeer [...] pontuando a narrativa com as quatro estações do ano, contando a história de todos os personagens envolvidos por flashbacks, cortes e sobreposições temporais”.

O romance *O olho mais azul* (1970) foi consolidado como “um dos mais belos e contundentes romances da moderna literatura norte-americana”. Morrison recebe uma ressignificação, ao ter uma foto postada no meio da segunda orelha, seguida de um pequeno texto revelando dados sobre o local e a data de seu nascimento, sua carreira acadêmica e alguns dos prêmios recebidos pela autora, reforçando sempre o fato de ter sido “a primeira mulher negra a receber o Nobel de Literatura, em 1993”.

Nas orelhas do livro *O olho mais azul* (1970), a respeito de Morrison é destacado a importância da autora e de sua obra para o contexto da literatura afro-americana, na qual dá visibilidade a personagem Pecola, tornando-a protagonista de sua própria história de dissabores, na tentativa de denunciar as diversas formas de opressão em que vivia uma criança negra, retinta, subalternizada e inferiorizada em todos os ambientes os quais frequentava.

Na rua, por ser mais escura e, conseqüentemente, ser motivo de “chacota”, na escola por ter uma aparência desfavorável aos conceitos de beleza vigentes para época, fazendo com as demais crianças da classe a desrespeitassem com o intuito de ridicularizá-la, em casa por ser uma criança apática, indefesa e sem voz, sendo fruto de um relacionamento fadado ao fracasso, em que sua mãe vivia na condição

de oprimida e preferia dedicar sua atenção e amor às crianças brancas, filhas de seus patrões e seu pai, por ter sido fruto indesejado e abandonado por sua mãe biológica, acaba por transferir todas as suas mazelas pessoais a esta criança que só precisava de carinho e atenção. Conforme alerta as constantes análises de Angela Davis em *Mulheres, raça e classe* (2016), traz uma reflexão sobre o papel social exercido por mulheres negras na sociedade, assim como bell hooks também faz questão de reforçar, de que as mulheres negras eram sempre destinadas aos trabalhos mais hostis e pesados, ficavam expostas a diversas situações opressoras, dentre elas o estupro, considerado como uma ação fora de punição, segundo o âmbito judicial, perpetuando assim, uma postura colonial escravocrata, na qual as mulheres negras eram objetificadas e silenciadas.

O olho mais azul (1970) é uma obra forte, intensa, que tem como uma das premissas, denunciar veementemente a opressão vivenciada por inúmeras mulheres negras, sobretudo, as mais indefesas como crianças, alvo fácil do sistema opressor a qual são submetidas desde a tenra infância e o que é pior, no próprio seio familiar, lugar em que deveriam receber abrigo e proteção, mas que acaba sendo desenhado um cenário de horror e provocando feridas incuráveis, nas quais ainda serão rotuladas como a culpadas de toda a má sorte que vivenciavam, porque as mulheres desta época eram condicionadas a aceitar e acreditar que todo o sistema de respeitabilidade a hierarquia de poder representado pela figura masculina era algo normal, logo, as mulheres foram ensinadas a não questionarem, nem resistir.

Com a chegada do feminismo, as mulheres e em especial as negras, foram sendo cada vez mais conscientes, de que deveriam resistir e lutar contra as opressões impostas pelo sistema patriarcalista e passaram a ter consciência de que elas deveriam se unir, na tentativa de estabelecer a igualdade de gênero. Dentro da obra *O olho mais azul* (1970), é possível identificar a personagem Cláudia, uma criança da mesma idade que Pecola, porém com a pele menos escura que a dela, a qual teve um papel importantíssimo, de ser a porta voz da própria Pecola, esta que exerceu a irmandade, sendo solidária às dores de sua irmã de cor, com o intuito de ajudar e denunciar a opressão vivida pela amiga, hostilizada e invisibilizada no meio em que estava inserida, inclusive por seus pais biológicos, em detrimento de um sentimento de ojeriza em relação a própria filha em virtude de sua aparência desprovida de beleza, segundo os moldes considerados como padrões e devido ainda a sua pele retinta.

3.1 A década de 1940 nos Estados Unidos: histórico da situação dos negros e da mulher negra neste contexto.

É relevante mencionar que durante a década de 1940, ocorreu importantes fatos como a Segunda Guerra Mundial, a qual trouxe momentos de horror e dúvidas impactando diretamente a vida das pessoas em todo o mundo, sobretudo a economia, ao passo que favorecia o “*american way of life*” incentivando o consumo de produtos industrializados, mesmo que para isso fosse necessário o exaustivo endividamento.

No campo artístico houve o destaque à famosa Carmem Miranda, conhecida mundialmente por meio de sua desenvoltura, passando a ser um dos grandes símbolos da política da boa vizinhança, além do Zé Carioca um personagem de Walt Disney e Charles Chaplin no cinema denunciando a guerra e suas atrocidades.

Nesta época, foi criada a Organização das Nações Unidas e a Declaração dos Direitos Humanos na tentativa de promover a paz e dirimir as desigualdades sociais.

Especificamente para as mulheres, a década de 1940 teve início a emancipação feminina, possibilitando a atuação profissional destas em indústrias, escritórios, modificando o estilo do “look” delas, de modo a conferir-lhes uma certa liberdade e sensualidade.

Na década de 1940 foi possível perceber as mulheres cansadas de serem massacradas, então resolveram unir-se em prol de uma luta que pudessem garantir a igualdade de direitos. Com o surgimento do feminismo, tais mulheres passaram a ser inclusas na luta pela igualdade de gênero, entretanto, houve uma certa exclusão em relação às mulheres negras, sendo estas convocadas para fazerem parte do movimento com o intuito de engajar a pauta, entretanto, estas não seriam beneficiadas da mesma forma que as mulheres brancas, logo nasce a necessidade destas mulheres negras buscarem seus próprios princípios e defenderem a necessidade de serem vistas como seres humanos dignas de respeito.

Uma mulher negra, ao trabalhar em uma casa em que os senhores fossem brancos, mesmo exercendo a maternagem transferida, sendo a cuidadora de uma criança e exercendo uma função digna de respeito, ainda sim, esta mulher poderia ser vista como um corpo disponível do ponto de vista sexual pelo pai da criança, e

na maioria das vezes, a mãe biológica da criança não se disponibilizava a ajudar ou intervir nas investidas sofridas pela mulher negra, pois geralmente ocorria uma postura neutra, geralmente esta mulher branca esperava que a outra não se opusesse e exercesse a maternagem com afinco, além de dedicar-se a cuidar dos afazeres da casa e agir com naturalidade para mostrar a sociedade, o quanto aquela família era composta por membros respeitosos, compondo uma família feliz, saudável, ao ponto de despertar inveja em outras famílias.

É notório que os negros viviam em condições de inferioridade em relação aos brancos, tendo que submeter-se a trabalhos mais exaustivos, pouco atrativos e recebendo salários bem inferiores em relação à população branca, sem falar das inúmeras hostilidades as quais eram submetidos, caso ousassem estar no mesmo ambiente que uma pessoa branca.

Para os homens negros era difícil conviver com a realidade de serem constantemente excluídos da sociedade e receberem um tratamento hostil por parte dos brancos, já para as mulheres negras, era uma situação desconfortável, degradante, humilhante e por vezes, insuportável, pois elas não tinham a quem recorrer e precisavam permanecer unidas na tentativa de se protegerem das inúmeras investidas dos homens tanto brancos quanto negros, pois estas mulheres negras eram consideradas como um outro do outro, ou seja, sem valor suficiente para reclamar seus devidos direitos ou ter acesso a condições de poder.

Na população negra, era comum haver uma hierarquia, inclusive em relação ao tom da pele, o negro mais retinto, conseqüentemente era mais hostilizado, perpetuando uma condição de subalternização e violência de gênero entre o próprio meio.

Diante deste contexto histórico, foi possível perceber que o feminismo começa a entrar em declínio e volta a ser considerado um movimento de suma importância em meados de 1960, mas antes, Simone de Beauvoir trabalhou incessantemente com seus escritos literários com o intuito de conscientizar a população da condição de vida feminina e sobretudo as próprias mulheres ao escrever sua obra *O segundo sexo* (1949), na qual irá revitalizar o movimento feminista na tentativa de alertar a mulher de que “não se nasce mulher, torna-se mulher”, com o intuito de reforçar para a figura feminina, de que mesmo nascendo em um ambiente com forte amarra machista, ainda assim, ela deveria lutar de todas as formas contra esta opressão e moldar a sociedade de que ela precisaria desempenhar seu papel não só de mãe ou

dona da casa, mas sobretudo, romper com os paradigmas do preconceito e da violência de gênero e ter o direito de exercer sua feminilidade frente aos aparatos imposto pelo sistema opressor vigente.

Na seção seguinte é possível identificar a importância de Morrison não só para a literatura como para compreensão da visão panorâmica da ancestralidade negra, suas raízes, como funciona a vivência de uma mulher negra subalternizada e acorrentada pelo sistema patriarcalista, sendo silenciada e oprimida pelo simples fato de ter um tom de pele mais retinta.

4 O OLHO MAIS AZUL: MERGULHANDO MAIS A FUNDO.

Toni Morrison é uma autora que teve o compromisso de compor enredos que dessem voz e visibilidade a mulheres negras, com um diferencial em suas personalidades, pois embora tivessem história de vida marcantes e árduas a autora dava a suas personagens, uma força inabalável com o intuito de refutar o sistema patriarcalista, dando uma oportunidade ao matriarcalismo com o intuito de equiparar os gêneros, prevalecendo a igualdade de direitos e mostrando para o leitor a importância de se conhecer a realidade vivenciada por mulheres, sobretudo as negras, dizimadas a ocuparem lugares menores, no qual ficava em evidência a opressão e o silenciamento forçado.

O olho mais azul (1970), de Toni Morrison retrata a temática da infância perdida sob a ótica de um viés racista na América, além de trazer questões acerca do racismo em várias nuances, sobretudo, a realidade de ser criança em um contexto inóspito ao universo infantil.

Na obra *O olho mais azul* (1970), conhecemos Pecola Breedlove, uma garotinha negra, que almejava ter os mais belos olhos azuis, na tentativa de ser vista e reconhecida como uma criança que merecia respeito e ter uma vida feliz, por isso reza a todas as noites pedindo a Deus que seu desejo se realizasse, pois só assim acreditaria que seria aceita no meio social em que estava inserida, os olhos seriam a representação da beleza que ela jamais teria, em virtude da cor da sua pele, pois a população era racista e excludente. Os olhos azuis, poderiam representar muito mais que beleza física, eles poderiam trazer a paz que tanto almejava, talvez as brigas em casa entre seus pais amenizassem, na escola vivenciaria uma nova realidade, todos a dariam mais atenção, e então, esse olho azul representaria sua saída de uma vida fadada ao insucesso.

“Se tivesse outra aparência, se fosse bonita, talvez Cholly fosse diferente, e a sra. Breedlove também. Talvez eles dissessem: “Ora, vejam que olhos bonitos os da Pecola. Não devemos fazer coisas ruins na frente desses olhos bonitos.”” (Morrison, 2019, p. 50)

O romance de Toni Morrison pode ser considerado como uma obra que tem a intenção de denunciar as práticas de racismo, violência de gênero e doméstica,

além da violência sexual contra uma criança indefesa. São temáticas delicadas, porém retratadas ao longo da narrativa de maneira responsável, através da vivência dos personagens, como forma de retratar a real situação das pessoas negras, constantemente inferiorizadas por conta da cor da pele e condição social, realidade esta, desconhecida por muitos e vivenciada por tantos outros negros. Ao observar tal contexto, Morrison abraça a causa e desenvolve um compromisso em externar de maneira especial, um retrato vivido pela sociedade americana negra na década de 1940, época em que a segregação racial e ausência de direitos civis estava em alta. Toni narra a vida presente da personagem Pecola, Claudia e Frieda fazendo alusão ao passado de outros personagens que também vivenciaram a dor e angústia de serem excluídos da sociedade por serem negros. Além disso, põe em evidência as mazelas que assolam a vida dos marginalizados negros, que perpassam o tempo e até hoje, é vista como uma temática atual.

Esta vivência poderia ser associada ao determinismo social, quando o ser se torna herdeiro direto da condição de existência ou subsistência inferiorizada de seus ancestrais, não tendo a oportunidade de modificar essa realidade. É inegável que a infância das crianças negras foi marcada pela exclusão social, violência diversificada, abandono, refletindo diretamente na maneira como estes pequenos lidam com suas próprias incertezas, mágoas, dores, traumas e como tudo isso reverbera nas crianças negras.

Um gesto importante de Morrison é o de não desumanizar os algozes, na tentativa de conscientizar, que a violência sofrida, traz reflexos e desvios de conduta, pontuando que este ser também, de certa forma, é vítima do sistema opressor e que de alguma forma, está tentando lidar com os próprios traumas, mesmo que para isso, vitime outras crianças indefesas e inocentes, pois esses supostos algozes transferem o que receberam ao longo de suas vidas.

Estas pessoas não são vistas como monstros, esses seres que cometem diferentes atos sórdidos, violentos. Ou seja, é um pai com sua própria história de abandono parental, outra criança que goza de privilégios por ser negra com um tom de pele mais claro, toda uma comunidade que julga a vítima tanto ou mais do que o algoz pelo crime hediondo, é uma pessoa que será vítima e que talvez em breve reproduza essa postura de algoz.

A seguir, é possível encontrar um subcapítulo, em que será abordada de maneira mais pontual a influência da maternagem, dando enfoque a legitimação da

simbologia da figura da mãe protetora, aquela que irá exercer com lisura a condição de doação integral a outro ser, pois este será dependente e precisará de total cuidado, além de ser apresentado a versão de uma mãe negra, condicionada pelo sistema patriarcalista branco a dar importância de sua entrega, enquanto cuidadora de criança branca e o reforço da rejeição às suas próprias crianças negras.

4.1. A maternagem segundo a ótica de Toni Morrison

É importante destacar que esta dissertação rememora questões pertinentes também abordadas no meu objeto de estudo, como a própria maternidade, sendo vista como uma forma de controlar o corpo das mulheres, segundo a ótica patriarcal ou até mesmo com o intuito de oprimir a mulher, sendo que o homem em diversas situações ou circunstâncias, usa seu próprio corpo como arma, com o intuito de agredir, violar e até mesmo invadir o corpo feminino, e em maior escala, o negro.

Ao abordar a temática da maternagem, é essencial deixar em evidência o pensamento de Morrison em relação a esse paradigma, inclusive a própria autora chegou a afirmar, que não concordava com o sistema patriarcalista, entretanto, não considerava que seria de bom-tom substituí-lo pelo sistema matriarcal, porém defendia a tese de que ambos deveriam ser igualitários e promover a abertura de portas para qualquer tipo de coisa.

A maternagem não só irá representar a dor e sofrimento, como será uma tentativa de resistir à perpetuação da condição miserável de vida das personagens femininas, sobretudo as negras, constantemente expostas a toda má sorte imposta pelo sistema patriarcal vigente, que não poupa esforços para satisfazer lascívia pessoais, dizimando vidas e exterminando a menor possibilidade de mulheres negras terem o aparato familiar, como perspectiva de redenção, acolhimento e perpetuação da espécie.

Vale mencionar que Toni Morrison é uma autora que teve como compromisso e objetivo, criar meios para propiciar a história de vida de personagens negros, com o intuito de demarcar e solidificar uma literatura voltada para a vivência deles, a fim de rememorar e não deixar ser esquecido a existência miserável dos negros, sobretudo, a condição subalternizada da mulher negra, que sempre representou a personificação da resistência, pois ela sempre esteve em penúltima instância no quesito favoritismo em um emaranhado estabelecido pela sociedade, estando a

frente apenas das crianças negras, embora muitos ainda hesitem em reconhecer tal fato.

Este capítulo trata da maternagem na obra de Toni Morrison e mais especificamente em *O olho mais azul* (1970), e compara a ocorrência desta maternagem em outras obras da Toni Morrison com o intuito de verificar a abordagem desta temática e a postura de seus personagens diante de tal situação.

Toni Morrison, por sua vez, não mediu esforços para dar voz e visibilidade as suas personagens negras, na tentativa de mudar e conscientizar o cenário literário, para que personagens fora do padrão hegemônico esperado tivessem seu lugar de fala, fossem aceitos, respeitados e sobretudo vistos, pois ela nos mostra através de suas obras a constante hostil e degradante realidade vivenciada por muitos homens e mulheres negras, marginalizados, com seus direitos vilipendiados por uma sociedade opressora, considerada detentora de privilégios ímpares.

Diante desta breve elucidação, vale a pena observar que as dissertações que seguem, trarão um acervo de informações, que legitimarão nosso olhar diante da condição inferiorizada das personagens protagonistas das obras de Toni Morrison, além de trazer à tona o que a autora se propôs a fazer enquanto escritora, dar voz aos invisibilizados e fomentar a literatura, ampliando as possibilidades de engrandecimento de novas perspectivas críticas acerca das personagens femininas negras.

Compreender a origem da construção racista na América, bem como a condição de resistência das mulheres afro-americanas, seus respectivos traumas e a questão da maternidade, sendo esta vista como uma forma de lutar contra a opressão imposta pelo sistema patriarcalista é fundamental, pois reverbera o quanto este sistema é privilegiado e consegue manter-se em uma posição de supremacia frente às questões matriarcais.

É inegável que as obras mencionadas trazem uma questão muito significativa e bastante recorrente na trajetória de vida das personagens negras de Toni Morrison, a resistência, considerada semelhante ao ato de buscar a todo custo possuir características parecidas como a de um bambu, que enverga diante das situações desconfortáveis, que possam causar a dor e o sofrimento, por isso, é preciso compreender, que resistir não é uma tarefa fácil ou uma excelente escolha, mas pode simbolizar a espera por dias melhores.

Questões pertinentes à maternidade devem ser relevantes, pois podem ser

vistas como uma forma de controlar o corpo das mulheres, segundo a ótica patriarcal ou até mesmo com o intuito de oprimir a mulher, uma vez que o homem em diversas situações ou circunstâncias, usa seu próprio corpo como arma, com o intuito de agredir, e até mesmo invadir e violar o corpo feminino, e em maior escala, o negro, na tentativa de apropriar-se da mulher e dominá-la de acordo com seu bel prazer.

A mulher negra, por sua vez, compreendeu que a maternagem poderia ser vista como símbolo de renascimento, acolhida, afeto e sobretudo resistência, dando enfoque maior a toda dor e sofrimento enfrentado pelas mulheres protagonistas, criadas por Toni Morrison com a intenção de desnudar conceitos e paradigmas construídos pela sociedade em torno desta temática, muitas vezes mal compreendida, principalmente, quando as protagonistas tiveram que deixar de escolher seus próprios filhos e os entregaram para que outros pudessem criá-los na vã tentativa de salvá-los do infortúnio da condição de serem negros subalternizados e conseqüentemente excluídos socialmente.

Ainda que essas mães não tenham sido compreendidas ou até mesmo falhado na tentativa de dar uma vida melhor aos seus herdeiros, a condição de vida da mulher negra foi afetada diretamente, pois elas eram acusadas de negligenciar a maternidade, embora de alguma forma, tentassem salvar a condição de vida de seus filhos, sobretudo das filhas negras de possíveis investidas dos senhores, que na época, era comum e não havia punição ao “senhor” pela prática do abuso sexual, por compreenderem que suas “escravas” deveriam servi-los, por serem objetificadas.

É importante perceber que o espaço habitado por essas pessoas irá direcionar e ressignificar os personagens de Toni Morrison a uma simbologia de diversos sentimentos, como o amor, raiva, alegria, tristeza, medo, ansiedade, felicidade, fazendo referência de acordo com o lugar em que ocupam, podendo assim, reverberar a condição de opressão vivenciados pelas personagens, fato em comum acordo com a dissertação desenvolvida, com o intuito de representar fielmente a vida e vivência das personagens, dando uma justa representatividade para um povo cansado de ser maltratado e excluído socialmente.

A maternagem possui uma simbologia forte, não só por representar a dor e sofrimento, como a tentativa de resistir a perpetuação da condição miserável de vida especialmente das personagens femininas e com mais ênfase, as negras, que estão constantemente expostas a toda má sorte imposta pelo sistema patriarcal vigente,

que não poupa esforços para satisfazer lascívia pessoais, dizimando vidas e exterminando a menor possibilidade de mulheres negras terem o aparato familiar como perspectiva de redenção, acolhimento e perpetuação da espécie.

Entre as mulheres negras foi possível haver uma melhor conscientização entre elas, para que pudessem perceber a importância de uma precisava ajudar a outra, fortalecer o laço da irmandade, uma vez que elas sabiam que não poderiam contar com a ajuda e representatividade das suas dores e pautas sendo defendidas por mulheres brancas, uma vez que estas já contavam com uma certa supremacia conquistada através do surgimento do feminismo.

Mulheres negras tiveram que se organizar e encontraram na literatura novas dimensões e legados que o universo da escrita, do conhecimento e da arte, pudesse contribuir com suas lutas, por sua participação tanto no campo literário como no político, com o intuito de trazer um fio de esperança para estas mulheres negras fossem visíveis aos olhos da população, reconhecidas como seres dignas de respeito.

A escrita de autoria da mulher negra teve um papel fundamental e apoia o princípio básico, de dar voz não só as personagens protagonistas, que por sinal são negras, assim como nos mostra o cuidado da autora Toni Morrison, que teve o zelo de deixar seu legado, ao legitimar essa voz e visibilidade a essas mulheres esquecidas, invisibilizadas, oprimidas e subalternizadas pelo sistema patriarcalista, produzindo uma literatura com potencial extraordinário, no qual as personagens protagonistas serão destacadas justamente por serem negras e terão a oportunidade de contar sua própria história, poderão ser ouvidas e acolhidas, desnudando a perspectiva de que só as mulheres brancas é que deveriam ocupar lugar de destaque.

Na visão do homem branco, a tristeza e violência estão interligadas entre si. E a pessoa que tem mais influência, ou seja, o homem branco, é descrito como uma vítima do sistema, gerando confusão e tristeza, e não como alguém que mata, estupra e agride, inviabilizando a condição de homem agressor. Em contrapartida, a figura de uma “*mãe negra*” não é descrita como alguém que poderia ter o privilégio de ter família, afetos, expectativas, ou qualquer características comuns à burguesia, além de seu próprio corpo negro. A mãe preta seria vista como a coadjuvante de um enredo, no qual o homem branco, é o protagonista. Ela é apenas uma figura mítica usada para amarrar o argumento principal do autor, condicionando a mulher negra a

potencializar a função da maternagem como sendo a principal tarefa a ser desenvolvida por ela, sobretudo, quando ao cuidar das crianças brancas reforçando os estereótipos racistas sobre as mulheres negras.

É importante reforçar a ideia da maternagem, já mencionada e abordada por Toni Morrison e demais autoras como Rita Laura Segato e Suely Gomes Costa que fala sobre a ideia de maternidade transferida, considerando-a como um processo constante, desde o período colonial, na qual a “maternidade transferida” seria representada nas atividades desenvolvidas por amas de leite, mães pretas, amassecas e babás na qual destaca que esta prática “e o tipo de relações nela certamente originadas, tanto a partir da perspectiva daqueles favorecidos pelo serviço, como daquelas que o prestaram ao longo de quinhentos anos de história ininterrupta têm rastro nas Letras, mas se encontra ausente das análises e das reflexões.” (2006, p.5), trazendo uma perspectiva acerca de uma prática milenar, que sobrecarrega sobretudo a mulher negra com a doação de afeto a outras crianças, sobretudo as brancas, de não pertencimento do seu seio familiar biológico.

Em *O olho mais azul* (1970), de Toni Morrison, é possível perceber claramente que Sra. Breedlove crescera em um ambiente desprovido de grandes afetos e ao casar-se com Cholly a esperança de constituir uma família permeada por afeto e felicidade que tanto sonhara, fora frustrada e a vida que levava, moldou-a, transformando-lhe em uma mulher forte, destemida, porém desafetuosa com os filhos biológicos, pois ao ter contato com outra realidade e modelo de família, a Sra. Breedlove passou a fazer comparações que levam-na a questionar sua “má sorte” e própria maternidade.

Ao sair de casa para trabalhar na casa dos senhores brancos e se deparar com uma realidade distante da dela, a Sra. Breedlove passou a nutrir um carinho e afeto pelos senhores, sua casa e principalmente por suas crianças brancas, enquanto acontecia concomitantemente uma inversão de valores e sentimentos por sua própria casa, marido e filhos. Não só a Sra. Breedlove como as demais mulheres negras que exerciam a maternidade, passaram a ter uma nova postura em relação aos filhos biológicos. Elas eram tomadas por um misto de sentimentos inexplicáveis, desconfortantes, perceptível nesta passagem: “Batiam nos filhos com uma mão e com a outra roubavam para eles. As mãos que cortavam árvores também cortavam cordões umbilicais” (p. 145). É possível identificar que não só a Sra. Breedlove, como outras mulheres negras tinham uma postura parecida, uma vez que elas ansiavam

por ter melhores condições de vida, entretanto, seus maridos não podiam proporcionar-lhes por falta de oportunidade financeira, devido à exclusão propiciada pelo racismo.

É possível observar desde o período colonial, o favorecimento da mulher branca em detrimento a negra, por considerarem que estas, se autodenominavam como frágeis, ao passo que as mulheres negras, eram consideradas fortes, entretanto os senhores faziam questão de legitimar o estereótipo da mulher negra, desqualificando-a, com supostas afirmações de que elas tinham um comportamento duvidoso, sendo consideradas levianas e sem caráter. Com o uso de tais argumentos, facilmente convenciam a sociedade e sobretudo elas de que deveriam permanecer com afazeres domésticos e nunca demonstrar fraqueza, pois suas famílias e comunidades precisavam e ansiavam por seus esforços para sobreviver, uma vez que, elas limpavam, cuidavam e educavam na casa das senhoras brancas e ao chegarem em seus lares, já estavam exauridas e não dispunham de energia, nem paciência para dar afeto aos seus, pois a jornada de trabalho ainda persistia em “seu lar”. Logo, era possível ver uma mulher negra visivelmente cansada, irritada e pouco amorosa, afinal, após uma dupla jornada de trabalho e ainda teriam que enfrentar o massacre e tentar resistir, isso definitivamente não era uma tarefa fácil.

Conforme afirma Angela Davis, “as mulheres negras, pagaram um preço alto pelas forças que adquiriram ao longo dos anos e pela relativa independência de que gozavam” (Davis, p.233), elas representavam o pilar de suas casas e famílias, pois mesmo passando por diversos infortúnios, ainda sim, conseguiam resistir e encontrar forças para defender os seus, vivendo em prol de uma luta pela igualdade de gênero, dizendo não literalmente a violência de gênero através da sua resistência, além de vivenciar o ônus imposto pela sociedade como, por exemplo, o reforço a exclusão da mulher negra do seio social, conduzindo-a a lugares ermos, distante de uma vida abastada e sem perspectivas de poder vivenciar plenamente melhores condições de vida, bem como possuir um salário equivalente ao trabalho desempenhado por ela, sendo digna de respeito e reconhecimento na sociedade e sobretudo, nos espaços em que ocupava.

Uma das formas que a mulher negra encontrou para tentar construir uma realidade fora do seu padrão usual e esquecer um pouco sua trajetória de vida subalternizada, foi desempenhar o processo de maternagem, não para seus filhos biológicos, mas por questões de sobrevivência, para os bebês brancos, pois através

de tal função, muitas mulheres negras se realizavam como mães, ao acariciar uma pele clara, macia e perfumada, pentear cabelos dóceis e macios de uma criança com feições delicadas e genuínas, nas quais as ajudavam a desenvolver um lado afetivo e maternal, que em casa, era mais difícil, em virtude da personificação do estigma direcionado a aparência das crianças negras e até mesmo pelo desfavor da condição financeira hostil em que viviam.

De certa forma, as mulheres negras sentiam-se realizadas ao carregarem um bebê branco no colo, para elas era uma forma de realização pessoal com a maternagem, pois elas vislumbravam naquele bebê branco, uma possibilidade de vivenciar e propiciar a doçura do afeto, do carinho e da proteção, elas os viam como verdadeiros anjos celestiais, ao passo que seus próprios filhos biológicos, com a pele escura, muitas vezes, não despertavam nestas mães o mesmo sentimento de cuidado ou afeto, pois elas sentiam-se reféns do sistema opressor excludente de seus senhores, no qual era comum a prática constante de rejeição da pele escura, conferindo um tratamento hostil e inferior a quem possuísse tal tom de pele, independente do gênero ou faixa etária.

Uma mulher negra que trabalhasse em uma casa de senhores brancos, mesmo exercendo a maternagem transferida, sendo a cuidadora de uma criança e desempenhando uma função digna de respeito, ainda sim, esta mulher poderia ser vista como um corpo disponível do ponto de vista sexual pelo pai da criança branca, e na maioria das vezes, a mãe biológica da criança não se disponibilizava a ajudar ou intervir nas investidas sofridas pela mulher negra, geralmente ocorria uma postura neutra, e esta mulher branca esperava que a outra não se opusesse e exercesse a maternagem com afinco, além de dedicar-se a cuidar dos afazeres da casa e agir com naturalidade para mostrar a sociedade, o quanto aquela família era composta por membros respeitosos, formando uma família feliz, saudável, que despertava inveja em outras famílias.

Segundo Patricia Hill Collins (2019), é importante analisar, que há algumas imagens de controle para retratar mulheres afro-americanas como estereótipos da “mammy ou mãe preta”, da matriarca, da mãe dependente do Estado e da mulher sexual (p. 135), por isso, o papel da maternagem é um dos temas do pensamento feminista negro levado em consideração, devido à profundidade e importância exercida no seio familiar, uma vez que, a mulher possui uma representação ímpar na construção, organização e educação dos filhos e com a mulher negra não poderia

ser diferente, pois além das demandas exercidas por ela, ainda sim, precisavam ter um cuidado maior com as filhas no intuito de tentar protegê-las de possíveis investidas dos homens brancos, nos quais faziam questão de sentirem-se donos inimputáveis de posturas violentas cometidas contra as mulheres negras, independente da faixa etária delas.

Para Collins, é importante ressaltar que a figura da maternidade transferida por meio da figura da mãe preta, vem acarretada de significados, sobretudo as diversas questões sociais e opressão sofrida por elas como “racismo, o sexismo, a pobreza e outras formas de injustiça social para que pareçam naturais, normais e inevitáveis na vida cotidiana” (2019, p. 136) das mulheres negras, com o intuito de normatizar a dor e sofrimento destas, numa possível tentativa de torná-las uma espécie de serviçais fieis, obedientes e conformadas com a exploração sofrida, afinal de contas, as senhoras brancas tentavam convencê-las de que por mais trabalhoso e doloroso que pudesse ser a jornada de trabalho exercida em suas casas, elas faziam-nas acreditar, que se tratava de uma questão social pré-estabelecida pela sociedade e para atenuar toda essa questão, condicionavam-nas a pensar que eram queridas e possuíam um lugar considerável na família, assim, facilitava a subalternização, subordinação e lealdade da mulher negra no seio familiar dos senhores brancos.

Collins teve o cuidado de descortinar uma realidade maquiada pela elite branca no tocante a relação de trabalho e afeto estabelecido entre os senhores brancos e a mulher negra, a qual exercia com muito zelo e afincos a maternagem transferida. Além de exercerem a função de domésticas e serem “visivelmente iludidas” a acreditarem que poderiam ser amadas e ter um lugar especial na casa dos senhores brancos, é importante ressaltar, que elas “provavelmente continuavam pobres, pois tinham seu trabalho de maternagem e afins explorados (2019, p. 143)”, além de não serem aceitas como membro da família, mas sim, como alguém que sempre exercerá uma longa jornada de trabalho, abdicará de sua própria família biológica em prol do alcance e valorização como “funcionária ideal” e em troca, recolheriam algumas migalhas de reconhecimento de que estas poderiam ser consideradas “mulheres negras que exercem a maternagem transferida com zelo e cuidado”, merecendo receber um certo apreço.

É válido mencionar que para estas mulheres negras assumirem a condição de “mammy ou mãe preta ideal”, ou seja, que exercessem a maternagem transferida

de forma satisfatória, elas deveriam doar-se em tempo integral, perpassando longas jornadas de trabalho na casa dos senhores brancos, além de despender-se completamente dos cuidados tanto afetivo para com os seus filhos biológicos, marido e sua própria casa, em prol de uma dedicação quase exclusiva, para a casa dos senhores brancos e seus respectivos filhos.

Vale ressaltar ainda que mesmo uma “mammy ou mãe preta” sendo considerada indispensável na casa dos senhores brancos e recebendo um papel de destaque neste lar, exercendo uma “certa autoridade” e até sendo bem quista por seus feitos, é conveniente mencionar, que estas sabiam claramente qual era o seu verdadeiro lugar naquele ambiente, ou seja, elas jamais ultrapassariam a barreira de serviçal obediente e compreenderiam que não poderiam questionar, logo, aceitavam resilientes a subalternização, uma forma de exploração econômica desenvolvida através da prática de escravização doméstica, sobretudo, sofrida pelas mulheres negras.

Em meio a tais ações, é possível perceber a presença do racismo e da apropriação da violência de gênero com o intuito de condicionar a mulher negra a realizar as atividades domésticas impostas a elas, em razão da fragilidade e falta de opção desta mulher negra em encontrar ou ter nova oportunidade de trabalho em meio a sociedade branca. Para Collins “A imagem da mammy ou mãe preta é fundamental em opressões interseccionais de raça, gênero, sexualidade e classe” (Collins, 2019, p. 142), pois é uma forma de ressignificar a opressão em desfavor da mulher negra potencializando a postura sexista e condicionando a maternagem de transferência da mulher negra, além de condicioná-la a repassar aos seus a “cultura da obediência aos brancos”, ensinando desde muito cedo às crianças negras, que elas deveriam reconhecer seu lugar de inferioridade nas estruturas de poder dos senhores brancos, sem questionar, viabilizando uma espécie de progressão da opressão de raça.

Era comum, principalmente, na época da escravidão, associar a mulher negra a ter uma postura e libido mais estereotipado, ocasionando uma visão deturpada desta, ao propagar a ideia de que elas teriam um corpo disponível na visão dos senhores brancos, nos quais estes, visavam ter uma ampliação de escravos em suas terras, além de transformá-las em amas de leite das crianças brancas, dando a elas uma falsa sensação de proteção por estarem momentaneamente nas casas dos senhores brancos, os quais facilitava ainda as investidas de cunho sexual contra as

mulheres negras e estas por sua vez, não teriam como evitar ou defender-se de tal situação.

No próximo subcapítulo, será possível compreender um pouco mais a respeito do sistema patriarcalista e como este sistema exerce forte influência na vida das pessoas, de modo mais específico na das mulheres negras. É preciso fazer esse recorte em relação às mulheres negras, uma vez que a obra *O olho mais azul* (1970) terá como enfoque, a atuação dessas mulheres frente ao sistema opressor e de que maneira conseguirão resistir a tamanha imposição do sistema patriarcalista em seu cotidiano e possíveis tomadas de decisão.

4.2 O patriarcalismo

O sistema patriarcalista pode ser considerado como uma organização social que tem como princípio básico, definir o homem como o centralizador de poder, elegendo a figura paterna como o principal responsável por gerir e conduzir toda e qualquer decisão referente ao seio familiar, principalmente as decisões políticas e demais questões sociais, com intuito de reforçar a importância do reconhecimento do homem para o desenvolvimento da sociedade, bem como sua forte influência.

É possível compreender, o quanto a vida da mulher negra, sempre foi mais difícil, do que das mulheres brancas, pois estas eram frágeis. As negras, além de vítimas de todo tipo de violência de gênero, não só apenas por parte dos homens brancos, como das mulheres brancas e inclusive de seus próprios companheiros de cor, que muitas vezes, viam nelas a possibilidade de amenizar suas mazelas pessoais, maltratando-as.

O sistema patriarcalista é perpetuado em forma de herança cultural, no qual não se envergonham de oprimir as mulheres, não importando a cor da pele, porém é sabido que a mulher branca é mais polpada em diversos aspectos, por ser considerada “mais frágil” ou “bem-nascida”, ao passo que a negra, poderia ser vista como alguém sem caráter, com a sexualização a florada, daí a condição de corpo disponível e logo, pode ser facilmente consideradas indignas de respeito, o qual fortifica a ideia de desigualdade de gênero e raça, fazendo com que as mulheres negras cada vez mais, tenham a consciência de que elas devem lutar incessantemente em prol da igualdade de gênero.

É importante considerar a forte intervenção do sistema patriarcalista na vida das mulheres, sobretudo as mulheres negras, ora vistas como seres inferiores desprovidas de amparo, seja ele afetivo, moral, emocional, financeiro, judicial ou ainda, podendo em alguma instância ser reconhecida como cidadã no universo em que estivesse inserida. Tal realidade não era vista como algo a ser repensado ou que despertasse um certo olhar de igualdade perante as mulheres, sobretudo nos homens.

Com surgimento do feminismo, foi necessário repensar diversas práticas cotidianas, dentre elas, a igualdade de direitos, porém para as mulheres negras, estas passaram a considerar a importância de uma união mais ferrenha, ao perceberem que o feminismo encabeçado por mulheres brancas não as contemplavam em sua totalidade, mesmo elas buscando igualdades de direitos no âmbito que as favorecessem, desconsiderando a existência da mulher negra como um ser digno de respeito, pois eram vistas como um ser não apenas do outro, mas como sendo o outro do outro, na qual estariam completamente desprovidas de amparo seja eles quais fossem, pois não eram consideradas seres humanos.

Com base nesta premissa, é possível observar o patriarcalismo em cena, deixando seus rastros por toda a parte. Desde o momento em que a figura masculina é o protagonista, independente dos seres que também compusessem o mesmo ambiente que eles, esta figura masculina, sobretudo os homens brancos, sentiam-se detentores de todo poder e privilégio que pudesse estar disponível, não deixando migalhas de privilégios para homens negros e em especial, para as mulheres negras, uma vez que eram consideradas seres inferiores.

Com a atuação masculina regada de privilégios, facilmente se endossara a perspectiva de solidificar e perpetuar a dominação exercida pelos homens em relação às mulheres desde o âmbito familiar até o social, mais tarde ganhando espaço no seio trabalhista e recentemente, no âmbito político e mídias, pois o patriarcalismo bebe da fonte do centralizador, o detentor do poder, aquele outrora, considerado o provedor, logo, não poderia ser contestado, apenas obedecido, ocupando um espaço na dinâmica social e solidificando a cultura máscula, na qual o homem será o detentor do poder, silenciando as mulheres e enfraquecendo culturas menores com a criação de barreiras para impedir que mulheres ocupassem lugares de destaque e encontrassem voz e vez na sociedade, por serem vistas como corpos e mentes frágeis.

Com a chegada do feminismo e a luta pela quebra destes paradigmas, na tentativa de enfraquecer o sistema patriarcalista, os homens sentiram o peso da intimidação e logo se articularam para encontrar meios de enfraquecer o movimento das mulheres, inviabilizando a entrada e permanência delas em lugares que pudessem influenciar mais mulheres para reconhecerem sua importância e lutarem por seus direitos como: empregos com salários e jornada de trabalho justos, espaço político com quórum de mulheres suficientes para resguardar novos direitos, preservar ou melhorar os já existentes e sobretudo, a busca incessante por respeito, visibilidade e reconhecimento enquanto mulher, cidadã e ser independente.

É importante ressaltar, que o feminismo contribuiu para a disseminação da democracia, assim como o empoderamento feminino, uma vez que o patriarcalismo foi associado a um sistema opressor no qual o homem herdara a legitimidade de direito sobre as mulheres pelo simples fato de serem homens. Sobretudo o patriarcado branco em relação às mulheres negras, nas quais estes sentiam-se confortáveis para agirem da forma mais perversa e violenta possível em relação à mulher negra, como salienta em suas obras autoras como bell hooks, Ângela Davis, Toni Morrison e tantas outras.

Pierre de Bourdieu traz em *A dominação masculina (2005)* a representação da legitimação da visão do sistema patriarcalista no qual tem o compromisso com o leitor de retratar a realidade do pensamento masculino sob um viés puramente hegemônico, no qual aborda de maneira significativa, a importância que o próprio homem tem de se sobrepor a figura feminina e a resistência e desconforto do homem ao ser contrariado, por acreditar, que a supremacia masculina deveria prevalecer em qualquer situação ou circunstância, devido ao fato da sua condição de gênero.

Na obra *O olho mais azul (1970)*, de Toni Morrison, é possível perceber que o personagem Cholly Breedlove, o pai da personagem principal, Pecola, recebe desde a infância, o estímulo da forte influência do patriarcalismo, entretanto, é importante ressaltar que ele é um homem negro, vítima do racismo e até alcança certo êxito no âmbito social em que estava inserido, até meados da sua juventude, porém ao ter contato com o universo do homem branco, ele passa a ter seu patriarcalismo limitado, pois no que tange a hierarquia deste sistema opressor, o homem branco era supremacia absoluta e logo, Cholly Breedlove passa a ter uma postura e atitudes extremas com as mulheres que se aproximavam dele, e mais fortemente, com a família que construiu, desde a opressão verbal, física e

psicológica, sobretudo com a sua esposa, a Sra. Breedlove, culminando em uma agressão sexual a sua própria filha, a Pecola, uma criança de onze anos que passou por diversas situações opressoras de certa forma contribuídas pelo sistema patriarcalista.

Para os detentores do sistema patriarcalista, é válido lembrar que para sentirem-se fortes, empoderados e até imbatíveis, na maioria das vezes, eles sentem a necessidade de oprimir, desmerecer ou até mesmo agredir a mulher, na tentativa de legitimar sua hierarquia, poder e hegemonia, além de sabotar o feminismo e criar um espaço de rivalidade entre as mulheres com o intuito de enfraquecer a cumplicidade feminina e desarticular o poderio feminino.

O sistema patriarcalista apoia-se na vertente de que as mulheres são seres responsáveis por gerar a vida e logo devem dedicar-se inteiramente a esta prática, além de cuidar da família, refutando toda e qualquer ideia contrária. Por ser vista com um ser inferior e frágil, o homem por si só passou a compreender, que poderia dominá-la facilmente e corrigir o que fosse considerado como um ato vil, usando desde a opressão velada, como por exemplo, a violência física explícita, como uma maneira de conter uma possível insubordinação feminina.

A contenção, por meio da imposição do sistema patriarcalista regeu e ainda rege diversos espaços socioculturais, entretanto, é notório observar que, esta nomenclatura não é soberana e gradualmente foi sendo desconstruída com a intenção de favorecer a igualdade entre os sistemas, sem a sobreposição de um em relação ao do outro.

No capítulo a seguir, será abordada de forma mais contundente a análise da obra *O olho mais azul* (1970) de Toni Morrison, no qual teremos a oportunidade de conhecer e desvendar as entrelinhas que a autora utiliza para poder não só revelar as dores vivenciadas pelos personagens, como descortinar como ocorre a relação de poder e opressão que tanto dizima as classes menos favorecidas, como a população negra, colocando-os em uma situação desfavorável, sobretudo as mulheres e crianças negras, as quais vivenciavam uma realidade totalmente fora dos padrões brancos.

5 ANÁLISE DE O OLHO MAIS AZUL

Uniremos nesta dissertação os fundamentos da literatura enquanto representação da realidade, o conceito explorado por Patrícia Hill Collins (1990) Grada Kilomba (2019), bell hooks (2000), Audre Lorde (1984) e Djamila Ribeiro (2019). Bem como temáticas relativas à representação do gênero feminino na literatura como os estudos realizados por Sueli Carneiro (2018), Angela Davis (2016), Hall (2003). Quanto à questão de gênero, Perrot (2007), Beauvoir (1980), Butler (2003).

Esta dissertação pretende, deste modo, enriquecer a crítica de Toni Morrison, mediante a análise de um aspecto relevante na literatura, que é a violência de gênero e a representação da resistência da figura da mulher negra em face à exposição da dominação masculina.

Segundo Diana Klinger (2008), renomada teórica que discute os discursos que mostram a intimidade do indivíduo, como um veículo de organizar os dilemas mais pessoais e intimistas do sujeito, assim como uma forma de externar vivências, que dialogam com os aparatos coletivos, influenciando a postura do homem diante da relação de poder desempenhado durante toda a vida, principalmente nas relações diretamente com as mulheres.

O presente capítulo consiste na investigação a respeito da violência de gênero em *O olho mais azul* (1970), da escritora norte-americana Toni Morrison, cujo enredo se debruça em apresentar, em uma narrativa memorialística, a trajetória de Pecola, entorno de suas particularidades de luta e resistência feminina, bem como nuances mais específicas, que podem ser associadas à vida de qualquer outro ser humano.

Nesse sentido, a dissertação em questão é norteadada pela ideia de que a violência de gênero é capaz de promover uma representação das vivências das personagens podendo representar fatos associados à vida do próprio leitor da obra ou de alguém próximo. Dessa forma, o relato memorialístico tende a trazer uma retomada da vida convidando o indivíduo a fazer uma reflexão acerca da presença da violência de gênero, perpassando gerações e legitimando tal prática patriarcalista comum desde os primórdios do início do mundo.

Assim, tem-se como questões norteadoras os seguintes questionamentos:

Como a obra *O olho mais azul* (1970), de Toni Morrison, pode ser analisada no que concerne à violência de gênero?

Quais características da obra *O olho mais azul* (1970) comprova a presença da violência de gênero? Como a referida obra contém elementos fictícios, que ora se associam e ora se distanciam da vida do leitor?

Dessa maneira, a intenção da presente dissertação é promover uma discussão a respeito da obra *O olho mais azul* (1970), de modo a perceber as suas abordagens que ressaltam uma escrita pautada, até certo ponto, próximas às vivências de muitas mulheres. É nesse sentido que o estudo sobre a violência de gênero, será base para tal dissertação, assim como, especificamente, a discussão sobre como se dá a relação da violência de gênero em diversas classes sociais, independente de faixa etária, gênero ou orientação sexual.

Desde o início do século XIX, o indivíduo teve apreço em refletir a respeito de si, por meio de questionamentos e de escritas íntimas, que serviam para eternizar experiências, fatos sobre si e como algumas particularidades compunham o ser desses indivíduos. Desse modo, embora a contemporaneidade seja tomada ou ainda retomada de abordagens, evidenciando essa perspectiva esfacelada da intimidade por meio de discursos, a escritura intimista existe há muito tempo e dá suporte para compreender a evidência e concretização da violência de gênero.

Stuart Hall desde muito jovem percebeu a importância de conhecer com mais afinco a sociedade como um todo e suas diversas nuances, então passou a dedicar sua trajetória acadêmica para observar o mundo em que vivia, questionar identidades, valores e compreender como a relação de poder poderia estar presente e ser determinante no meio social, logo, surge a importância de estudar a respeito da violência de gênero, como ela ocorre e porque a relação de poder entre dominador e dominado se faz presente, independente do meio.

Hoje, os estudos culturais ganharam um papel de destaque no meio acadêmico, pois passou a ser uma espécie de “ponto de tensão”, no qual suscita novas questões e valoriza novas formas de estudos acadêmicos, incentivando a intelectualidade, sem desprezar os aspectos sociais nos quais modificam o modo de ser e viver da sociedade, que está em constante evolução e sofrendo mutações diversas para conseguir acompanhar a modernidade, que é imposta por um sistema opressor, excludente, capitalista e cada vez mais globalizado.

A identidade e as forças oriundas da cultura serviram de base para que Hall

buscasse desenvolver e aprofundar suas pesquisas em tais áreas, uma vez que, era necessário provar para o universo acadêmico o quanto o ser humano pode ser influenciável, mesmo tentando buscar preservar sua resistência cultural e valorizar sua ancestralidade, entretanto, as transformações políticas e sociais, viriam como um marco impulsivo e determinante para a modificação do novo modelo de identidade e sociedade vigente.

Ao falar sobre gênero, é importante ressaltar a existência um viés ligado diretamente ao patriarcado e por sua vez, deixa transparecer uma relação de dominância sobre o ser considerado inferiorizado, este independe de sua condição biológica, classe social, etnia ou orientação sexual, segundo explica Machado (2000, p.4): “Trata-se de um sistema ou forma de dominação que, ao ser (re)conhecido já (tudo) explica: a desigualdade de gêneros.”

A sociedade foi moldada desde o início da civilização a estabelecer que a mulher deveria ter uma posição de destaque inferior em relação ao homem, pois ele é considerado mais forte fisicamente, logo, deveria este ficar responsável por ser o provedor da intitulada família e a mulher por sua vez, deveria desenvolver tarefas consideradas mais leves, como cuidar do lar e dos afazeres domésticos, bem como garantir a educação e bons costumes aos seus dentro e fora do lar.

Sob este viés, os direitos das mulheres de tentar se igualar ao homem partindo da perspectiva de que ela poderia ocupar lugares semelhantes ao do homem, como em setores trabalhistas e ter acesso a uma renda financeira mensal parecida, era inacessível em meados do século XIX, fortalecendo o sistema opressor e legitimando a relação de poder exercida pelo patriarcalismo, além de ser legitimada pela violência de gênero, conforme nos aponta Freud (1933/2006, p. 205) “não há maneira de eliminar totalmente os impulsos agressivos do homem; pode-se tentar desviá-los num grau tal que não necessitem encontrar expressão na guerra” no qual fomenta a necessidade de que o homem tem de usar sua agressividade, quando este sente que seu poder pode ser ameaçado ou enfraquecido.

A mulher por sua vez era vista como uma subalternizada, logo, práticas violentas contra ela era comum e em alguns casos até aceitáveis como a suposta “defesa da honra masculina” no qual conferia ao homem o direito de penalizar a mulher, caso este se sentisse desrespeitado pela conduta feminina, desde o início da civilização até meados do século XX e tornando-se inconstitucional na segunda metade do século XX.

A ideia de reproduzir o modelo de homem detentor de poder e ser determinante não só no seio familiar, como na sociedade de modo geral foi unânime, gerando uma figura estereotipada do que seria uma figura masculina, digna de respeito e propagador da violência de gênero com o intuito de manter a ordem e a respeitabilidade independente do meio em que estivesse inserido em prol da permanência e durabilidade do poder masculino.

É preciso ressaltar que os meios de comunicação ganharam relevância soberana, pois a partir deles, foi possível divulgar a cultura, informações diversificadas, ampliar estudos, valorizar outras culturas, consolidar valores e disseminar uma política que seria determinante para a construção de uma identidade, além de estabelecer uma relação de comunicação e determinar a cultura.

Em *Lugar de fala* (2017) Djamilia reforça que “existe um olhar colonizador sobre nossos corpos, saberes, produções e, para além de refutar esse olhar, é preciso que partamos de outros pontos” na tentativa de alertar que as mulheres ainda são vistas como um ser inferiorizado frente a dominação masculina, no qual exercem o desfavor nas relações de gênero para legitimar a hierarquia e impor a condição de masculinidade e consequente poder.

Note que a cultura assumirá um papel fundamental na sociedade, pois servirá de base para a intervenção social, em que os indivíduos serão moldados, segundo a orientação ou “alienação” cultural a qual serão submetidos, deixando transparecer, que as relações de poder ocuparão espaço como cultura dominante e desestabilizará aquilo que não estiver conforme os moldes esperados pelo sistema dominante.

É importante ressaltar que as mulheres passaram a ter uma tomada de consciência com a chegada do feminismo negro, o qual as orientava com o intuito de unirem-se para lutar contra o sistema opressor vigente. Para bell hooks (2020, p. 67), “sua resistência à dominação masculina patriarcal no lar proporcionou a elas uma conexão que poderiam usar para se unir, ao longo das classes, com outras mulheres cansadas da dominação masculina” com intuito de ganharem visibilidade e garantir proteção aos seus lares (o seu eu indivisível), no qual constantemente era violado pelas amarras da dominação masculina.

Os estudos culturais fazem parte direta do processo que facilitam e favorecem a cultura, sobretudo permeiam o campo da resistência no tocante a preservação da identidade cultural de um povo, bem como o multiculturalismo, pois a cultura está em

constante transformação, favorecendo a luta das mulheres oprimidas.

As pessoas estão ávidas e anseiam por uma busca incessante de valores pré-definidos ou até mesmo aqueles considerados finais, entretanto, não será possível definir os “valores finais”, pois a sociedade passa por um processo de mutação constante e alcançar o fim cultural, seria quase impossível, por isso, o processo de conscientização de luta e a resistência feminina precisa ser constantemente alimentada, para que mais mulheres possam compreender, que a desigualdade e violência de gênero permeiam diversos âmbitos, desde o familiar às ruas em que constantemente se está exposta.

Michel Foucault trouxe a ideia de que, desde muito tempo, a escritura íntima servia como uma forma de o indivíduo refletir sobre si, sobre sua vida e sobre os fatos que a compõem, de modo que a escritura sobre a vida promova uma “frequente meditação” a respeito do vivido. (Foucault, 1992). Sob esse viés, podemos observar que Foucault suscita uma espécie de rememoração sobre as práticas da violência de gênero, bem como a ressignificação dela com o intuito de observar até que ponto essa relação de poder tão desejada e defendida pela figura masculina deve ser acatada.

Ainda que reconheçamos que a escrita de si tenha um histórico memorável, é inegável que na contemporaneidade essa evocação da escritura íntima é mais recorrente, pois são inúmeros os gêneros que promovem a discussão com base na vida do indivíduo.

Segundo Paula Sibilia na obra *O show do eu* (2008) a modernização em massa aumenta, trazendo consigo fatos que promovem a espetacularização da individualidade e da intimidade dos sujeitos, fazendo com que discussões sobre as formas de representar a si em obras literárias, seja um fato relevante em tempos contemporâneos, sobretudo a postura do homem frente a realidade que o cerca.

Outro elemento considerado, será a prática do feminismo negro, uma vez que, escrever acerca de facetas diferenciadas sobre o feminismo negro, requer leitura e pesquisas diversificadas sobre a temática, além do que está disponível em obras sobre feminismo. Porque ainda existe uma resistência quanto a aceitação da contribuição das mulheres negras para a luta feminista, e ainda, porque é preciso mensurar o que se entende por um discurso legitimado.

O trabalho, considerado como fonte de renda capaz de suprir diversas necessidades, é visto para as mulheres como uma fonte de libertação das amarras

da dominação masculina, entretanto, há uma releitura deste pensamento como alerta bell hooks

“Mas somente mulheres privilegiadas tiveram o luxo de imaginar que trabalhar fora de casa iria realmente proporcionar ganho suficiente para permitir que fossem economicamente autossuficientes. As mulheres de classe trabalhadora, já sabiam que o salário recebido não iria libertá-las.” (bell hooks, 2020, p. 67)

Pertencentes a uma classe subalternizada, na qual não era possível alcançar posição confortável diante da real situação enfrentada pela imposição masculina, as mulheres eram sempre vítimas deste sistema opressor patriarcalista.

Na época da escravidão no Brasil, as mulheres negras procuravam trabalhar conforme o que lhes eram permitidos fazer, como serem quituteiras, por exemplo, e ainda utilizavam o pouco dinheiro arrecadado, para custear a alforria de pessoas negras escravizadas. Muitas colaboraram para o desmembramento da escravidão, bem como as condições hostis e constrangedoras. Numa tentativa de proteção à sua raça. As mulheres, negras na época da escravidão, tiveram uma tomada de consciência forte em prol de exercerem um papel importante na luta pela sobrevivência do povo negro, pois sabiam do poder de liderança que possuíam, sobretudo, sua resistência no tocante à preservação cultural de seu povo.

Angela Davis fala a respeito dessas mulheres negras que trabalham fora de casa em contraturnos das mulheres brancas: “Enquanto as mulheres negras trabalhavam como cozinheiras, babás, camareiras e domésticas de todo tipo, as mulheres brancas do Sul rejeitavam unanimemente trabalhos dessa natureza” (DAVIS, 2016, p. 98). Os intitulados como brancos sentiam-se em condição de destaque, por não realizarem trabalhos vistos como menores sendo assim, privilegiados e conseqüentemente, com salários melhores.

Em *O olho mais azul* (1970), Pauline presta serviço na casa de uma família branca e zela por ela, como se sua fosse e passa a reconhecê-la como sua casa, na qual lá, não habitava Cholly e por isso, poderia considerar como seu lar. Em consequência a este fato, ela se desvincula do amor maternal, e já não reconhece seus filhos como seus.

“Ela olhava para sua casa, cheirava o linho, tocava roupas de seda e amava a tudo isso. A camisola rosa de sua filha, a pilha de almofadas brancas com detalhadas com bordados, os lençóis com bainhas superiores feitas de flores azuis. Ela se tornou o que é conhecido como a serva ideal, pois essa

posição saciava todos os seus desejos. Quando ela banhava a menininha Fisher, era uma banheira de porcelana com torneiras de prata da qual escorriam quantidade infinita de água quente e limpa. A secava em uma toalha branca e macia e a colocava em roupas fofas para dormir. Então, penteava o cabelo amarelo, desfrutando da forma que escorria por seus dedos. Nenhuma banheira feita de zinco, nenhum balde com água fervida no fogão, nenhuma toalha cinza, escamosa, dura, lavada na pia da cozinha, nenhum cabelo embaraçado para pentear.” (Morrison, 2019, p. 128)

As tarefas domésticas eram destinadas às mulheres negras, elas possuíam poucas possibilidades de trabalho, pois as pessoas que ocupavam lugares de poder, não se dispunham a realizar tais trabalhos por considerá-los inferiores.

Na obra fica claro a maneira como as mulheres negras eram inferiorizadas, subalternizadas e ignoradas. A sororidade das mulheres brancas, assim como a dos homens brancos não existia. E por sua vez, os homens negros abusavam de sua posição na sociedade patriarcal para oprimir ainda mais as mulheres negras. Para estas, por sua vez, só lhes restavam resistir frente a um sistema opressor, pois suas dores não eram sentidas nem doídas. É assim que Pauline passa a ver sua posição no meio em que ocupa:

“Mulheres brancas diziam, “faça isso”. Crianças brancas diziam, “me dê aquilo”. Homens brancos diziam, “venha aqui”. Homens negros diziam “Deite”. As únicas pessoas que não lhes dão ordens são crianças negras e mulheres negras. Mas, elas pegaram tudo aquilo e recriaram a sua própria imagem. Elas governavam as casas de pessoas brancas e sabiam. Quando homens brancos batiam em seus homens, elas limpavam o sangue e iam para casa receber abusos da vítima.” (Morrison, 2019, p. 139).

O olhar depreciativo, aponta a existência de personagens fora do padrão social vigente, no qual abdicam de sua própria existência para se encaixar no modelo esperado, reforçando a condição de inferioridade da mulher negra, e sua condição de seguir silenciada, mas com a certeza de que ela proverá o sustento de sua família sem questionar ou rebelar-se.

Por vezes, o feminismo permeia o campo da invisibilidade, principalmente o negro, na qual as mulheres negras eram tratadas e vistas como mera mercadoria, e ainda sim, lutavam pela libertação de todo um povo.

Segundo Avtar Brah o sujeito político do feminismo negro desvincula o sujeito unitário e masculinista do discurso eurocêntrico, bem como a versão do “negro” como cor política, pois desestabiliza a noção de “mulher” como categoria unitária. Embora formado em torno da problemática da “raça”, o feminismo negro desafia contundentemente os limites de sua constituição, pois embora ao pensar na

interseccionalidade, as mulheres negras preocupavam-se além das opressões que vivenciavam e com o discurso de uma luta meramente identitária, elas buscavam um novo modelo de sociedade.

As mulheres negras cresceram em meio trabalhista, andavam nas ruas sozinhas, além de terem que se protegerem de possíveis investidas, logo, não se enquadravam no molde de mulher frágil, submissa e recatada, o que as distanciavam da realidade da mulher branca.

Feministas renomadas como Angela Davis e bell hooks, ressaltam que, as mulheres brancas queriam ser aceitas no mercado de trabalho, enquanto as negras ansiavam pela regularização do trabalho, que já exerciam para sustentar suas famílias.

O tema da interseccionalidade remete à sobreposição ou intersecção de identidades sociais e sistemas relacionados de opressão, dominação ou discriminação, no qual considera fatores como raça, orientação sexual, e identidade de gênero, neste segmento, temos bell hooks que em meados da década de 1970, já externava a invisibilidade das mulheres negras, embora, fossem detentoras de saberes diversificados, o que fomentou ainda mais para que várias mulheres negras no movimento sufragista fossem excluídas da história, portanto, neste momento fica comprometido o feminismo negro, porque tentaram silenciar essas mulheres e sua bandeira não era considerada feminista, embora tivessem sua parcela de contribuição no campo literário, histórico e dado exemplo no tocante à resistência.

Para Bourdieu (2005), “a mulher ao longo da história esteve excluída do universo das coisas sérias e assuntos públicos”. Observamos nesse universo de dominantes e dominados, uma profunda reviravolta que altera os papéis sociais e conseqüentemente a visão de mulher tanto na história como na literatura, a construção dessa trajetória de mulher é verificada por Perrot (2007), ao expor e discutir as diferenciadas facetas do eu feminino antes e depois do advento do movimento feminista, divisor de águas na história da mulher seja ficcional ou histórica, bem como expõe Alves e Pytanguy (2003) ao dizer que o feminismo repensa e recria a identidade sexual do indivíduo de modo a desconstruir os modelos hierarquizados.

Vale ainda destacar, que segundo Stuart Hall (2008), a expressão diáspora “está fundada sobre a construção de uma fronteira de exclusão e depende da construção de um “*outro*” e de uma oposição rígida entre “o dentro e o fora”, ou seja, existe um conflito nítido entre o “ser interior” e o desconhecido, proporcionando uma

aversão nos indivíduos da diáspora. Há uma dificuldade em compreender que, o indivíduo está alheio, imerso em sua própria cultura.

Perrot (2007) evidencia em sua obra essa mudança da postura feminina através da inserção no mercado de trabalho e da busca por uma identidade pessoal, independentemente de estar atrelada a um modelo masculino, mesmo que os ranços patriarcais se preservem nos discursos sobre a mulher, o que podemos perceber na obra *O olho mais azul* (1970) de Toni Morrison, a mulher negra tentando se afirmar em um novo meio, mas ainda atrelada a certas exigências que a impedem de exercer a sua liberdade, tendo ela que lutar contra as demandas e intempéries do meio, para consolidar um novo sujeito feminino, mostrando que os impedimentos ao desenvolvimento profissional e intelectual do seu gênero não estavam ligados a fatores imanentes a si, mas ao meio em que estava inserida.

Outro personagem que recebe destaque é Cholly em que o desenvolvimento de sua misoginia pode ter relação ao abandono de sua mãe que o deixou na ferrovia com 4 dias de nascido. Ele fora acolhido por sua tia, esta sensibilizara-se pelo fato de ver uma criança sendo abandonada, então, resolve amá-la como seu. Ainda na adolescência sua tia falece e ele é jogado a própria sorte, o qual favorece a sua insegurança e necessidade de reforçar a construção de poder que será revelada ao longo da narrativa.

Cholly passa por uma situação inusitada e ao envolver-se intimamente com outra adolescente, fora visto por dois homens brancos mais velhos, logo sentiu-se humilhado e atribuiu a culpa à menina que estava com ele. Desde então, passa a ser mal-humorado, irritado e cultivar seu ódio, a princípio por Darlene a jovem que estava com ele, dando indícios de que a violência de gênero não se refere apenas a relação entre homem e mulher, mas configura uma relação de dominação, no qual o ser inferior será oprimido, obedecendo uma cadeia de hierarquização.

Anos depois, sentiria o desejo de impor sua força e repressão diante de quem não lhe ofereceria a menor resistência como a frágil e doce Pecola, seria finalmente uma maneira de impor seu poder, mesmo que fictício e com auxílio da violência, legitimando a violência de gênero e fazendo valer sua imposição.

É notório que homens ocupam lugares privilegiados e ao menor sinal de ameaça ao seu suposto poder, logo revidam na tentativa de manter a hierarquia a salva segundo nos afirma Hooks:

“O que isso indica é que como homens, eles colocam a execução do privilégio masculino acima de qualquer outra coisa na vida. E se for necessário que abusem e explorem mulheres para manter esse privilégio, eles o farão sem hesitar” (Hooks, 2015, p. 114)

Ao analisar as personagens femininas na obra *O olho mais azul* (1970) de Toni Morrison, percebe-se que Pecola traduz o reflexo de Pauline, ao mirar-se ao espelho, uma vez que sua mãe, Pauline, é vítima do sistema opressor o qual a rechaça desde a tenra infância, sem tem a quem recorrer, por simplesmente acreditar que aquela condição miserável de vida fazia parte da realidade das mulheres negras, logo, não poderia ou deveria questionar. Com Pecola não fora diferente, não encontrava abrigo no seio familiar, sobretudo em sua mãe, a quem deveria no mínimo, protegê-la. Nesta cena é possível perceber momentos de horror vivenciadas por Pecola, os quais a causariam traumas profundos.

“Por que ela tinha que parecer tão abatida? Era uma criança – sem fardos para carregar – por que não estava feliz? A clara confirmação de sua miséria era uma acusação. Ele queria quebrar seu pescoço – mas gentilmente. Culpa e Impotência surgiram em um dueto tempestuoso. O que ele poderia fazer por ela? Dar a ela? Dizer a ela? O que poderia um homem negro cansado dizer para as costas curvadas de sua filha de onze anos? Se ele olhasse para seu rosto, veria seus olhos assombrados e amorosos. O primeiro irritaria – o amor o levaria a fúria.” (Morrison, 2019, P. 159)

Ao reportar-se ao corpo feminino negro, percebe-se que há uma série de informações pejorativas, que permeiam os registros históricos, através da tradição cultural. Era comum estereotipar as mulheres negras, sobretudo o seu corpo pautado em categorias fenotípicas e “escalas cromáticas”, inclusive culpabilizá-las por diversos tipos de agressões, traumas e toda a sorte de violência, principalmente a sexual sofrida por ela.

Expressões como: a mulata, a negrinha, a pretinha, a moreninha, a crioula, entre outras, eram comuns para referir-se a mulheres negras, com o intuito de diminuí-las, e de certa forma, contribuir para o processo de aceitação prévia da submissão. Os corpos negros femininos foram submetidos à dominação masculina, sendo subordinados às normas impostas pela sociedade, com a perspectiva de sucumbir seus valores morais além de presidir o controle de seus movimentos, gestos, atitudes, sua aparência e, sobretudo sua sexualidade.

A mulher negra, em especial a africana foi tão dizimada quanto a sua própria terra, infelizmente, ainda hoje, existem resquícios desse dissabor, no qual contribui para a inviabilização do convívio social, e reforça os estigmas em relação ao negro,

sobretudo à mulher negra, deixando-a em uma condição completamente desfavorável. A diáspora negra relaciona-se ainda às minorias literárias publicadas, uma vez que a mulher negra era condicionada ao domínio dos colonizados, no qual a impossibilitava de exercer a sua liberdade e conseqüente identidade.

Na obra *O olho mais azul* (1970), de Toni Morrison é notória a influência direta que o colonizador exerce em desfavor da condição de inferioridade das personagens negras da obra como é perceptível neste fragmento:

“patrão dissera: “Vocês são feios”. Eles tinham olhado ao redor e não viram nada para contradizer a afirmação; na verdade, viram sua confirmação em cada cartaz de rua, cada filme, cada olhar.” (Morrison, 2019, p. 49)

As feministas negras, como Boyce Davies e bell hooks reforçam constantemente sobre o cuidado de alianças para a supressão de desafios. Para hooks, o amor-próprio, e pelos seus irmãos de cor, é a saída para romper com as amarras sociais nas quais as mulheres negras foram encarceradas, sobretudo, o conhecimento oriundo dos seus ancestrais, nos quais devem ser preservados a fim de evitar embates desgastantes e desnecessários.

Era comum e até justificável a violência contra mulheres e crianças na sociedade patriarcal: “A violência patriarcal em é baseada na crença de que é aceitável que um indivíduo mais poderoso controle outros por meio de várias formas de força coercitiva” (HOOKS, 2018, p. 95). As grandes guerras reverberam as comunidades fragilizando-as, as quais não mensuram que o terror passar a fazer parte da rotina dessas famílias, desconsiderando o estado físico e mental das vítimas que surgem. E o romance de Toni Morrison tem o papel social de suscitar a discussão pontual sobre a violência doméstica e a violência contra mulheres negras e sobretudo, a violência de gênero.

É notório que a diferença de gênero marcada pela relação de homem e mulher, exerce uma notoriedade, no qual há uma predominância no gênero masculino, entretanto, tal diferença de gênero se for vista apenas por um viés, é possível termos sérias limitações.

Outra autora com uma ótica perspicaz, acerca da denúncia por meio da literatura, despertando no leitor um convite a reflexão, é Conceição Evaristo, na qual em sua obra *Olhos D'água* (2014) é perceptível a condição social degradante vivenciada por mulheres, sobretudo as negras, que enfrentavam problemas diversos,

dentre eles a prática da exclusão através da miséria, falta de oportunidade, violência de gênero e invisibilidade.

A partir dos anos 80, através de escritos de feministas, a percepção de gênero recebe reformulação. O chamado potencial epistemológico radical.

[...] conceber o sujeito social e as relações de subjetividade com a sociedade de uma outra forma: um sujeito constituído no gênero, mas não apenas pela diferença sexual, e sim por meio de códigos linguísticos e representações culturais; um sujeito “engendrado” não só nas suas experiências de relações, mas também nas de raça e classe: um sujeito, portanto múltiplo em vez de único, e contraditório em vez de simplesmente dividido.” (Laurents 1994, p.2008)

É sabido que alguns discursos, como os artísticos, do cinema e da literatura, por exemplo, reforçam a presença do estereótipo usado para diferenciar mulher de homem, considerando a questão do sexo. A partir deste preâmbulo, tem-se o conceito “tecnologia do gênero” por compreender que este “é produto de diferentes tecnologias sociais” (Laurents 1994, p.208), uma vez que o sujeito não é único e nem está pronto, ele é plural, formado por suas diferentes identidades. O sexo é um dos elementos, mas não o único, e talvez, o menos importante, pois as questões de gêneros perpassam as questões biológicas, nas quais grupos específicos acreditavam ser fulcrais para determinar o potencial intelectual, comportamental e, sobretudo o hierárquico.

Em o *Olho mais azul* (1970) é suscitado a questão da violência de gênero e do desfavorecimento da figura feminina negra no cinema e os homens negros que puderam receber certa notoriedade neste âmbito, no caso de Bill Bojangles Robinson, considerado como o único ator negro tendo recebido salários generosos por sua atuação, ainda sim, teve sua carreira marcada por servir de suporte para uma atriz branca e ao final de sua carreira, faleceu sem reconhecimento ou dinheiro.

Para Laurents (1994, p. 215), a construção de uma categoria para separar masculino e feminino, torna-se algo excludente. Ela afirma que: “Os homens e as mulheres não só se posicionam diferentemente nessas relações, mas — e esse é um ponto importante — as mulheres são diferentemente afetadas nos diferentes conjuntos”, deixando transparecer que a relação de poder existente entre os sexos opostos é nítida, reforçando a condição de supremacia exercida pelo homem.

Segundo Foucault, o conceito de “tecnologia de gênero”, surgiu a partir da concepção de que não há sexualidade, esta foi criada, segundo sua defesa, para

satisfazer a cultura da sociedade burguesa dominante, com a intenção de favorecer a hegemonia do sexo, logo, a mulher seria indubitavelmente desfavorecida, uma vez que a relação de poder prevalece em todos os âmbitos, configurando uma opressão não só de classe, mas de gênero.

No mais, Laurents cita algumas autoras como Tânia Modleski, Rosi Braidotti, que criticam as teorias dominantes sobre o gênero, o masculino, no qual é visto como um antagonista da literatura feminina. Discute-se o “pós-feminismo”, como uma válvula de escape para permitir às mulheres continuarem no feminismo, e que os homens também conquistem uma subjetividade feminista. Trata-se de um constante processo de desconstrução e reconstrução do gênero, no qual Toni Morrison abraça a causa e dedica-se a escrever sobre tais assuntos.

Segundo Teresa de Lauretis autora da obra *A tecnologia do gênero* (1987) menciona o conceito de gênero e afirma estar ligado diretamente com a diferença de sexo, o que muito contribuiu para reforçar questões como: estereótipo, reducionismo, a universalização da mulher, ou seja, uma concepção genérica de mulher. Logo, a formação do ser, era definida por meio do sexo, e esta ideia de certa forma, limitou o conceito de gênero.

Segundo Foucault, o conceito de “tecnologia de gênero”, surgiu a partir da concepção de que não há sexualidade, ele defendeu esta criação para satisfazer a cultura da sociedade burguesa dominante, com a intenção de favorecer a hegemonia do sexo, logo a mulher seria indubitavelmente desfavorecida.

Assim o gênero feminino não é algo físico, mas imaterial advindo de uma esfera de construções simbólicas sobre os gêneros (Butler, 2003), construções essas que nem sempre estão pautadas em dados reais, mas que estão inseridas na história e cultura das sociedades, aprisionando os seres em moldes consolidados, difíceis de serem rompidos.

As categorias nas quais se investigará na obra *O olho mais azul* (1970) de Toni Morrison também a condição de vida sob a pele de uma mulher negra, as opressões vivenciadas e a relação de poder exercida pelo dominador, com o intuito de legitimar a relação de violência de gênero.

A vida de Pecola sob a égide de Claudia é composto por um leque de desesperança e dor, expondo a realidade de tantas outras meninas negras em diferentes lugares, no qual a realidade fomenta a barreira racial sublocada à superioridade branca, a qual incentiva que meninas como Pecola sejam destruídas,

graças às expectativas imaginárias e degradantes a que são submetidas, mas longe da esfera da concretização.

A obra *O olho mais azul* (1970), de Toni Morrison, escritora norte-americana e a primeira mulher negra vencedora do prêmio Nobel de Literatura, em 1993, produziu uma obra que aborda temas acalorados como injustiça, discriminação, racismo, desigualdade, trauma, resistência e violência de gênero, no qual nos convida a refletirmos o quanto o gênero, raça e classe nas experiências dos personagens ainda são temas sensíveis, mas que precisam ser provocados de forma compromissada.

A autora tem o cuidado de abordar os principais temas e ideias tratados por intelectuais e ativistas, assim constrói um panorama da violência de gênero e trauma negro sofrido com referências de dentro e de fora da realidade da personagem Pecola. E propõe importantes conceitos para compreender não apenas os mecanismos de opressão das mulheres personificadas na figura de Pecola, mas também como essas mulheres precisam desenvolver conhecimentos e estratégias para enfrentá-los e se defenderem.

A escritora Chloe Anthony Wofford, mais conhecida como Toni Morrison, nasceu na cidade de Lorain, em Ohio, nos Estados Unidos, no dia 18 de novembro de 1931. Ela se tornou famosa por sua obra intensa e comovente, na qual expressou a vivência das negras norte-americanas ao longo dos séculos XIX e XX, como forma de denunciar a violência de gênero vivenciada, silenciada e por vezes normatizada por uma sociedade condicionada a aceitar sem questionar os desígnios implantados desde o início da civilização.

Toni Morrison teve a iniciativa de retratar em seus livros personagens que apresentam história de vida traumática, como forma de denunciar e modificar a realidade de muitos ao seu redor. Sua popularidade vem justamente de sua maestria em traduzir as experiências destas protagonistas negras e miseráveis, em um país economicamente abalado.

A partir do foco adotado para esta investigação com o intuito de ressaltar a violência de gênero em *O olho mais azul* (1970), de Toni Morrison, vislumbra-se a construção uma visão ampla da figura feminina, tendo em vista a condição da mulher, bem como seu silenciamento, a descrição de seus hábitos e costumes, a partir de uma visão memorialística individual e coletiva, uma vez que a autora dá visibilidade a essas mulheres fadadas a serem condicionadas a aceitarem, as

condições de opressão impostas pela sociedade.

O “feminismo negro”, por sua vez, possui uma diversidade de experiências, por isso, almejava um lugar especial como sujeito feminista. Além disso, ao trazer para o primeiro plano um vasto leque de experiências diaspóricas em sua especificidade, o feminismo negro passou a representar a vida negra em toda sua plenitude, criatividade e complexidade, com o intuito de dar voz a uma classe tão oprimida e silenciada.

É importante ressaltar que Toni Morrison em sua obra *O olho mais azul* (1970) dá o pontapé inicial na luta antirracista, sobretudo ao ar destacar violência de gênero e crítica feminista na tentativa de desconstruir valores racistas e sexistas que manipulavam aquela sociedade e nutriam a esquizofrenia da personagem Pecola Breedlove, como é possível verificar nesta passagem em que a Pecola Breedlove decide comprar doces em um determinado estabelecimento.

“Como é que um comerciante branco imigrante de 52 anos, com gosto de batatas e cerveja na boca, a mente adestrada a Virgem Maria de olhos meigos, a sensibilidade embotada por uma permanente consciência de perda, pode ver uma menina negra?” (Morrison, 2019, p. 52)

Ao retomar a passagem que revela como Pecola Breedlove sentia-se ao ser invisibilizada, imersa ao sistema excludente dando indícios ao longo da obra, do seu desejo de sair daquela situação. De certa forma, ela suscita o conceito de diáspora como um dos reflexos de discursos racistas na constituição do sujeito negro, sobretudo a do sexo feminino, que sempre fora condicionado a aceitar sem questionar as “mazelas” impostas.

É importante definirmos um conceito para diáspora¹, a princípio é válido determinar como a ausência de um lar, em seguida, a reconstrução do seu habitat, acompanhada do incansável desejo de regressar ao que fora deixado para trás, sem descartar a possibilidade de envolver distâncias exageradas, permeadas pelo constante desejo de retorno, porém sem êxito.

Segundo Stuart Hall, a expressão diáspora “está fundada sobre a construção de uma fronteira de exclusão e depende da construção de um “Outro” e de uma oposição rígida entre o dentro e o fora” (Hall, 2008, p. 32), ou seja, existe um conflito nítido entre o “ser interior” e o desconhecido, proporcionando uma aversão nos

¹O termo diáspora define o deslocamento, normalmente forçado ou incentivado, de grandes massas populacionais originárias de uma zona determinada para várias áreas de acolhimento distintas.

indivíduos da diáspora¹. Havia uma dificuldade em compreender que, o indivíduo está alheio, imerso em sua própria cultura.

Stuart Hall (2003, p.444), na obra *Da diáspora: identidades e mediações culturais* aborda a maneira como o corpo negro é visto, meramente semelhante a um “arquivo de repertórios culturais próprios”. Este é o lugar onde se “guardam muitas tradições”, bem como as “lutas pela sobrevivência do povo negro na diáspora e, por outro lado, as contra narrativas que lutamos para expressar”. É perceptível, nas culturas negras, especialmente no período da diáspora, que muitas mulheres negras ficaram reféns do sistema opressor e por vezes, não tiveram opção, e passaram a usar o próprio corpo, como meio de subsistência. Ao longo da história tais “recursos disponíveis” para aos afrodescendentes inspiraram outras narrativas através das informações culturais preservadas por seus antepassados.

Para Hall, foi inevitável, nos negros se verem como “telas de representação”, pois a partir da maneira como eram “representados e imaginavam a si próprios”, descobriram “quem eram”, despertaram para a valorização de suas tradições culturais de origem africana, gingados, movimentos, contornos, gestos, modos de vestir, estilos de cabelo, rosto e a cor da pele. Transformaram os seus corpos negros em um palco de “contestações estratégicas”, de lutas e da afirmação estética negra. Nele, produziram as contra imagens e as contra narrativas que almejavam inscrever: silenciadas, apagadas, ocultadas e “esquecidas” pela historiografia no Brasil. (Hall, 2003, p. 347).

A relevância desse projeto para o programa de mestrado em literatura assenta-se em primeiro lugar no fato de muitos pesquisadores lançarem o olhar para terrenos distantes, esquecendo a produção literária, e principalmente, no fato de que levar ao cabo uma investigação sobre a obra que possui um olhar tão particular acerca da figura da resistência feminina a qual contribui para o enriquecimento da crítica literária no que concerne aos estudos de literatura e gênero produzidos na academia.

Os motivos que levaram a escolha da autora e da obra aqui em foco, foi: suscitar a importância da reflexão sobre violência de gênero a partir da forma e do contexto em que as mulheres negras segregadas viviam em detrimento a própria Toni Morrison, além de registrar os seus hábitos, costumes e visões sobre a figura da mulher, sobretudo a negra.

Quanto à originalidade desta dissertação, esta fica na apropriação da obra

como um manifesto, que retrata a violência de gênero, apresentada pela ótica de uma escritora, que através da personagem Pecola, vivenciou dissabores e obstáculos em prol de sua sobrevivência e resistência pessoal.

No subcapítulo que segue, teremos a oportunidade de analisarmos de forma individual, os principais personagens de *O olho mais azul* (1970) de Toni Morrison, na tentativa de elucidar a trajetória de vida deles, bem como a construção da personalidade de cada um deles frente ao processo opressor.

5.1 A análise das personagens de *O olho mais azul*

Ao retomarmos a leitura de *O olho mais azul* (1970) de Toni Morrison é inevitável não nos depararmos com uma variedade de pautas abordadas na obra a qual a autora, de forma sutil e autêntica, nos desvenda questões pertinentes ao dia a dia das pessoas de diferentes classes sociais, gênero ou raça, especialmente aos personagens de sua obra como uma forma de denunciar a realidade das pessoas daquela época. Indubitavelmente, a obra é atemporal, pois para alguns, há uma certa legitimidade, uma vez que, de alguma maneira, vivenciam ou vivenciaram tais questões, já para outros, há um certo distanciamento de tal realidade e para tantos, uma realidade conhecida apenas de ouvir falar.

Em *O olho mais azul* (1970) foi mencionado pautas acerca do racismo, colorismo, violência, em suas diversas nuances – como a doméstica, física, psicológica etc – e sobretudo o estupro, um assunto que traz um grande assombro, porém na obra, foi abordado com tamanha seriedade o comprometimento de Toni Morrison em tocar em um assunto delicado, pois ela teve o cuidado em não só revelar o incesto presente na obra de maneira singular, atrelado ao patriarca da família, o Sr. Cholly Breedlove, tendo assim, uma forma não apenas de denunciar essa particularidade, que por vezes era recorrente nas famílias menos abastadas e negras, como fazer o leitor ter um olhar um pouco mais empático ao autor e protagonista de tal ato vil, que outrora também pudera ter sido vítima do sistema opressor, rejeitado pela sociedade por diversos fatores e questões, como uma forma de atenuar sua culpa e trazer para o suposto transgressor, um olhar de benevolência, entretanto, sem anular a culpa cabível a ele em relação ao ato cometido por tal personagem.

Toni Morrison escreve *O olho mais azul* (1970), um romance político com o intuito de denunciar a realidade da sociedade da década de 1940, no momento em que a segregação racial e sobretudo, a ausência dos direitos civis estavam em desfavor do negro e das pessoas de origem humilde, na tentativa de conscientizar a sociedade vigente de tamanho descaso, enfrentado por uma parcela considerável de pessoas marginalizadas, esquecidas e excluídas pela elite branca, que se autoafirmavam donos da situação e merecedores dos privilégios que a vida poderia proporcionar a eles, pois a pele branca por si só, já era o bastante para ser vista e tratada de forma superior, validando os estigmas sociais criados outrora, de que a pele negra não merecia ser reconhecida ou bem tratada, sendo esta, uma prerrogativa da condição de vida favorável ao homem branco.

Os personagens pensados por Toni Morrison que deram vida ao *O olho mais azul* (1970) tiveram um papel fundamental e esclarecedor ao reportar a realidade da sociedade americana da década de 1940, a qual descortina, com riqueza de detalhes, o âmago de cada personagem, seus traumas, anseios, dúvidas, medos, sonhos, desejos, vontades e sobretudo, expõem de maneira vívida, as raízes fincadas em solo fértil que até os dias atuais, têm resquícios dos maus dias vivenciados por cada personagem da obra, dando lugar a um protagonismo autêntico e atemporal, independentemente do local em que as pessoas de pele mais escura possam estar situados, assumindo o compromisso de relatar a condição hostilizada de vida levada por pessoas de pele mais retinta.

É fato, de que o passado pode reverberar o presente significativamente, repercutindo de maneira sagaz as atitudes, pensamentos e mais ainda de forma involuntária, reproduzir condutas e comportamentos, que outrora possam ter sido vilipendiados, vivenciados, presenciados ou ainda terem sido negligenciados reforçando as memórias traumáticas nos personagens.

Para melhor compreender a dinâmica do ser humano, podemos fazer uma analogia a partir da premissa, de que cada pessoa pode ser semelhante a uma espécie de casa, a qual um dos cômodos, mais precisamente o “sótão” do ser humano pode esconder verdades, dores, cicatrizes ou mesmo alegrias, que nem sempre será de bom tom, deixar fluir ou vir à tona, pois inevitavelmente, poderá provocar um resgate inquestionável e talvez, o ser humano não consiga ter total controle sobre ele e em determinado momento, essa práxis poderá ser questionada

ou dar lugar a uma crise existencial, em decorrência de tais reminiscências. Também vale mencionar, que a sala de estar da casa da pequena Pecola e o respectivo jardim, solidificam suas lembranças afetivas de modo positivo, entretanto, o espaço da cozinha e sala de jantar, respectivamente, ora destinado para o jantar e a representação do prazer das refeições ou algum tipo de comemoração, trazem à tona e potencializam as lembranças traumáticas de Pecola, uma vez que, era justamente nestes espaços, em que ela vivenciara cenas de horror, acrescidas de dor e sofrimento.

Ao analisarmos cada um dos personagens de *O olho mais azul* (1970) é possível compreender a dinâmica de cada um deles, desde a construção de seus respectivos traumas, os quais reverberam a construção de seu caráter e moldam suas posturas e ações, legitimando-os, com o intuito de fazer o leitor apiedar-se deles de tal maneira, que antes mesmo da análise destinada a cada um, suscitará uma reflexão tamanha, a ponto de haver um novo olhar destinado ao julgamento das ações dos personagens de maneira isolada e única, compreendendo o real motivo de cada ação desencadeada, imposta ou sofrida por cada um deles.

A princípio, a protagonista, Pecola Breedlove – uma jovem afro-americana em busca constante por sua própria identidade e autovalorização – sempre acompanhada de suas amigas Claudia Mac Teer – a qual terá um papel de grande relevância, por narrar de forma contundente, não só a trajetória de Pecola, como a realidade vivenciada pelas meninas e mulheres negras de sua época, representando a consciência das normas raciais de beleza, além de ajudar o leitor a entender a complexidade da vida de uma mulher de pele retinta, desprovida do padrão de beleza esperada ou imposta pela sociedade, como bem representa Pecola e a comunidade em que vivia – além de Frieda Mac Teer que compartilha sua perspectiva de vida através do recorte de sua história ao longo do romance.

Toni Morrison elabora uma narrativa densa, impactante, elucidativa e que tem o compromisso de transmitir a real condição de vida de muitas vidas excluídas, seja por sua condição social, racial, religiosa, financeira, sexual, enfim, o simples fato de serem considerados inferiores e estarem à margem da sociedade abastada, por si só, já condiciona os respectivos personagens a embarcarem em uma autorreflexão, revistando o passado com o intuito de compreender o presente, pois é bem verdade que o ciclo vicioso a origem da má sorte das pessoas negras como a indiferença,

violência, possíveis abandonos ou negligências vivenciadas pelos negros desde a tenra idade, que involuntariamente se perpetua na vida adulta, dando lugar a memórias traumáticas, inclusive na repetição da prática de posturas e comportamentos desprezíveis direcionados às crianças negras indefesas, às quais outrora já foi motivo de dor e sofrimento e que no presente, volta à tona para assombrar os pequenos indefesos do presente, legitimando a prática da discriminação e maus tratos aos retintos, promovendo a incapacidade de lidar com os próprios traumas, além da busca pela identidade contra a opressão racial.

Pecola reverbera a ânsia de ter uma vida mais tranquila, ser vista e amada, assim como a personagem famosa Shirley Temple, que era branca, desfrutava de uma beleza ímpar e era idealizada pelas garotinhas da época, pois a consideravam uma personalidade que não enfrentava o peso do preconceito e ainda poderia desfrutar de todas as benesses que sua beleza e tom de pele poderiam lhe proporcionar, algo inatingível, para a condição e realidade de Pecola, devido a sua aparência desprovida de beleza e sobretudo, por ter um tom de pele mais retinta que as demais pessoas de seu convívio. Em virtude disso, a ela era dado a certeza de enfrentar um racismo cruel e descortinado perante a sociedade vigente, a qual uma criança indefesa teria que lidar com tal situação e ainda por cima, ser considerada responsável por tudo que vivenciasse.

A fixação por ter um tom de pele tão branco quanto o de Shirley e sobretudo olhos azuis, nos traz a certeza do que era considerado como belo e estaria associado diretamente à cor da pele branca, ao passo que a pele negra seria rejeitada e indigna de afeto, como personifica a Senhora Breedlove ao protagonizar a versão de mãe pouco ou nada amável com sua filha biológica, ao passo que ao se predispor a trabalhar na casa de uma família de pessoas brancas, cuidava com muito zelo e carinho de uma pequena menina branca e fazia questão de estreitar laços afetivos com esta criança, tratando-a como um ser especial, que ganhou seu coração, inclusive, ensina esta criança a chamá-la de “*Polly*” para melhor evidenciar e legitimar essa proximidade entre elas, enquanto que sua filha biológica, a Pecola, fazia questão que houvesse um distanciamento entre elas, exigindo que Pecola a chamasse de “*Senhora Breedlove*”, potencializando o abismo existencial entre elas.

É possível perceber que a Senhora Breedlove nutre uma cisão das amarras com a sua origem negra, ao favorecer o estreitamento dos laços afetivos com a

criança branca a qual tinha o compromisso de cuidar, como se fosse sua filha, pois para ela, estar inserida naquele contexto protagonizado por uma família branca, embora na condição de submissa, ainda sim, conferia-a uma sensação de pertencimento àquele seio familiar, no qual as mazelas presentes em seu dia a dia, como a discriminação, o racismo, a fome, pobreza, e tantas outras, não ousariam alcançar. E viver naquele ambiente, rodeado de pessoas brancas, favorecia a ilusão de pertencimento daquele mundo, distante da dor e do sofrimento em que estava submersa.

A senhora Breedlove ao cogitar a sensação da volta para casa, associava a uma maneira de acordar de um sonho e entrar obrigatoriamente em um pesadelo, sem ter hora certa para acordar, reforçando a ideia do fato de estar inserida no seio familiar de pessoas brancas, que de certa forma, faziam-na com que assumisse uma identidade branca, vivenciasse uma rotina de vida longe das mazelas de sua verdadeira casa, renegando suas origens e potencializando a condição da hegemonia branca em desfavor do negro.

O comportamento da Senhora Breedlove já dava sinais de sua postura austera em relação à sua filha Pecola, ao revelar traços de sua personalidade rude e peculiar, a qual não dissimulava a prática de violência de gênero em relação à Pecola ao usar não apenas termos depreciativos para dirigir-se à filha, como as diversas vezes em que não poupou esforços em dar uns bons açoites, como forma de correção, imposição, austeridade, aliviar dores pessoais provocadas por terceiros ou ainda, por pura maldade, afetando não só o lado físico de Pecola, mas sobretudo o psicológico. Assim, a Senhora Breedlove, mesmo que por vezes de forma consciente ou inconsciente, reforça o estereótipo de que o negro é inferior e por tanto, não precisaria dispor de piedade com ele, apenas com pessoas brancas, pois estas, seriam mais sensíveis e provavelmente não suportariam o processo opressor resilientes.

Note que a negação de sua cor é reafirmada com as atitudes da Senhora Breedlove através do trato destinado à sua própria filha Pecola, como uma tentativa de sufocar e/ou até mesmo silenciar sua origem negra, deixando aflorar seu desejo por uma identidade branca, por acreditar ser a solução para todas as mazelas vivenciadas ao longo de sua vida.

Ao analisar a figura paterna de Pecola, o Senhor Cholly, é possível perceber

o quanto ele é distrópico, revelando uma personalidade pouco aceitável pela sociedade, trazendo à tona, resquícios de traumas sofridos ainda na infância, os quais reverberam o presente, envenenando-o de tal modo, a sucumbir sua maneira bondosa de tratar as pessoas, sobretudo sua filha Pecola, uma vítima direta de suas atrocidades, pelo simples fato de estar vulnerável, a seu alcance e sem ninguém para protegê-la, pois teoricamente, essa função ou papel deveria ser dele, no entanto, ele é o próprio algoz da filha.

Cholly é um personagem considerado vítima do sistema opressor, o qual circunda sua reminiscência e faz alusão à sua infância, adolescência e juventude desprovida de grandes afetos, pois logo após seu nascimento, fora abandonado por sua mãe biológica e criado por sua tia-avó a qual apiedou-se de Cholly e não poupou carinho e amor a essa criança rejeitada.

Conforme os anos passavam, Cholly percebia que o mundo lá fora não dispunha do mesmo amor, afeto, respeito e cuidado para com ele, da mesma forma e intensidade que recebia em casa, pelo contrário, a sociedade branca, fazia questão de discriminá-lo, excluindo-o de todo e qualquer ambiente, deixando muito claro, que um negro não seria bem-vindo ao convívio dos brancos, sem a devida aprovação da sociedade branca, em virtude do seu tom de pele. Consequentemente, Cholly viveria em desfavor dos privilégios da sociedade dominadora branca, a qual dispunha de total liberdade e poder, para impor suas decisões diante das mazelas vivenciadas pelos negros, sobretudo os de pele mais retinta.

É bem verdade que os traumas construídos ainda na infância e adolescência de Cholly não deveriam ser usados como forma de justificar-se para transpor seus dissabores a uma outra pessoa, como por exemplo, a sua esposa, filho e mais ainda, à sua pequena Pecola, uma garotinha simples, inocente e vítima de tudo, que um negro poderia passar, além dos maus tratos que a sociedade poderia lhe proporcionar, pelo simples fato desta ser desprovida de beleza física e possuir um tom de pele mais escuro que o “aceitável” dentro de uma comunidade negra que preza pela hierarquia da cor.

O personagem Cholly é complexo e ultrapassa as barreiras da sagacidade, tornando-o uma mistura de alguém que teve o privilégio de receber as benesses do amor e carinho ainda na infância e anos depois, experimenta o sabor amargo da humilhação e do algoz branco proporcionado pelo sistema opressor, o qual molda

seu caráter de tal forma, a deixá-lo tirano e incapaz de reconhecer seu erro, sobretudo, a tentativa de obter uma mudança de personalidade, por acreditar que em seu lar, ele seria visto como senhor supremo, inquestionável e detentor de todo o poder que precisava ter para sentir-se seguro, nem que para isso, ele transferisse sua dor em forma de maus-tratos aos mais próximos como seus filhos e esposa.

Toni Morrison ao dar uma posição de destaque a Cholly o faz com perspicácia, pois elabora uma trama complexa, ao passo que aborda uma temática presente em algumas famílias menos abastadas na década de 1940 e mais precisamente a negra, a qual tem como intuito, denunciar a normalização de uma prática comum, em que a vítima era vista como “culpada” por sofrer o abuso, seja ele físico, sexual, psicológico ou outro, pelo simples fato de ser mulher, indefesa, sem voz e subjugada. O algoz partia do princípio de que a vítima, de alguma maneira o provocava, então, ele na condição de homem forte e vigoroso, não poderia sentir-se “desafiado” e logo agiam por impulso, nem que para isso, a dor e o sofrimento fosse provocado na suposta vítima.

A própria mãe de Pecola, a Senhora Breedlove, mesmo sendo mulher, negra e subjugada, é a primeira a rejeitar a filha e a culpabilizá-la por ter sido estuprada por seu próprio pai e ainda por cima, ter engravidado. Ela afirma em determinado momento, que sua filha, seduziu seu marido na tentativa de roubá-lo dela. É importante lembrar, que Pecola era apenas uma criança de 11 anos de idade, assustada, indefesa, vítima de violências múltiplas, seja na rua, na escola e principalmente em casa, local em que ela tinha o direito de encontrar amparo, amor, cuidado, proteção etc. Aquele lugar não tinha os moldes da representação de um lar para Pecola. Definitivamente, ali vigorava o seu “sótão” pessoal o qual sua família tinha essa representação e reverberava o seu pior pesadelo. Ali sofrera momentos de horror, sem ter a quem recorrer e ainda por cima, por vezes acreditava ser de fato culpada pelo fato de não ter nascido bonita, com uma pele de tom mais claro e sem os olhos azuis, que certamente, para ela, fariam toda a diferença, seriam a salvação de sua vida, ela não seria aquela rejeitada, finalmente seria feliz, não teria problemas, as pessoas a olhariam com amor, não seriam capazes de a maltratarem, na verdade, sentiriam até vergonha em cometer algum tipo de ato vil contra ela por conta de seus olhos, em contrapartida, suas amigas Claudia e Frieda representavam a acolhida e trégua em suas dores, proporcionando-lhes momentos tenros e

amistosos.

Infelizmente ter os olhos azuis era uma realidade impossível para Pecola alcançar, mas a sua inocência de criança não conseguia compreender, era algo complexo para ela, por isso, seguia resoluta em conseguir os olhos azuis, nem que para isso, fosse novamente abusada, ridicularizada, excluída e vilipendiada, porque ela só queria ter um fio de esperança, a certeza de poder vivenciar dias felizes como tantas outras crianças, como bem representava a Shirley Temple, uma artista mirim, que começou a atuar no cinema desde os três anos de idade, sendo branca, bonita, bem quista pela sociedade, passando a ser uma referência para muitas outras crianças por possuir um ideal de beleza e vida a ser almejado por muitos.

Vale a pena ressaltar que Toni Morrison teve o cuidado de humanizar o algoz Cholly, embora ele tenha tido uma atitude vil contra a própria filha, com o intuito não de normalizar ou amenizar o incesto, mas de reverberar a ideia de que o corpo negro é visto como disponível, na iminência de reforçar a relação de poder e supremacia entre a hierarquia da cor negra e seu respectivo superior, nos possibilitando compreender, que a subjetividade negra está predisposta a subserviência ao branco, fortalecendo a ideia de que a cor escura seria inferior, devendo ser submissa, sem haver resistência ou insubordinação, dificultando a ideia de que o negro pode ser senhor e dono de si, sobretudo as mulheres, estas fadadas a subalternização, sempre subjugadas e colocadas em uma condição de inferioridade, sem poder ter o direito de questionar ou lutar por seus ideais.

Note que a relação de poder é facilmente percebida ao contrapor a hierarquia entre as cores sobrepostas branco/negro, uma vez que a cor negra era ridicularizada, por representar um ser dado a frivolidade, promíscuo, sem escrúpulos, de caráter duvidoso, que representava uma ameaça, sendo considerado violento além de tantos outros adjetivos, os quais conferiam ao branco um ar de superioridade e autonomia para rechaçar o negro, banindo-o do convívio dos brancos e expulsando-os do seu próprio lugar de origem com o intuito de garantir a paz e segurança das pessoas brancas, pois o negro representava uma ameaça direta a eles, sobretudo às mulheres brancas, por considerarem o negro como um agressor sexual e violento.

Morrison tem como premissa básica, denunciar uma série de ideias distorcidas a respeito do negro, pois ela sendo negra e de origem humilde, tinha total propriedade e lugar de fala para expor as diversas nuances vivenciadas por ela

própria e seus irmãos de cor. Ela pôde legitimar a voz das mulheres negras, propiciando um ambiente favorável à denúncia, escancarando as verdades escondidas e adormecidas durante anos, sendo exposta uma versão distorcida da realidade dos negros e com mais veemência, a da mulher negra, subjugada, silenciada, submissa, subalternizada e forçada a achar que a culpa sempre era dela, por ser mulher, negra, desprovida de beleza, aceitar que seu corpo estivesse sempre disponível, não saber se portar e tão pouco, não reconhecer a superioridade do homem ou tentar em algum momento se rebelar contra ele, sobretudo se fosse um homem branco, o qual se considerava um ser supremo.

É justamente através da personagem Cláudia MacTeer, que Morrison impõe sua voz com leveza, doçura e de uma sagacidade indescritível para discorrer sobre os impropérios vivenciados por Pecola, sendo esta humilhada e rechaçada, a qual Cláudia, é a primeira a compreender as dificuldades vivenciadas por Pecola e de pronto, reconhece que ela é uma vítima do sistema opressor e assume a responsabilidade de denunciar e fazer ecoar sua voz aos quatro cantos, para que muitos pudessem ouvir e ter um olhar empático em relação à sua amiga, uma criança assustada, violentada, indefesa e tendo que ver sua vida sendo destruída por ações e atos vis vindos de toda a parte, não importando onde ela estivesse, sempre a oprimindo e a reprimindo como forma de neutralizar toda e qualquer iniciativa de se rebelar contra o sistema, evidenciando o quanto a denúncia se fazia importante, para legitimar a luta contra a opressão.

Pecola faz a referência da personificação da identidade vilipendiada, a beleza estereotipada vista pela sociedade como uma aberração fadada a dor e ao sofrimento, pelo simples fato de ser desprovida de encanto. Morrison traz à tona um fato curioso, ela reforça o que muitos sabem e outros fingem não saber, o fato de uma sociedade ser oprimida, pode estar ligado diretamente ao seu tom de pele, uma realidade comum aos que são negros e não importa o quanto tenham consciência da sua condição de inferioridade, ainda sim, sabem que o sistema opressor é cruel e afeta não só o lado físico, emocional, mas principalmente o psicológico das pessoas vítimas de racismo impossibilitando-as de terem uma vida sociável do ponto de vista emocional, pois os traumas adquiridos ao longo da opressão possuem um peso imensurável e irremediável, pouco tratável e não validado por terceiros de cor clara ou que estejam em um grau de hierarquia de cor, no sentido de revelar ou impor

poder na tentativa de silenciar o oprimido a não reivindicar ou não ter acesso aos seus respectivos direitos, dificultando a libertação das amarras da opressão, destruindo toda e qualquer possibilidade de manter uma vida saudável, digna e valorosa.

Claudia MacTeer desnuda a possibilidade de nutrir a omissão e fortalece a empatia, convidando o leitor a fazer uma breve reflexão sobre os diversos acontecimentos apresentados e narrados ao longo do romance de forma elucidativa, além de favorecer a sensibilidade, provocando o leitor a apiedar-se não só de Pecola, protagonista que vivencia as diversas atrocidades ao longo de sua história de vida, mas sobretudo, reforça o convite a ter um olhar empático no tocante à compreensão de como se dá a formação intelectual, humana, emocional, financeira, moral, religiosa e social de cada indivíduo presente na trama, sobretudo o negro, aquele considerado inferior, para melhor facilitar a construção de cada personagem e a forma como será visto, aceito, julgado, rejeitado ou até mesmo, compreender as ações protagonizadas ao longo da trama, suscitando ao longo de cada ação ou reação, a importância da construção moral de cada um, seus respectivos princípios e valores adquiridos, os quais foram afetados no decorrer de suas vivências, através de influências múltiplas de seus ancestrais ou até mesmo pela imposição do meio em que estiveram inseridos, reverberando em sua fala, ações e consternações de origem negra, para legitimar sua ancestralidade.

Durante o desenrolar da trama, é possível observar que, Pecola e sua melhor amiga Claudia MacTeer, tinham a mesma idade, porém com realidades e perspectivas diferentes em relação ao que a vida poderia oferecer. Elas moravam próximas, mas possuíam singularidades únicas com costumes parecidos, como bem observamos através de suas falas e pensamentos. Pecola era condicionada a todo custo a ser submissa, subalternizada, era ridicularizada e nutria a imaginação de que possuir os benditos olhos azuis, poderiam ser a salvação de sua vida, além de darem-na a beleza, poderia ressurgir o vigor da vida, o encanto, a leveza, assim, seriam vistos como um ser merecedor de amor, carinho e atenção. Ao passo que Claudia tinha outra perspectiva, ao observar, por exemplo, um presente a qual ganhou, uma boneca de pele branca, loira e bonita, semelhante a Shirley Temple, uma artista mirim, considerada como referência do modelo de beleza. Ela simplesmente se recusava e resistia seguir esse molde tão “taxativo”, o qual já dava

sinais de desgaste, impedindo que as garotas pudessem se olhar no espelho com mais amor-próprio, empatia, além de se reconhecerem como possuidoras de uma beleza única, e que sobretudo, pudessem compreender a importância da valorização da cor negra.

Para reforçar sua resistência contra esse sistema opressor, Claudia simplesmente destruía a boneca – branca e loira – como forma de protesto, enquanto outras crianças negras, dariam tudo para ter aquela boneca, pois admiravam sua beleza, o tom da sua pele, seus cabelos, a delicadeza da construção dos traços faciais, nitidamente mais contornados do que os de uma pessoa negra, no qual na maioria dos casos, os contornos faciais e nariz são mais robustos e até avantajados, em relação aos brancos.

É perceptível que tanto Pecola quanto Claudia, passam pela experiência da descoberta do primeiro ciclo menstrual, o qual teria uma representação singular e um dilema específico para cada uma delas, o peso da imposição do padrão de beleza, tido como uma condição para a aceitação do meio em que elas estavam inseridas e sobretudo a pluralidade da violência, a qual provocou danos e traumas irreparáveis em Pecola, embora Claudia tenha tido conhecimento e se condoía por sua amiga, além de compreender da pior maneira que ela era apenas uma criança e não deveria passar por uma situação tão desumana e cruel, por isso, assume as rédeas da denúncia e dá voz a uma criança silenciada pela vida, por seus pais, pela sociedade, pela comunidade escolar, vizinhos, por tantos adultos os quais se aproveitaram de sua inocência e ingenuidade para fazer reinar a violência multifacetada.

Claudia fez o que muitos por medo, vergonha, falta de humanização, sensibilidade, bom senso, empatia e tantos outros adjetivos não o fizeram, ela assumiu a condição de porta voz daquela doce pequena e sofredora criança para gritar ao mundo o quanto a violência de gênero é atemporal, independe de classe, condição socioeconômica, raça, gênero, tom de pele, enfim, ela perpassa toda e qualquer amarra e se instala em um ambiente propício ao descaso. Com Pecola não foi diferente, pois ela é fruto de uma família traumatizada, que carregavam dores e sofrimentos diversificados, os quais não conseguiram curar-se e ao se darem conta de que Pecola estava ali, passaram simplesmente a transferirem todas as suas amarguras pessoais para aquela criatura indefesa, na tentativa de atenuar suas

mazelas pessoais, por isso, Claudia, de alguma maneira, encontra meios para fazer cessar toda aquela condição degradante a qual Pecola estava submetida, para fazer com que tantas outras incontáveis Pecolas fossem vistas e salvas ou até mesmo, poupadas de tamanho descaso, dor e sofrimento.

Para Claudia, a compreensão e tomada de consciência de que o tom de pele branco deveria ser considerado superior ou visto como uma forma de validar sua condição de existência, ser respeitada, admirada ou até mesmo amada, era bem distrófico, pois cada ser é único e limitar a cor negra como alguém feio, desprovido de valores e indigno de respeito, precisava ser revisto, pois o negro não representava apenas um corpo disponível, ou alguém que não merecia ser confiável ou pertencer a um grupo privilegiado, pelo simples fato de seu tom de pele ser mais escuro, por isso, a persistência de Toni Morrison em dar voz a Claudia e reverberar que a condição de opressão deve ser veementemente combatida, pois caso contrário, só reforçaria a desconstrução da identidade do negro, levando em consideração a ideia da hierarquia do tom de pele, havendo uma validação da opressão dentro da própria cor negra, em que o negro mais retinto, seria mais vilipendiado em relação ao negro com o tom de pele menos escura.

Questões como essa são reforçadas e abordadas ao longo do romance como uma forma de denúncia política em prol da conscientização das pessoas, sobretudo dos próprios negros, na tentativa de reescreverem sua própria história, modificando algumas posturas, conceitos e atitudes com o intuito de reforçar a condição de igualdade, justiça, empatia, irmandade e proteção entre os seus, desconstruindo a ideia de que o negro é um ser menor, inferior, pertencente a uma classe excluída, subalternizada e incapaz, favorecendo a construção de uma mudança na construção social, valorizando a igualdade entre classes e raças, além de enfraquecer a violência de gênero.

Toni Morrison em *O olho mais azul* (1970) esboça uma narrativa política social com o intuito de denunciar as mazelas sofridas por uma criança retinta de apenas 10 anos de idade, a qual a pobreza lhe abraçara fielmente e a ausência de beleza fora sua melhor companhia, tornando-a o seu diferencial, a qual interferia diretamente na sua condição miserável de ser excluída socialmente, enquanto ser humano digno de ser bem quista, amada, respeitada, por não possuir o padrão de beleza almejado pela sociedade colonizadora branca, distanciando-a cada vez mais das benesses

propiciadas em abundância aos brancos, tornando-os mais ditadores e merecedores de escolher quem poderia ocupar lugar de destaque e quem deveria ficar literalmente na “cozinha”, longe dos holofotes da colonialidade, reforçando a permanência das desigualdades sociais. Morrison rompe as barreiras do silêncio dando voz a personagens negros, sobretudo às mulheres que representam a realidade vivenciada por tantos outros negros, em especial as próprias mulheres, vítimas do sistema opressor, que tenta a todo custo, reduzir a mulher a condição de ser inferiorizada e subalternizada, a qual aperfeiçoam os detalhes de suas subjetividades, inviabilizando-as de terem uma vida tida como comum pela população branca ao invés de reforçarem sua objetificação e sobretudo a hierarquia afetiva com base no tom de pele, uma vez que o branco merecia ser mais amado do que o negro, simplesmente determinado pela cultura branca, as quais reforçam a condição de inferioridade de cor de acordo com o tom de pele.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegarmos a esta seção, tivemos a confirmação da importância deste estudo para a comunidade acadêmica, assim como para a sociedade, especialmente para aqueles que não possuem acesso à leitura de obras literárias estrangeiras, essa negação inviabiliza a conexão com o novo olhar diante de um mesmo tema, tendo a oportunidade de ser contado de outra maneira, apontando novos aspectos, fora da realidade do seu país de origem, possibilitando a abertura de perspectivas múltiplas, as quais convidam o leitor a fazer reflexões díspares.

Nosso papel foi de suma importância no tocante ao descortinamento da visão distorcida do negro, ora vista como um vilão, um ser sem escrúpulos, violento, possuidor de uma sexualidade aflorada, dono de um corpo sempre disponível, o qual provocava o branco e “afrontava-o” para deflorá-lo sem culpa.

A mulher negra por sua vez, sempre foi a mais rechaçada, por ser mais frágil, não ter visibilidade, voz, não ser vista como um ser digno de respeito, alguém que foi moldada apenas para ser submissa, subalternizada, subjugada e não ter a quem recorrer, passando a ter que aceitar que aquela condição era natural, aceitável, própria para alguém do tom de pele mais escuro, uma regra inviolável e não deveria ser questionada.

Durante anos, os negros foram invisibilizados, cresceram achando que aquela condição miserável de vida fazia parte de uma hierarquia humana pré-estabelecida lá atrás, por seus ancestrais, entretanto, depois de uma certa idade, descobriam a impossibilidade de se acostumarem com um sistema tão opressor e desigual, porém pouco faziam para mudar esse estigma “pré-determinado”, então o jeito mais tênue aos homens negros de aliviar um pouco da sua dor, tensão, raiva e demais sentimentos, era transpor aos seres mais frágeis, os quais estavam sob sua égide e não teriam como questionar ou a quem recorrer, toda essa angústia e tensão em forma de violência, seja física, moral, psicológica, verbal e demais formas cruéis para sentirem-se donos da razão e situação, uma vez que fossem vilipendiados fora de seus lares por brancos, em casa sentiam a necessidade de também experimentarem desse suposto poder, oprimindo aos seus.

As mulheres negras recebiam ordens e maus-tratos de todos os lados vindo

dos brancos, independente se eram homens, mulheres e/ou crianças e as crianças negras, por sua vez, eram as mais oprimidas, pois além de serem vítimas de toda a má sorte provocadas pelos brancos, ainda vivenciavam os horrores muitas vezes estimulados por seus próprios pais, potencializando o ciclo vicioso de dor e sofrimento passado de geração a geração.

Toni Morrison luta com veemência para elucidar, denunciar, encorajar e cessar essa balbúrdia genuína disfarçada de opressão, instalada durante anos no interior dos negros, era preciso uma boa dose de consciência para compreender quão desigual era aquela condição miserável destinada aos negros, era preciso encorajar aquela gente a lutar por sua liberdade pessoal, por não aceitar as migalhas do reconhecimento social para enfim, compreenderem que cada ser humano tem o seu valor diante da vida e que essa suposta hierarquia de cor devia ser colocada em desuso.

Como os homens são mais vaidosos do que as mulheres, quando o assunto em pauta chama-se “poder”, porque para a maioria dos homens ter alguém subserviente seria bem melhor, que ter o amor genuíno de alguém, Toni Morrison partiu do pressuposto de que as mulheres negras poderiam ser uma porta de entrada para a tomada de consciência, uma vez que, elas teriam mais compaixão pelos iguais, pensariam na família, nos filhos e conseqüentemente em seus pares e parentes de maneira solidária, buscando uma equidade de modo a evitar conflitos e possíveis dores e sofrimentos.

Toni Morrison sentiu na pele a dor de ser silenciada e invisibilizada por anos e por isso, decide dar voz as suas protagonistas, sendo elas mulheres, para que todos pudessem sentir o ecoar de suas vozes, não só como um grito de liberdade e socorro, mas como uma forma de escancarar todas as mazelas vivenciadas por mulheres, sobretudo as negras, vítimas de toda dor e sofrimento provocado pelas violências múltiplas, as quais impediam, e em muitos caso até hoje, impedem mulheres de serem livres e viver conforme sua própria vontade.

Em *O olho mais azul* (1970), Toni Morrison aborda temas espinhosos com leveza, didática, humanização, sem deixar de pontuar o que de fato importa, a dor, sofrimento e violência vivenciado por suas personagens, principalmente a garotinha Pecola no auge de seus 11 anos de idade, uma realidade tida como corriqueira na comunidade negra da década vigente, a qual a mulher era vista como culpada,

porque o homem só estava sendo homem e deixando seu instinto de macho falar mais alto. Questões como essa deveriam ser tocadas, esclarecidas e conscientizadas para que muitas outras crianças, mulheres e seres mais frágeis deixassem de ser vítimas do infortúnio da cultura do estupro de vulneráveis, crime este, que passou a ter o agressor culpabilizado, sendo passível de punição judicial nos rigores da lei, uma conquista que levou anos, mas que precisou de alguém encorajando tal prática, e partiu de uma mulher negra essa luta incansável pela tomada de consciência, para que toda a sociedade pudesse ter um novo olhar e sensibilizar-se com as vítimas de violência sexual e/ou quaisquer tipo de violência.

É inegável que Toni Morrison nos escancara um universo desigual e nos faz tirar a venda dos olhos e perceber o quanto somos cruéis ao nos silenciarmos, omitir ou negar ajuda para uma luta tão feroz que é a violência de gênero, disfarçada de bem-querer. Através de Pecola, uma garota vítima desse sistema opressor, por acreditar que a cor da sua pele retinta e ausência de olhos azuis, são a causa principal para que ela sofra as mais duras atrocidades que a violência possa lhe proporcionar. Ela era apenas uma criança ingênua e indefesa e sua amiga Claudia, embora tenha a mesma faixa etária, toma para si essa dor dilacerante e passa a dar voz àquela pequena silenciada, passa a literalmente gritar aos quatro cantos que sua amiga, criança e negra é um ser humano, é vítima da má sorte e violência de gênero, precisa de ajuda e não, de mais pessoas apontando-o como culpada, ela passa a pedir ajuda e nos faz perceber o quanto os seres humanos adultos são falhos e precisam rever seus conceitos, ao invés de simplesmente julgar a dor do outro como menor ou invalidá-la.

É justamente através de Claudia que Toni Morrison se apossa de sua voz e nos faz perceber, que esse romance político é denso, contém uma série de denúncias, mas que acima de tudo, não desumaniza o algoz, o trata como ser humano, também vítima do sistema opressor, nos lembrando de que a ferida precisa ser tratada na raiz e não apenas encarcerar e culpabilizar alguém na tentativa de maquiar uma realidade violenta.

Este estudo nos confere a sapiência de que as feridas são abertas conforme o passar do tempo, através de leves fissuras provocadas por meio do ambiente em que estamos inseridos, a maneira como somos educados, os privilégios que são dados ou tomados, as oportunidades, o seio familiar, a consciência construída ainda

na primeira infância e a descoberta ou redescoberta da melhoria enquanto cidadão. A violência de gênero é uma erva daninha, que precisa ser exterminada, evitada e tratada antes que possa dar frutos e é através de leituras e tomadas de consciência múltiplas, assim como nos apresenta Toni Morrison, que teremos uma aproximação com a igualdade entre as raças e etnias, diminuindo as mazelas da dor e sofrimento provocadas por elas, as quais alienam as demais pessoas, incentivando-as a sentirem-se superiores ao encorajar a prática da hierarquia em humilhar e rechaçar os menores, mais frágeis ou menos favorecidos, o qual a sociedade colonial está acostumada a fazer, validando o machismo, egocentrismo e a violência de gênero.

Ao finalizar este estudo, temos a certeza de que contribuimos de alguma maneira para dirimir as expectativas frente a violência de gênero, elucidando seu conceito, apontando falhas, causas, consequências e possíveis sugestões para esta prática milenar ser exaurida a tal ponto, que as pessoas possam compreender, sobre a relevância desta dissertação para a sociedade, com o propósito de suscitar uma reflexão e tomada de consciência de que as práticas abruptas fortalecem a violência de gênero, portanto é preciso silenciá-las ainda ao menor tamanho para que estas não tenham espaço para solidificar a dor e opressão em camadas desfavoráveis, bem como em seres mais frágeis e incapazes de ter voz e vez frente ao sistema opressor.

Antes de iniciar minha jornada acadêmica no mestrado, pouco sabia a respeito de conhecimentos e saberes múltiplos em diversos segmentos, sobretudo no quesito literatura, memória e identidade, pois a graduação por si só, não nos proporciona esse aprendizado mais acurado, uma vez que, existe uma outra vertente e perspectiva no âmbito da formação do estudante da graduação.

Com a oportunidade de cursar o mestrado, pude vislumbrar uma nova realidade, obter o desenvolvimento de um melhor pensamento do senso crítico, além de construir com mais afinco uma responsabilidade social de poder contribuir através do conhecimento adquirido ao longo da pós-graduação a devolução para a sociedade de um pouco do coletado no ambiente acadêmico, como uma maneira de convidar, partilhar e enriquecer os demais que estejam fora do acesso acadêmico, pois sabemos que, infelizmente, ainda é um lugar de pertencimento e acesso a poucos devido a questões díspares.

O amadurecimento pessoal foi e continua sendo um dos pilares inquestionáveis após a conclusão deste ciclo tão relevante, pois além de nos

afastar da rotina pessoal ou profissional, nos faz perceber com mais clareza, detalhes que, no dia a dia, não questionávamos como deveríamos por estarmos condicionados a sermos inertes diante das imposições do sistema opressor.

O mestrado pode ser considerado como uma oportunidade de reconhecimento pessoal, profissional, conferindo uma certa respeitabilidade e oportunizando melhores aspectos no quesito profissional, além de proporcionar a obtenção de competências analíticas e habilidades cognitivas, as quais favorecem o mestre no mercado de trabalho.

É bem verdade que esse ciclo marca o início de um aprendizado diversificado e experiências contínuas, nas quais o conhecimento não para e anseia por estar em constante evolução, por isso, a continuidade dos estudos no doutorado, é um desejo cada vez mais presente, pois temos a plena convicção de que é preciso avançar, galgar passos cada vez mais assertivos, na certeza de poder não só agregar valores, experiências, conhecimentos, mas sobretudo, poder converter e devolver para a sociedade, as benesses proporcionadas pelo estudo.

Para construirmos uma sociedade mais justa e igualitária, humanizando seres inferiorizados e diminuindo o abismo existente entre as classes sociais, é imprescindível difundir o conhecimento, levando-o às camadas menos favorecidas, a oportunidade de não só construir uma identidade sólida, pautada em valores, direitos e deveres, mas sobretudo em conscientização para todos compreenderem na prática de que o direito um termina, quando o do outro começa, reverberando a solidariedade como a engrenagem capaz de liquidar as mazelas sociais que inviabilizam a igualdade de gêneros, silencia os oprimidos e rechaça a condição trabalhista em diversos âmbitos das mulheres, sobretudo as negras por serem vistas como o outro do outro desde o início da civilização patriarcal.

Portanto, não basta obter conhecimento e engavetá-lo ou guardá-lo para fazer uso em ocasiões especiais ou apenas em seu benefício próprio, mas partilhá-lo na certeza de que a semente deve ser plantada, cultivada, possa dar bons frutos e que muitos serem beneficiados, na certeza de que essa construção do saber e conhecimento não poderá ficar inerte, mas ser propagada e suscitar a consciência de atos e ações reflexivas no tocante a contribuição para uma sociedade mais justa e igualitária.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Americanah**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ALMEIDA, Silvio. **O que é racismo estrutural?**. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

ALVES, Branca Moreira. PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

ALVES, L. O. S. **Todos os cachorros são azuis**, 2018. 154 p. Dissertação Mestrado em Letras – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

ALVES, Laura De Oliveira Santos. **Autoficção e loucura em Todos os cachorros são azuis**, de Rodrigo de Souza Leão. Mestrado em Letras, Salvador, 2018.

AMORIM, R. A. L. **A experiência e o espaço das mulheres afro-americanas nas obras compaixão e voltar para casa, de Toni Morrison, e as representações, ações e motivações das outras mulheres**, 2021. 74 p. Dissertação Mestrado Acadêmico em Letras – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2021.

ARAGÃO, L. T. **“Mãe preta, tristeza branca”: processo de socialização e distância social no Brasil (1990)** 1990. 20 p. Livro – Universidade de Brasília, Brasília, 1990.

ARAUJO, E. S. S. **Morrison, Angelou e Evaristo: Mulheres Negras e Escrita Revolucionária** 2021. 226 p. Tese de doutorado em Letras – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2021.

ARENDT, H. **Da violência. Título original: On violence**. Trad. Maria Cláudia Drummond. __ [1969] 2004. Disponível em: Acesso em: 07 dez. 2022.

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2010.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Trad. Sérgio Millet, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BERTH, Joice. **O que é empoderamento?**. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kuhner. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero**. In: Racismos contemporâneos. 2021.

CASHMORE, Ellis. **Dicionário de relações étnicas e raciais**. São Paulo: Summus, 2000.

COLLINS, Patricia Hill. **Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro**. Soc. estado, Brasília, v. 31, n. 1, p. 99-127, Apr. 2016.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e política do empoderamento**. São Paulo: Boitempo, 2019.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. 1ª edição. São Paulo: Boitempo, 2019.

CUTI. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DAVIS, A. **Mulheres, Raça e Classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEVAUX, G. F. A. C. **Maternidades Transgressoras em El Cuarto Mundo e Amada** 2018. 227 p. Tese de Doutorado em Letras – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.

DUBOIS, W.E.B. **As almas da gente negra**. Tradução, introdução e notas, Heloísa Toller Gomes. – Rio de Janeiro: Lacerda Ed. 1999. 323 p. ISBN 85-7384-051-X.

FANON, Frantz. **Pele negra máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FARANI, Ana Maria Sampaio Luz. **Traduzindo A Comunidade Afro-Americana de Toni Morrison em Sula**. 2019 – Pós-graduação em Literatura e Cultura. UFBA.

FERREIRA, Elio. **Identidade e solidariedade na literatura do negro brasileiro. De Padre Antônio Vieira a Luís Gama**. In: FERREIRA, Elio e outros. Ensaio - Concursos Literários do Piauí. Ensaios. Teresina: Fundação Cultural do Piauí, 2005.

FIGUEIREDO, Euridice [et all]. **Negritude, Negrismo e Literaturas de**

Afrodescendente. In: FIGUEIREDO, Euridice (org.). **Conceitos de literatura e cultura**. Juiz de Fora/Niterói: Ed. EdUFJF/EdUFF, 2010. **Mulheres ao espelho: autobiografia, ficção e autoficção**. Rio de Janeiro: EdUERJ. 2013.

FREUD, S. 2006. **Por que a guerra?** Vol. 22. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1933)

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro**. São Paulo: Editora 34, 2001.

GONZALES, Lélia. **Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira**. Ciências Sociais Hoje, n. 2, ANPOCS, 1983, pp. 223 – 244. 1983.

HALL, S. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo**. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, n. 2, v. 22, p .5, 1997.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na pós-modernidade**. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 1997.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 8ª ed. Rio de Janeiro: Dp & A, 2003.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Liv Sovik (org). Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HOOKS, bell, 1952 - **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras/** tradução Bhuvli Libanio. – 13ª edição – Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

HOOKS, bell. **Ain't I a woman: Black women and feminism**. South End Press, 1981. 210 p.

KILOMBA, Grada. **“The Mask” In: Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism**. Between the Lines, 2021.

KINGER, Diana. **Escrita de si como performance**. Revista Brasileira de Literatura Comparada, nº 12, 2008.

LAURETIS, Tereza de. **A tecnologia do gênero**. In: HOLLANDA, H. B. de. **Tendências e impasses**. O feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LEMOS, Rosália de Oliveira. **Feminismo Negro em Construção: a organização do movimento de mulheres negras no Rio de Janeiro**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro:UFRJ. Departamento de Psicologia, 1997.

LIMA, Raphael de Andrade. **A experiência e o espaço das mulheres afro-americanas nas obras Compaixão e Voltar para casa, de Toni Morrison, e as representações, ações e motivações das outras mulheres**. Universidade

Federal de Pernambuco, 2021.

LUZ, A. M. S. F. **Traduzindo A Comunidade Afro-Americana de Toni Morrison em Sula comunidade afro-americana de Toni Morrison em Sula**, 2016. 116 p. Dissertação de Mestrado em Letras – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

MACHADO, L. Z. **Perspectivas em confronto: relações de gênero ou patriarcado contemporâneo?** Série Antropologia 284 p, 2 – 19. 2000.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória**. São Paulo: Perspectiva, Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997.

MORRISON, Toni. *The Origin of Others*. London: Harvard, 2017.

MORRISON, Toni. **O olho mais azul**. São Paulo, Companhia das Letras, 1970.

Münster: Unrast Verlag, 2. Edição, 2010. Organização, Ashoka Empreendedores Sociais e Takano Cidadania. Rio de Janeiro: Takano Ed, 2003.

PALMA, M. D. **A violência nos contos e crônicas da segunda metade do século XX**. 2008. 227 p. Tese de Doutorado em Letras: Estudos Literários. Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual de Londrina, Londrina. 2008.

PALUMA, V. C. G. **“Identidade, memória e autoficção em ‘Une Si Longue Lettre’, de Mariama Bâ”** 2020. 153 p. Tese de Doutorado em Estudos Literários – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020.

PASSOS, K. C. **O triste olhar em frente ao espelho: uma análise sobre a representação da mulher negra em The Bluest Eye (O olho mais azul)**, de Toni Morrison 2019. 95 p. Dissertação Mestrado em Estudos de Literatura – Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2019.

PASSOS, K. C. **O triste olhar em frente ao espelho: uma análise sobre a representação da mulher negra em The Bluest Eye (O olho mais azul)**, de Toni Morrison 2019. 95 p. Dissertação Mestrado em Estudos de Literatura – Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2019.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: contexto, 2007.

PREGNOLATTO, F. P. **Um estudo da tradução de marcadores culturais em o olho mais azul e amada**, 2018. 113 p. Dissertação de Mestrado em Letras – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

PREGNOLATTO, Flávia P. **Um estudo da tradução de marcadores culturais em o olho mais azul e amada**. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, 2018.

RIBEIRO, Djamilia. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Grupo Editorial

Letramento: Justificando, 2017.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero, patriarcado e violência.** 1ª ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SAFFIOTI, H.I.B.; ALMEIDA, S. **Violência de gênero: poder e impotência.** Rio de Janeiro: Revinter, 1995.

SAHLINS, Marshall. 2006 **História e cultura: apologias a Tucídides.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

SAHLINS, Marshall. 2008. **Metáforas históricas e realidades míticas: estrutura nos primórdios da história do reino das ilhas Sandwich.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

SANTOS, A. D. T. S. **A protagonista negra e a “psicopatologia”: uma leitura do romance “O olho mais azul” de Toni Morrison.** 2019. 109 p. Dissertação Mestrado Acadêmico em Letras – Universidade Estadual do Piauí, Teresina, 2019.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. **Mulher negra homem branco: um breve estudo do feminino negro.** 2004, RJ. Ed. Pallas.

SEGATO R. L. **O Édipo Brasileiro: A dupla negação de gênero e raça,** 2006. 20 p. Série Antropologia – Universidade de Brasília. Brasília, 2006.

SIBILIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo.** Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2008.

SILVA, D. L. **Maternagens na diáspora amefricana: resistência e liminaridade em Amada, Compaixão e Um defeito de cor.** 2017. 171 p. Tese de doutorado em Letras – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

VIEIRA, W. N. **A relação espaço e biodiversidade segundo a visão das comunidades negras dos Eua em “Amada” de Toni Morrison** 2014. 98 p. Dissertação Mestrado em Crítica Cultural – Universidade do Estado da Bahia, Alagoinhas, 2014.